



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**INSTITUTO DE CULTURA E ARTE**  
**GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

**TATIANA PAULA SAUNDERS**

**A IA É PÉSSIMA? DILEMAS ÉTICOS EMERGENTES NA RELAÇÃO ENTRE  
INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS E COMUNICAÇÃO -  
A PARTIR DE UMA ANÁLISE DA SÉRIE BLACK MIRROR**

**FORTALEZA**

**2025**

TATIANA PAULA SAUNDERS

A IA É PÉSSIMA? DILEMAS ÉTICOS EMERGENTES NA RELAÇÃO ENTRE  
INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS E COMUNICAÇÃO -  
A PARTIR DE UMA ANÁLISE DA SÉRIE BLACK MIRROR

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda, do Instituto de Cultura e Arte, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Glícia Maria Pontes Bezerra.

FORTALEZA

2025

TATIANA PAULA SAUNDERS

A IA É PÉSSIMA? DILEMAS ÉTICOS EMERGENTES NA RELAÇÃO ENTRE  
INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS E COMUNICAÇÃO -  
A PARTIR DE UMA ANÁLISE DA SÉRIE BLACK MIRROR

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda, do Instituto de Cultura e Arte, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda.

Aprovada em: xx/xx/xxxx.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Glícia Maria Pontes Bezerra. (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Soraya Madeira da Silva  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. João Victor de Sousa Cavalcante  
Universidade Estadual do Ceará (UFC)

A Deus.

Aos meus pais e a toda a família.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e por mais uma conquista alcançada. A Ele, toda a minha gratidão por ter guiado cada passo até aqui.

Aos meus pais, Ericka e Tarvi, que sempre me incentivaram a trilhar o caminho dos estudos. Agradeço imensamente por todo amor e apoio em cada uma das minhas escolhas, sem nunca duvidar da minha capacidade. Vocês são meu porto seguro e os maiores exemplos que levo comigo.

Aos meus familiares que sempre me acolhem com apoio e carinho.

A Universidade por proporcionar um ambiente de aprendizado tão enriquecedor, marcado pela dedicação de professores inspiradores e por amizades que foram essenciais ao longo dessa jornada. Obrigada Osvaldo, Samilly, Paulo, Lennon, André, Denis, Lorena e tantos outros que tornaram tudo ainda mais especial. Fico feliz por todos os momentos, seja em sala de aula, na salinha da Rastro ou pelos corredores do ICA.

Ao Israel, meu companheiro, agradeço pela parceria durante esse processo que vivenciamos juntos, sua companhia e apoio tornaram cada etapa mais leve e especial. Obrigada por compartilhar desafios, conquistas e sonhos comigo.

À minha melhor amiga, Fernanda, obrigada por crescer comigo e me apoiar em tantas fases da vida. Aos meus amigos da escola, que mesmo com as mudanças do dia a dia, seguimos compartilhando risadas e celebrando as conquistas uns dos outros. Fico feliz em saber que escolhi boas companhias para levar comigo ao longo da vida.

À minha orientadora, Glícia, agradeço pela dedicação e apoio que me conduziram pelos melhores caminhos nesta pesquisa. Sua paixão pela educação, tanto dentro quanto fora da sala de aula, é admirável.

Aos professores participantes da banca examinadora, Soraya e João Victor, obrigada pelo tempo dedicado e pelas valiosas contribuições para o enriquecimento desta pesquisa.

“Nada é orgânico, é tudo programado.  
E eu achando que tinha me libertado”  
(Pitty, 2003).

## RESUMO

No contexto contemporâneo marcado pela dominação tecnológica, os sistemas de inteligência artificial ocupam um papel central nas dinâmicas sociais, econômicas e comunicacionais. Esta monografia visa identificar e analisar os dilemas éticos emergentes na interação entre inteligências artificiais e comunicação, buscando compreender de que forma essas tecnologias adentram e impactam o cotidiano da sociedade. Para alcançar esse objetivo, realizou-se uma abordagem metodológica qualitativa, articulada à análise fílmica de três episódios da série *Black Mirror*, selecionados por sua estreita relação com as temáticas e os dilemas éticos discutidos ao longo da pesquisa. Assim, sendo possível estabelecer paralelos entre os cenários ficcionais e a realidade contemporânea. A pesquisa se apoia em autores como Gilles Deleuze, Byung-Chul Han e Fernanda Bruno, visando compreender como os processos comunicacionais se tornam cada vez mais mediados por lógicas de controle, vigilância e mercantilização. Destarte, este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre as implicações éticas da adoção irrestrita dessas tecnologias, destacando a urgência de um debate público acerca dos limites, responsabilidades e princípios que devem orientar o uso da inteligência artificial no campo da comunicação.

**Palavras-chave:** inteligência artificial; ética; comunicação; dados; controle; *Black Mirror*.

## ABSTRACT

In the contemporary context, shaped by technological dominance, artificial intelligence systems play a central role in social, economic, and communicational dynamics. This monograph aims to identify and analyze the emerging ethical dilemmas in the interaction between artificial intelligence and communication, seeking to understand how these technologies are integrated into and impact everyday life. To achieve this objective, a qualitative methodological approach was adopted, combined with a film analysis of three episodes from the *Black Mirror* series, selected for their strong connection to the themes and ethical issues addressed throughout the study. This analysis made it possible to draw parallels between fictional narratives and real-world scenarios. The research is grounded in the works of authors such as Gilles Deleuze, Byung-Chul Han, and Fernanda Bruno, in order to examine how communication processes are increasingly mediated by logics of control, surveillance and commodification. Therefore, this research proposes a critical reflection on the ethical implications of the unrestricted adoption of these technologies and emphasizes the urgent need for a public debate about the limits, responsibilities, and guiding principles for the use of artificial intelligence in communication.

**Keywords:** artificial intelligence; ethic; communication; data; control; *Black Mirror*.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Recriação da imagem de Elis Regina por IA.....	31
Figura 2	– Greve hollywoodiana acerca do uso da IA.....	33
Figura 3	– Prisão em modelo Panóptico.....	41
Figura 4	– Salas envidraçadas da agência Neogama.....	43
Figura 5	– “The Next Rembrandt” de J. Walter Thompson de Amsterdã.....	49
Figura 6	– Imagens criadas a partir de IA com o comando de estilo “Estúdio Ghibli”.....	50
Figura 7	– Folhetim literário.....	58
Figura 8	– Abertura de <i>Black Mirror</i> .....	63
Figura 9	– Pôster promocional de “Joan é Péssima”.....	67
Figura 10	– Capa da série fictícia.....	68
Figura 11	– Central de produção a partir de dados dos assinantes.....	69
Figura 12	– Joan constantemente fornecendo dados ao seu celular.....	70
Figura 13	– Painel de vigilância e captação de dados para o streaming.....	71
Figura 14	– Site promocional de personalização da Streamberry.....	73
Figura 15	– Rachel e Ashley Too.....	74
Figura 16	– Sistemas de IA coletando dados da mente de Ashley O.....	75
Figura 17	– Holograma de Ashley O.....	75
Figura 18	– Pôster promocional de “Rachel, Jack e Ashley Too”.....	78
Figura 19	– Show com nova estética e nome de Ashley.....	79
Figura 20	– Mike assinando os serviços da Rivermind.....	80
Figura 21	– Amanda anunciando produtos em sala de aula.....	81
Figura 22	– Mike na plataforma “Dum Dummies”.....	81
Figura 23	– Último anúncio de Amanda.....	82

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

IA	Inteligência Artificial
NAI	Narrow Artificial Intelligence
AGI	Artificial General Intelligence
ASI	Artificial Superintelligence
DBM	Database Marketing
CPF	Cadastro de Pessoa Física
IAG	Inteligência Artificial Generativa
IAP	Inteligência Artificial Preditiva
GPT	Generative Pre-trained Transformer

## LISTA DE SÍMBOLOS

\$ Dólar

% Porcentagem

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Análise da abordagem da IA em “Joan é Péssima” .....	72
Quadro 2 - Análise da abordagem da IA em “Rachel, Jack e Ashley Too” .....	78
Quadro 3 - Análise da abordagem da IA em “Pessoas Comuns” .....	84
Quadro 4 - Análise comparativa dos episódios.....	86

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2</b>	<b>ASCENSÃO DA IA</b> .....	17
2.1	Inteligência humana como referencial .....	17
2.2	Entendimento dessa tecnologia .....	19
2.3	Pioneirismo e desdobramentos .....	21
2.4	IA no contexto da cibercultura .....	26
2.5	Aplicação na mídia .....	30
<b>3</b>	<b>MAS O QUE É ÉTICA?</b> .....	34
3.1	Ética no contexto digital .....	36
3.2	IA como cereja do bolo na Sociedade de Controle .....	37
3.2.1	Um outro ponto de vista além do panóptico .....	41
3.2.2	Os dados são o novo petróleo .....	44
3.3	A IA como aliada da criatividade .....	47
<b>4</b>	<b>FICÇÃO X REALIDADE</b> .....	57
4.1	Contextualização das narrativas seriadas .....	57
4.2	Apresentação da série Black Mirror .....	61
4.3	Metodologia .....	64
4.4	Descrição de “Joan é Péssima” .....	67
4.4.1	Análise de “Joan é Péssima” .....	69
4.5	Descrição de “Rachel, Jack e Ashley Too” .....	73
4.5.1	Análise de “Rachel, Jack e Ashley Too” .....	76
4.6	Descrição de “Pessoas Comuns” .....	79
4.6.1	Análise de “Pessoas Comuns” .....	82
4.7	Síntese das análises .....	85
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	87
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	89

## 1 INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo, as tecnologias ocupam um espaço cada vez mais central e determinante na configuração da sociedade. Esse avanço tecnológico, no entanto, não se apresenta como algo estático ou concluído, mas sim como um processo em constante evolução, impulsionado por inovações frequentes e pela integração de diferentes áreas do conhecimento.

Entre essas tecnologias, a inteligência artificial emerge como um dos principais agentes responsáveis por reconfigurar as dinâmicas sociais, econômicas e comunicacionais. Sua aplicação é responsável por otimizar processos e ampliar a produtividade em diversas esferas, como na educação, saúde, segurança e indústria. Essa tecnologia também ultrapassa o âmbito técnico, inserindo-se de forma cada vez mais sutil e natural no cotidiano das pessoas, através de assistentes virtuais, plataformas de streamings, resultados de navegadores de pesquisa, recomendações em redes sociais, sites de ecommerce, anúncios que parecem feitos sob medida para o usuário, entre tantos outros.

Entretanto, embora a IA facilite diversos processos humanos, ela também promove uma reconfiguração nas relações interpessoais e na maneira como os indivíduos produzem e consomem informações. Essa atuação silenciosa e automatizada confere às tecnologias o poder de controle social, uma vez que decisões algorítmicas passam a atuar como mediadoras das práticas comunicacionais ao mapear dados pessoais, distribuir conteúdos personalizados e reproduzir vieses algorítmicos.

Nesse cenário de avanço e domínio das tecnologias, em que tais dispositivos não apenas mediam as relações sociais, mas também influenciam diretamente a construção das subjetividades e o exercício do poder, emergem implicações éticas significativas que exigem reflexão crítica e debate sobre seu uso responsável.

É a partir dessa constatação que se justifica a presente pesquisa, cujo objetivo central é identificar e analisar os dilemas éticos que surgem na interação entre inteligências artificiais e os processos comunicacionais. Mais do que refletir sobre o impacto das tecnologias em si, busca-se discutir de que modo essas ferramentas se integram ao cotidiano de forma quase imperceptível, transformando relações sociais e, muitas vezes, negligenciando valores fundamentais relacionados à dignidade humana.

A etapa inicial desta pesquisa dedica-se a explorar a tecnologia da inteligência artificial, abordando sua definição, origem, principais características, fundamentos teóricos e avanços desde os primeiros desenvolvimentos até sua consolidação no atual cenário de

expansão digital. Para essa contextualização, são incorporadas as contribuições teóricas de autoras como Dora Kaufman (2019) e Lúcia Santaella (2023). Além disso, são examinadas as formas pelas quais a IA se integra ao cotidiano contemporâneo, evidenciando sua atuação e impacto em diferentes setores da sociedade, como educação, saúde e comunicação.

Na segunda etapa, a pesquisa volta-se à compreensão do conceito de ética e de seu papel fundamental na definição de limites e responsabilidades voltados ao bem coletivo, tanto em ambientes físicos quanto digitais. Em seguida, evidenciou-se que a inteligência artificial não carrega em si uma essência “boa” ou “má”, uma vez que seu impacto na sociedade está diretamente relacionado ao modo como é elaborada, aplicada e utilizada, sendo essas práticas moldadas pelos interesses, intenções e valores de seus desenvolvedores e operadores. Desse modo, consoante as perspectivas de Marilena Chauí (2000), Manuel Castells (2002) e Pierre Lévy (2010), destacou-se a necessidade de compreender o funcionamento desses sistemas tecnológicos e orientar seu uso segundo princípios éticos que favoreçam uma aplicação mais responsável e consciente.

Em um terceiro momento, observa-se que embora a inteligência artificial ofereça soluções práticas e benefícios em diversas áreas, o seu uso inadequado ou por má conduta pode resultar em sérias implicações éticas tanto para seus usuários quanto para a sociedade como um todo. Esse contexto suscita questões críticas relacionadas à vigilância, privacidade, autonomia, liberdade e transparência. Tais elementos impactam diretamente as estruturas de controle social contemporâneas, marcadas por formas de controle cada vez mais sutis e invisíveis, sustentadas sobretudo pela coleta, processamento e exploração de dados pessoais. Essas questões serão aprofundadas com base nos textos de autores como Gilles Deleuze (1990), Byung-Chul Han (2022), Fernanda Bruno (2006) e Mihaly Csikszentmihalyi (2013). A partir dessas perspectivas, busca-se compreender de que forma a inteligência artificial, quando orientada por interesses comerciais e estratégicos, pode comprometer valores fundamentais para a convivência ética e democrática em sociedade.

Com o objetivo de aprofundar a compreensão sobre a manifestação desses fenômenos, a metodologia adotada nesta pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, aliada à análise filmica de três episódios da série *Black Mirror*. Os capítulos “Joan é Péssima”, “Rachel, Jack e Ashley Too” e “Pessoas Comuns” foram selecionados por apresentarem conexões diretas com as temáticas e os dilemas éticos discutidos ao longo do estudo. Essa escolha permite traçar paralelos críticos entre os cenários ficcionais retratados na série e as dinâmicas do mundo contemporâneo, favorecendo uma reflexão mais aprofundada sobre os impactos sociais, culturais e éticos da inteligência artificial na atualidade.

Dessa forma, esta pesquisa busca oferecer uma visão crítica acerca dos impactos dessa tecnologia na configuração das relações humanas contemporâneas. A partir do diálogo entre os referenciais teóricos adotados e as narrativas ficcionais da série *Black Mirror*, pretende-se contribuir para o debate sobre os limites, responsabilidades e possibilidades éticas diante do avanço e da naturalização da inteligência artificial no cotidiano. Assim, estabelece-se o ponto de partida para uma reflexão necessária e urgente sobre o uso consciente dessas tecnologias, visando não apenas o progresso técnico, mas sobretudo a preservação dos valores que sustentam a dignidade e a liberdade humanas em um mundo cada vez mais automatizado e controlado.

## **2 ASCENSÃO DA IA**

Nas últimas décadas, o avanço acelerado das tecnologias digitais e a consolidação da cibercultura deixaram de atuar somente no meio online e passaram a impactar também o cotidiano da sociedade contemporânea. Com uma ferramenta de alcance global na palma da mão e tecnologias otimizadoras do dia a dia, como assistentes virtuais e o Chatgpt, a criação e edição de conteúdos foi facilitada, o que transformou profundamente as dinâmicas de produção, circulação e consumo de conteúdos midiáticos.

Nesse contexto, emerge-se uma nova era comunicacional, que por sua vez tem como característica marcante a aplicação das inteligências artificiais. Sua incorporação na automatização de tarefas, personalização de experiências em diversas plataformas e até mesmo em processos criativos, revela uma remodelação que ultrapassa as fronteiras do ambiente profissional e alcança esferas éticas, sociais e culturais.

Diante desse cenário, este capítulo busca apresentar uma contextualização teórica sobre a inteligência artificial e a cibercultura, visando compreender primeiramente como surgiram e, em sequência, de que forma essas tecnologias estão reconfigurando o ambiente midiático contemporâneo e quais dilemas éticos surgem a partir dessa relação.

### **2.1 Inteligência humana como referencial**

Começamos olhando para trás. Sob a visão da origem evolutiva, observamos que a espécie humana contou com características singulares que a capacitaram assumir uma posição dominante perante a outros seres vivos. Enquanto determinados animais tinham vantagens físicas, como a capacidade de voar, correr em alta velocidade e super força, o humano apresentava notáveis habilidades cognitivas avançadas, evidencia Bostrom (2014). Aproximadamente entre 30 mil e 70 mil anos atrás, a Revolução Cognitiva demonstrou ser um marco na história da humanidade, com o surgimento de novas formas de pensar e comunicar. Sob essa visão, Harari (2011) defende que seu desencadeamento é decorrente de contínuas mutações genéticas acidentais que alteraram os circuitos internos do cérebro dos sapiens, permitindo-lhes pensar de maneiras inauditas e comunicar usando tipos de linguagem completamente novos. Destarte, ao ser capaz de criar, consumir, transmitir e assimilar grande quantidade de informações, o homem gradualmente deixou de ser equiparado a qualquer outra espécie animal e passou a ser visto como um grande potencial intelectual.

Um importante fator que impulsionou o salto cognitivo humano foi o expressivo aumento de seu cérebro e das capacidades decorrentes dessa nova organização neurológica, conforme afirma Herculano-Houzel (2017):

O nosso cérebro ofusca os de outros animais não porque somos uma exceção à evolução, mas porque, por simples razões evolucionárias, possuímos o maior número de neurônios no córtex cerebral, algo não atingível por qualquer outra espécie, [...] somos a espécie que possui o maior número de neurônios no córtex cerebral a parte do cérebro responsável por descobrir padrões, raciocinar de modo lógico, prever o pior e preparar-se para lidar com ele, criar tecnologia e transmiti-la através da cultura (HERCULANO-HOUZEL, 2017).

Para além disso, outros aspectos foram fundamentais nesse processo evolutivo, como a adoção da postura ereta, locomoção bípede, polegares opositores e o domínio do cozimento de alimentos. Ao longo do tempo e de avanços conquistados por seus ancestrais, tal pequena distinção em inteligência geral permitiu aos humanos o desenvolvimento de uma linguagem e uma organização social complexa, sendo capazes de pensar de forma abstrata, comunicar pensamentos aprofundados e acumular culturalmente informações através das gerações.

Com o aprimoramento do cérebro e de suas funções cognitivas, a evolução da espécie humana foi marcada por mudanças biológicas e sociais, em seguimento, gradualmente os humanos passaram a desenvolver tecnologias de produção cada vez mais eficientes, demonstrando suas competências em cooperação em grupo, memória, aprendizado, transmissão de conhecimento entre gerações, tomada de decisão baseadas em experiências e instintos.

Sob tal ótica, a organização neural humana e seu funcionamento, serviu de inspiração para o desenvolvimento de inteligências de outras naturezas. A inteligência artificial é, de certa forma, uma simulação dos processos cognitivos humanos, ou seja, em outras palavras é uma tentativa de recriar artificialmente aquilo que a natureza levou milhões de anos para desenvolver e refinar. Nesse panorama, uma definição de IA aceita por muitos estudiosos da área de tecnologia é a de Marvin Minsky, que por sua vez afirma que a “IA é a ciência de fazer máquinas realizarem tarefas que exigiriam inteligência se fossem feitas por homens”<sup>1</sup> (CREVIER, 1993).

No entanto, enquanto os humanos evoluíram ao longo de anos e incessantes mutações biológicas a fim de sobreviver, a IA evoluiu com base em modelos matemáticos, experimentos, lógica computacional e grandes volumes de dados, gerados em variedade e velocidade cada vez maiores, permitindo criar modelos e atingir altos níveis de precisão.

---

<sup>1</sup> No inglês: AI is the science of making machines do things that would require intelligence if done by men.

## 2.2 Entendimento dessa tecnologia

Desde a infância, diversos filmes, livros e desenhos animados estão presentes no imaginário popular despertando curiosidade sobre a interação entre humanos e tecnologias, com histórias de máquinas que auxiliam nas tarefas domésticas, que criam laços de amizade e até aqueles que ameaçam a existência humana. Contudo, a inteligência artificial deixou de estar tão distante, antes presente apenas em cenários de ficções ou centro de tecnologias inacessíveis para o público. Na sociedade moderna, ainda que nem sempre notemos sua presença, ela já é encontrada de diversas maneiras no nosso cotidiano, como na plataforma de streaming fazendo a melhor recomendação de um filme, nas indicações de perfis nas redes sociais, na assistente virtual tocando sua playlist favorita, nos aplicativos de transporte, nas compras online, em anúncios que parecem ter sido criados especialmente para o usuário, entre outros.

Basicamente, a IA é uma área da computação projetada para processar informações de maneira análoga ao funcionamento da mente humana. Em outras palavras, significa que ela simula o raciocínio humano, sendo capaz de captar uma mensagem, compreender seu significado, estabelecer correlações, aprender com padrões identificados e gerar respostas em linguagem natural. A inteligência artificial refere-se a um campo de conhecimento associado à linguagem, ao raciocínio, à aprendizagem e à resolução de problemas (KAUFMAN, 2019). Logo, ao “pensar” de modo similar ao ser humano, a IA permite a otimização de inúmeros processos com mais velocidade e precisão, tendo como exemplo todos os dispositivos anteriormente citados que através do acesso a dados, recomendam precisamente a opção mais conveniente para o usuário.

Ainda segundo a pesquisadora Dora Kaufman (2019), a IA pode ser definida como um modelo estatístico de probabilidade que utiliza o tratamento de dados para aumentar sua eficiência de maneira crescente, sem a necessidade de intervenção humana.

A premissa era de que "todos os aspectos da aprendizagem ou qualquer outra característica da inteligência, podem, em princípio, ser descritos tão precisamente de modo que uma máquina pode ser construída para simulá-la"; e a determinação era descobrir como fazer com que as máquinas usem linguagem, abstrações de forma e conceito, e resolvam tipos de problemas do domínio humano (KAUFMAN, 2019).

Com sua admirável capacidade de otimização, as vantagens da IA são inúmeras, como a automação de processos, redução de erros e capacidade de analisar grandes quantidades de dados. Isso impulsiona a inovação em diversos setores, como na publicidade, uma vez que

potencializa o processo de criação de conteúdos, a análise de tendências do mercado e até mesmo do comportamento do consumidor por meio dos dados de navegação em redes sociais ou sites, o que ajuda as empresas a sofisticar seus sistemas de recomendação e vendas. Nesse panorama, é relevante apontar a crescente utilização de chatbots na interação com os consumidores, estima-se que cerca de 70% das interações dos clientes têm o envolvimento de tecnologias emergentes<sup>2</sup>.

No âmbito educacional, a inteligência artificial garante um ensino personalizado ao aluno, com conteúdos disponibilizados de acordo com as necessidades individuais, ao mesmo tempo que seus responsáveis e professores conseguem acompanhar o seu desempenho. Já no ramo da saúde, essa tecnologia traz benefícios principalmente em exames de imagem, como também no atendimento personalizado, no desenvolvimento de medicamentos e na precisão de tratamentos.

Logo, devido à sua ampla aplicação em diversos setores e serviços, a IA tornou-se uma temática cada vez mais presente e relevante no cotidiano moderno. No entanto, os significados de alguns termos associados a essa tecnologia ainda não são plenamente compreendidos pelo público em geral. Entre as principais nomenclaturas que auxiliam na compreensão do funcionamento da IA, destaca-se o conceito de *Big Data*. Esse termo se refere a grandes volumes de dados que necessitam de sistemas específicos, os algoritmos, para encontrar, analisar e aproveitar as informações geradas de forma autônoma, sem exigir intervenção humana.<sup>3</sup> Esses algoritmos são os responsáveis pela capacidade de "aprender" das máquinas devido às instruções contidas em seu código, determinando quais informações devem ser processadas e quais padrões devem ser reconhecidos. No caso de uma IA programada para jogar xadrez, por exemplo, ela será exposta a inúmeros dados de partidas, jogadas e resultados para que consiga pensar de forma autônoma e decidir qual peça mover.

Dentro dessa programação das máquinas pensantes, há dois tipos de aprendizagem: o *machine learning* (aprendizado de máquina) e o *deep learning* (aprendizado profundo). O primeiro é capaz de adquirir conhecimentos por meio de um conjunto de dados, interpretando as informações para tomar decisões e executar tarefas de forma autônoma, com os computadores sendo capazes de aprender sem serem programados, permitindo sofisticar seu desempenho à medida que são expostos a mais dados. Exemplos comuns são as

---

<sup>2</sup> ARBEX, G et al. Até 2022, 70% de todas as interações com clientes envolverão chatbots, machine learning e mensagens pelo celular. Forbes, 2020. Disponível em <https://forbes.com.br/forbes-tech/2020/03/ate-2022-70-de-todas-as-interacoes-com-clientes-envolverao-chatbots-machine-learning-e-mensagens-pelo-celular/>. Acesso em: 05 mai. 2025.

<sup>3</sup> Big Data: o que é, importância e exemplos. Salesforce, 2024. Disponível em: <https://www.salesforce.com/br/blog/big-data/>. Acesso em: 05 mai. 2025.

recomendações, grandes empresas como a Amazon e a Netflix recomendam livros e filmes por tal processo. Do mesmo modo, redes sociais, como o Facebook e o X (antigo Twitter), usam esse sistema para decidir quais atualizações mostrar no feed de notícias. Enquanto isso, o aprendizado profundo é basicamente o avanço do aprendizado de máquina. Nesse modelo, com o uso de redes neurais artificiais profundas é possível compreender grandes volumes de dados e resolver problemas mais complexos<sup>4</sup>. Possivelmente passando despercebido no cotidiano moderno, este modelo é aplicado na tradução automática e na criação de imagens e vídeos por IA, processos que, devido a suas implicações sociais e éticas, serão aprofundados mais adiante neste projeto.

Quanto a sua classificação, as IAs geralmente são divididas pelo seu nível de capacidade, sendo eles dispostos em três categorias. A Inteligência Artificial Limitada (NAI), ou “IA fraca” é programada para armazenar um grande volume de dados e realizar uma tarefa específica, a título de exemplo as assistentes virtuais, como a Siri ou Alexa. Em seguida, a Inteligência Artificial Geral (AGI) ou “IA forte”, é capaz de acumular conhecimentos através do aprendizado e a reagir a estímulos como um humano, como a *machine learning*. Por fim, a Superinteligência Artificial (ASI), ainda em estudo, visa superar a inteligência humana. Consequentemente, sendo grande motivo de debates éticos e de segurança<sup>5</sup>.

Embora a inteligência artificial otimize significativamente a forma como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos, é fundamental reconhecer que ela também traz consigo problemas e riscos que precisam ser cuidadosamente considerados. Sob essa perspectiva, observamos a seguir que os desafios éticos, sociais e econômicos associados à IA não são recentes, mas acompanham seu desenvolvimento desde os primeiros estágios.

### 2.3 Pioneirismo e desdobramentos

Apesar de sua ascensão na década corrente, o princípio do que viria a ser considerada inteligência artificial desenrolou-se no início dos anos 40, mais precisamente em 1943, com a criação do primeiro modelo computacional para redes neurais de Warren McCulloch e Walter Pitts. Respectivamente, um neurofisiologista e um matemático, os cientistas são responsáveis pelo desenvolvimento de um modelo computacional baseado em dados matemáticos e

---

<sup>4</sup> TOLEDO, V et al. Machine Learning: o que é, como funciona e quais são os tipos de aprendizado de máquina. Tecnoblog, 2025. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/machine-learning-o-que-e-como-funciona-e-quais-sao-os-tipos-de-aprendizado-de-maquina/>. Acesso em 05 mai. 2025.

<sup>5</sup> Tipos de inteligência artificial: conheça os 3 principais. PósPUCPRdigital, 2023. Disponível em: <https://posdigital.pucpr.br/blog/tipos-de-inteligencia-artificial>. Acesso em: 05 mai. 2025.

algoritmos denominados “Lógica de Limiar”<sup>6</sup>. Ao contrário de pesquisadores posteriores, que se concentraram em simulações experimentais, os primeiros pesquisadores de redes neurais tentaram análises matemáticas de como redes desses neurônios se comportariam (Daniel Crevier, 1993, p. 29). Tal modelo matemático é inspirado na estrutura neural de organismos inteligentes na tentativa de modelar os detalhes do funcionamento do cérebro e simular o comportamento de suas redes neurais biológicas. A escolha da estrutura animal se deve ao fato de ser um modelo que adquire conhecimento através da experiência, o que os estudiosos envolvidos acreditavam ser possível realizar também em um computador.

As contribuições desse modelo e dos projetos dele derivados resultaram nos fundamentos do que atualmente é conhecido como a "teoria das redes neurais artificiais", um ramo da inteligência artificial que simula aspectos da cognição humana para resolver problemas complexos. Para tal feito, McCulloch e Pitts apresentaram uma análise matemática válida e completa de como células ligadas entre si poderiam realizar operações lógicas e, por conseguinte, como um mecanismo como o cérebro poderia computar.

Embora já estivesse presente em modelos teóricos e empíricos, o termo inteligência artificial foi utilizado formalmente pela primeira vez somente em 1956, em uma carta escrita pelos cientistas Marvin Minsky e John McCarthy. O documento se tratava de um convite para um evento previsto para ocorrer entre junho e agosto daquele ano. Tendo como destinatário a Fundação Rockefeller, a carta buscava obter o financiamento de \$7.500 dólares para organizar a primeira conferência sobre o assunto no renomado campus Dartmouth College, em Hanover, New Hampshire (PICQ, 2019, p. 11). O workshop, com duração de dois meses, contou com um grupo seleto de estudiosos de diversas áreas do conhecimento para discutir um assunto polêmico na ciência: a possibilidade de que máquinas finalmente fossem capazes de executar tarefas humanas.

Assim, na proposta e novamente na conferência, ele defendeu fortemente o termo inteligência artificial para distingui-la da teoria dos autômatos, embora até hoje existam pessoas na área, incluindo alguns dos participantes originais da Conferência de Dartmouth, que se opõem a isso.<sup>7</sup> (MCCORDUCK, 1979. p. 115, tradução própria).

A fim de fortalecer a confiança entre os estudiosos presentes e reafirmar a viabilidade do desenvolvimento de máquinas pensantes, os responsáveis pela realização da imersão científica desafiaram os limites da computação e da ciência cognitiva e propuseram a seguinte

---

<sup>6</sup> PINHEIRO, Augusto. Redes Neurais Artificiais. Medium, 2019. Disponível em: [https://medium.com/@augusto\\_Pinheiro/redes-neurais-artificiais-133de77c7240](https://medium.com/@augusto_Pinheiro/redes-neurais-artificiais-133de77c7240). Acesso em: 08 mai. 2025.

<sup>7</sup> Em inglês: Thus in the proposal and again at the conference, he argued strongly for the term artificial intelligence to distinguish it from automata theory, though to this day there are persons in the field, including some of the original participants in the Dartmouth Conference, who object to it.

afirmação: "Todo aspecto da aprendizagem ou qualquer outra característica da inteligência pode, em princípio, ser descrito com tanta precisão que uma máquina pode ser capaz de simulá-lo."<sup>8</sup> (MCCORDUCK, 1979. p. 111, tradução própria). Tal declaração impulsionou o desenvolvimento de tecnologias que hoje temos acesso na palma da mão, como lógica computacional, aprendizado de máquina, representação do conhecimento e linguagem natural. Entretanto, além de representar um grande marco na história da IA, a afirmativa também traz à tona debates filosóficos sobre os limites da inteligência artificial.

Embora viessem de diferentes esferas de conhecimento – matemática, biologia, psicologia, engenharia, linguística, entre outros - os especialistas presentes tinham algo em comum, acreditavam que a cognição humana poderia não somente ser simulada, mas também ser compreendida de forma formal e científica, sendo o computador digital o melhor instrumento não humano para realizar tal feito. Além de representar a consolidação da IA como um campo de estudo legítimo e multidisciplinar, as diferentes áreas de estudos dos participantes e a grande influência de seus trabalhos impulsionaram a rápida evolução do ramo.

Na tentativa de construir computadores para desempenhar funções ligadas à cognição complexa, conseguindo, por exemplo, entender ideias abstratas e usar a linguagem, os pesquisadores começaram a desenvolver sistemas capazes de realizar tarefas até então consideradas exclusivamente humanas, como resolver problemas matemáticos e jogar xadrez. Esse período inicial foi marcado por uma onda de otimismo, até mesmo exagerado, que desencadeou investimentos fundamentais no ramo, como o desenvolvimento de algoritmos e programas, criação de departamentos em universidades, financiamento de projetos, criação de laboratórios e grupos de pesquisa dedicados exclusivamente à IA.

Nos primeiros anos da nova tecnologia, havia muitos motivos plausíveis para se acreditar em um progresso acelerado. Se antes só tínhamos contato com máquinas mais simples e limitadas, como a calculadora mecânica, em pouco tempo, passamos a contar com máquinas capazes de realizar diversas operações complexas por segundo. Além disso, muitos dos fundadores da IA acreditavam que, em poucos anos, seria possível criar máquinas com inteligência comparável à humana, visão ainda mais fortalecida por experimentos da psicologia que apresentavam uma visão simplificada da mente humana.

Entretanto, por outro lado, o evento que tanto acrescentou na história da IA, também apresentou consequências indesejadas. A confiança exagerada motivou promessas

---

<sup>8</sup> Em inglês: Every aspect of learning or any other feature of intelligence can in principle be so precisely described that a machine can be made to simulate it.

desenfreadas, que na prática foram impedidas de serem cumpridas devido às próprias limitações técnicas e conceituais da época. Os sistemas construídos funcionavam bem em ambientes controlados, mas não se sustentavam em contextos mais amplos e incertos. Logo, com os resultados abaixo do esperado e promessas não cumpridas, começou uma crescente desconfiança da comunidade científica e dos órgãos financiadores. Tal excesso de otimismo não se restringiu ao meio técnico e acadêmico, se espalhando também para o imaginário popular, gerando promessas que, ao não se concretizarem, causaram frustração generalizada.

Apesar do cenário de frustração e pessimismo, alguns cientistas insistiam em acreditar que ainda seria possível reproduzir uma inteligência similar à dos humanos, se tratando apenas de uma questão de tempo até que os computadores superassem os humanos. No entanto, eles não haviam percebido que, em tarefas que não envolvem apenas o raciocínio lógico, nossas mentes operam com velocidade e eficiência muito superiores às das máquinas, mesmo que não tenhamos consciência de muitos desses processos. O que se extrai dessas considerações é o fato de que não é a condição psicológica humana e suas complexidades que a inteligência artificial busca simular, mas muito mais a capacidade de raciocinar e planejar para atingir determinados objetivos (SANTAELLA, 2023, p. 14). O reconhecimento de padrões, por exemplo, é um componente essencial do nosso pensamento e envolve milhões de operações paralelas inconscientes. Além das dificuldades técnicas, a Conferência de Dartmouth e seus desdobramentos também abriram espaço para reflexões mais profundas sobre o impacto social e ético da IA na vida humana. Assim, é possível observar que até mesmo em sua era inicial, a inteligência artificial já apresentava possíveis implicações e dilemas relacionados ao seu impacto no trabalho humano, na privacidade, na segurança e até mesmo na noção de consciência e responsabilidade.

A inquietação com os possíveis efeitos sociais da IA contribuiu, ainda que indiretamente, para o declínio do entusiasmo, descrédito das pesquisas com redes neurais e para o redirecionamento drástico de investimentos em tecnologia. Com implicações científicas, técnicas e até mesmo éticas, o que deveria representar somente um grande marco no mundo da tecnologia, culminou no chamado Inverno da IA, um período que se estendeu aproximadamente de 1974 a 1981, caracterizado por esse "congelamento" no progresso do campo, motivado tanto por dificuldades técnicas quanto pela percepção pública de que a IA havia sido superestimada.

No entanto, apesar de impasses, a conferência ainda hoje é reconhecida como o marco oficial do nascimento da nova ciência da inteligência artificial (CREVIER, 1993, p. 49). Para além da definição do nome oficial, Dartmouth também foi berço das bases técnicas e

conceituais que moldariam a nova área tecnológica nas décadas seguintes. Provavelmente não é exagero sugerir que todos os avanços significativos em IA consistem, em grande parte, na elaboração e implementação de ideias formuladas pela primeira vez por membros originais do episódio em Dartmouth. Durante esse período inicial, os pesquisadores concentraram seus esforços em dois grandes eixos, conforme destaca Daniel Crevier (1993). O primeiro envolvia a tentativa de reduzir a complexidade dos processos de busca em problemas resolvidos por tentativa e erro, o que levou ao desenvolvimento de programas que buscavam simular o raciocínio humano em domínios específicos, como lógica e geometria. O segundo eixo de pesquisa consistia no desejo de criar máquinas capazes de aprender por si mesmas, além de sistemas iniciais de reconhecimento de padrões. Essas tentativas foram os primeiros passos rumo ao que hoje conhecemos como *machine learning*, ainda que os recursos computacionais da época limitassem seu desempenho. Essas iniciativas pioneiras lançaram os alicerces para a evolução contínua da IA, influenciando tanto a teoria quanto as aplicações práticas da área nas décadas seguintes.

Ao debater acerca de IA, é inevitável não falar também sobre Alan Turing, o renomado matemático e pioneiro da computação, que é considerado o pai da inteligência artificial (TAULLI, 2019, p. 17). Além de sua extraordinária contribuição para o desdobramento da guerra, ao ajudar a Inglaterra a se preparar contra os diversos ataques nazistas, e por conseguinte, salvar milhões de vidas, o trabalho de Turing torna-se ainda mais significativo com o desenvolvimento de duas grandes ideias: a máquina de Turing e o teste de Turing. Em 1936, ao escrever um artigo intitulado "On Computable Numbers" (Sobre Números Computáveis), o cientista criou o que posteriormente seria conhecido como a máquina de Turing, que não é, de fato, um mecanismo físico, mas sim um dispositivo abstrato que originou as bases de muitas das propriedades de um computador digital moderno, como menciona McCorduck (1979):

Sem a tecnologia para produzir computadores reais, Turing aperfeiçoou um modelo conceitual capaz de abranger todos os computadores conhecidos. A descrição que ele então fez de uma máquina de computação 'universal' tinha um propósito inteiramente teórico, mas o forte interesse de Turing por todos os tipos de experimentos práticos o fez, mesmo naquela época, se interessar pela possibilidade de realmente construir uma máquina nesses moldes."<sup>9</sup> (MCCORDUCK, 1979, p.63 e 64, tradução própria).

---

<sup>9</sup> Em inglês: out the technology to produce real computers, Turing perfected a conceptual model capable of embracing all known computers [...] The description that he then gave of a 'universal' computing machine was entirely theoretical in purpose, but Turing's strong interest in all kinds of practical experiment made him even then interested in the possibility of actually constructing a machine on these lines.

Nesse contexto, ao imaginar as possíveis maneiras de desenvolver uma máquina pensante, capaz de utilizar o cérebro humano como princípio norteador para apresentar comportamento inteligente, Turing estabelece definitivamente sua ligação com a IA. Em 1950, é publicado o artigo "Computing Machinery and Intelligence" (Máquinas Computacionais e Inteligência), que levanta uma pergunta ousada: "As máquinas podem pensar?". Na tentativa de responder tal questão, surge o famoso teste de Turing, que trata-se de um experimento com três participantes: dois humanos e um computador. A princípio a experiência é simples, um humano assume o papel de avaliador e faz perguntas abertas aos outros dois integrantes com o objetivo de determinar qual deles é o humano. Se o avaliador não puder fazer distinção, presume-se que o computador é inteligente (TAULLI, 2019, p. 17). O otimismo de Turing é demonstrado por Daniel Crevier (1993) ao afirmar que:

Turing acreditava firmemente que máquinas pensantes um dia surgiriam. Ele previu em seu artigo que, por volta do ano 2000, uma máquina "jogaria o jogo da imitação tão bem que um interrogador médio não teria mais de 70% de chance de fazer a identificação correta após cinco minutos de interrogatório"<sup>10</sup> (CREVIER, 1993, p. 24, tradução própria).

É pertinente mencionar que na formulação de tal experimento, o matemático não partiu da ideia de simular o cérebro de um adulto totalmente formado, mas sim o de uma criança. Acreditava-se que esse era um caminho mais promissor, uma vez que a criança tem uma enorme capacidade de aprender e se adaptar, qualidades fundamentais para uma máquina pensante, ou como viriam a ser chamadas, *machine learning*.

Em suma, a ideia principal por trás do experimento era que, se a máquina conseguisse responder e enganar seu entrevistador, ela teria chegado ao nível de inteligência equivalente ao de um ser humano. Isso só aconteceu em 2014, quando um sistema de IA conseguiu enganar uma banca na Universidade de Reading em Londres<sup>11</sup>. Apesar da diferença de décadas entre a aplicação e a primeira vez que um computador conseguiu passar no teste de Turing, é notável o caráter progressista e extraordinário do matemático.

## 2.4 IA no contexto da cibercultura

Com o avanço acelerado das tecnologias e de suas múltiplas funcionalidades, a sociedade se depara com um novo contexto da cultura digital. Desde a popularização dos

---

<sup>10</sup> Em inglês: Turing firmly believed that thinking machines would one day come about He predicted in his paper that, by the year 2000, a machine would "play the imitation game so well that an average interrogator will not have more than 70 percent chance of making the right identification after five minutes of questioning."

<sup>11</sup> GRIFFIN, André. Avanço no Teste de Turing: supercomputador se torna o primeiro a nos convencer de que é humano. The Independent, 2014. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/tech/computer-becomes-first-to-pass-turing-test-in-artificial-intelligence-milestone-but-academics-warn-of-dangerous-future-9508370.html>. Acesso em: 16 mai. 2025.

meios de comunicação, como a televisão e o rádio, as informações passaram a circular em tempo real, o que transformou a percepção das pessoas acerca do tempo, do espaço e dos eventos ao redor do mundo. Na atualidade, a internet e as redes sociais acentuaram essa situação de maneira exorbitante, resultando em uma interconexão global. A informação se tornou instantânea, ultrapassando limites geográficos e temporais, corroborando com o fenômeno de influência mútua entre culturas de diferentes países e permitindo que eventos locais ganhem rapidamente repercussão internacional.

No início da década de 60, Marshall McLuhan popularizou a ideia de “aldeia global” em suas obras “Os Meios de Comunicação como Extensão do Homem” (1964) e “A Galáxia de Gutenberg” (1962) ao apontar que através das profundas transformações nos meios de comunicação a sociedade passou a viver em uma realidade compartilhada, o que significa que mesmo separadas fisicamente por milhares de quilômetros, é como se as pessoas vivessem lado a lado, em uma aldeia. Esse cenário se acentua na sociedade contemporânea com a ascensão do mundo online. Tal ambiente virtual composto por inúmeras redes de computadores, onde ocorrem interações sociais, trocas de informações, criação de conteúdos, entre outros fenômenos digitais, é intitulado ciberespaço que, por sua vez é considerado a concretização prática do que McLuhan previu com o conceito de aldeia global: uma conexão em tempo real em escala mundial. Com grandes contribuições para a nova temática, Pierre Lévy (1999) afirma:

Eu defino o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. [...] Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do início do próximo século (LÉVY, 1999, p. 93 e 94).

Nesse cenário impulsionado pela ascensão das tecnologias digitais, no qual as fronteiras geográficas se diluem e as relações sociais, políticas e econômicas passam a ser profundamente influenciadas pelo universo online, emerge-se um novo conceito: a cibercultura. Considerado o principal teórico da temática, o filósofo francês Pierre Lévy (1999) define o termo como o “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Com caráter inovador, diversificado e democrático, a cibercultura tem poder de influência não somente no âmbito digital, como também fora dele, com implicações em aspectos comportamentais e sociais, nas interações humanas.

Nesse contexto, consoante ao pensamento do sociólogo espanhol Manuel Castells (2002), observa-se um fenômeno, no qual deixamos de ser uma “sociedade em rede” e passamos então a ser uma “sociedade de dados”, enfatizando a ascensão e a popularização da internet a partir da década de 90. No entanto, se o advento da cultura digital era frequentemente associado a ideais democráticos, nos quais toda pessoa com acesso à web poderia se conectar, independentemente de localização geográfica e atuar não apenas como consumidora, mas também como produtora de conteúdo, a partir da segunda década dos anos 2000 esse cenário começa a mudar.

É inegável que a “sociedade de dados” da atualidade em conjunto com a inteligência artificial viabilizou significativas contribuições para a sociedade contemporânea, sendo peças fundamentais para instituições e empresas de tecnologia em diversos setores, como economia, educação e entretenimento. No entanto, ao mesmo tempo que benefícios são trazidos à tona, são levantados dilemas éticos e implicações na vida comunitária e no exercício de direitos, os quais precisam ser cuidadosamente gerenciados para garantir que os benefícios sejam amplamente usufruídos e que os riscos sejam minimizados. Entre os desafios estão a potencialização de fenômenos como *fake news* e formação de bolhas e problemáticas relacionadas à transparência, manipulação, desinformação e aquelas que serão mais abordadas nesta monografia: a privacidade e a vigilância digital. Assim, enunciando implicações acerca de dados pessoais, desde a maneira como são coletados, até o modo que são armazenados e utilizados, uma vez que há o risco de invasão de privacidade, uso indevido de informações pessoais, e falta de consentimento explícito por parte dos usuários.

Como previamente citado, o *Big Data* tem um papel fundamental no desenvolvimento e aplicação da inteligência artificial, uma vez que a IA executa sua capacidade de “pensar” a partir da coleta, aprendizado e análise de uma grande quantidade de dados e, a partir desses dados, os algoritmos vão atuando por tentativa e erro, aperfeiçoando seus processos e gerando resultados cada vez mais precisos. Logo, a capacidade preditiva e adaptativa da inteligência artificial depende diretamente da qualidade e da quantidade dos dados disponibilizados. Nesse sentido, torna-se privilegiado aqueles que detém esse recurso essencial na atual “sociedade de dados”, sendo até mesmo um diferencial estratégico para empresas e instituições. Plataformas de redes sociais, serviços de streaming, mecanismos de busca e marketplaces online são exemplos de dispositivos que operam com base em algoritmos alimentados por dados concedidos pelos usuários, muitas vezes sem o seu consentimento.

Diante desse cenário, torna-se imprescindível adotar uma postura crítica e consciente em relação a aplicação das IAs na mediação da experiência digital, uma vez que seus

processos automatizados não são neutros, pois refletem interesses econômicos, políticos e culturais das organizações que os desenvolvem. É necessário refletir sobre o quanto nossas interações são moldadas por sistemas automatizados que nem sempre operam de forma transparente, sendo essencial compreender o funcionamento desses mecanismos e quais interesses estão por trás deles para que possamos desenvolver uma relação mais ética e consciente com a tecnologia.

A título de exemplo de dilema ético que evidencia a interdependência entre dados, algoritmos e decisões induzidas, confere-se o caso da Cambridge Analytica. Com o objetivo de influenciar decisões eleitorais, como impulsionar a candidatura do norte-americano Donald Trump em 2016 e a promoção do Brexit, a empresa utilizou informações de mais de 50 milhões de usuários do Facebook, sem o consentimento deles. Por meio da apropriação de um grande volume de dados, a empresa utilizou algoritmos de inteligência artificial para mapear traços de personalidade, construir perfis psicográficos altamente detalhados e segmentar propagandas específicas relacionadas<sup>12</sup>. A revelação se tornou um escândalo mundial, influenciando a criação de leis e regulações sobre proteção de dados e evidenciando como algoritmos de IA, quando alimentados por dados pessoais, podem ser empregados de forma a manipular comportamentos e opiniões, desacatando os princípios democráticos fundamentais.

Esse episódio representa um marco significativo na discussão sobre o uso ético dos dados na sociedade digital, ao expor uma violação na promessa de neutralidade algorítmica, uma vez que se tornou evidente que os sistemas de inteligência artificial não operam unicamente com base em lógicas técnicas, mas também reproduzem interesses ideológicos das instituições que os desenvolvem e controlam. Além disso, o caso trouxe à tona uma lacuna entre os usuários e as plataformas digitais, sobretudo no que diz respeito ao controle e à compreensão dos dados que são constantemente produzidos e compartilhados.

Em suma, em um cenário no qual a correlação entre *Big Data* e inteligência artificial não apenas redefine os processos tecnológicos, mas também impacta diretamente as dinâmicas sociais e culturais no ambiente digital, torna-se urgente reconhecer a capacidade crítica como uma competência essencial para que os indivíduos possam exercer sua cidadania de forma plena, consciente e ética dentro da “sociedade de dados”.

---

<sup>12</sup> CADWALLADR, C et al. Revelado: 50 milhões de perfis do Facebook foram coletados pela Cambridge Analytica em grande violação de dados. The Guardian, 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/cambridge-analytica-facebook-influence-us-election>. Acesso em: 17 mai. 2025.

## 2.5 Aplicação na mídia

Entre as diversas esferas do mundo contemporâneo afetadas pela aplicação da IA, seja de forma positiva ou negativa, destaca-se o setor de produções midiáticas. A cibercultura, enquanto manifestação sociotécnica da era digital, tem promovido mudanças significativas nos modos de produção, distribuição e consumo de conteúdos midiáticos, corroborando com um cenário no qual o conhecimento é descentralizado, a produção de conteúdo colaborativa amplia a participação dos usuários e as fronteiras entre emissores e receptores tornam-se fluidas. Com o avanço da inteligência artificial, essa remodelação torna-se ainda mais profunda, afetando diretamente os processos criativos, a estética das mídias e a lógica da comunicação em rede. Tais transformações oferecem oportunidades e desafios que reforçam a necessidade da análise crítica, especialmente diante da velocidade e escala com que os conteúdos são produzidos e disseminados.

A incorporação de IA nas produções midiáticas revolucionou os fluxos de trabalho nas indústrias criativas, à medida que ferramentas como ChatGPT e Midjourney, vão desde a automação de tarefas editoriais até a criação original de conteúdos visuais, textuais e audiovisuais. A Inteligência artificial também impulsiona a personalização de conteúdos, tornando possível adaptar mensagens específicas a diferentes públicos com base em dados comportamentais, assim, consolidando-se como um elemento central na reformulação dos processos criativos nas áreas de publicidade, entretenimento e comunicação em geral.

Por outro lado, a ideia de que a IA será cada vez mais igual ou superior ao desempenho humano, assumindo funções de trabalho, transformando fundamentalmente a base operacional dos negócios e interrompendo as práticas de gerenciamento tradicionais, se apresenta como um cenário de grandes potencialidades (FÜLLER, 2022). A inteligência artificial revoluciona todos os dias a produção audiovisual, tornando-a mais eficiente desde a automação de tarefas até a criação de roteiros, a IA está expandindo as fronteiras do entretenimento e permitindo novas formas de produzir conteúdo. De acordo com as produtoras, hoje, a maior presença de IA está na pré e pós-produção.<sup>13</sup> Na pré-produção, as ferramentas têm ajudado a executar a visão criativa, tirando conceitos do papel e agilizando processos de criação. Na prática, se antes era preciso investir horas para encontrar as referências exatas, hoje, o processo de pesquisa referencial visual é adaptado com precisão às necessidades específicas de cada projeto, obtendo um resultado personalizado e otimizado. Já

---

<sup>13</sup> FARIAS, Taís. Como a IA impacta a produção de publicidade. Meio e Mensagem, 2023. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/talento/ia-na-producao>. Acesso em: 10 mai. 2025.

na pós-produção, essa tecnologia atua no tratamento das imagens, correção de cenário, entre outros.

Com tantas transformações advindas da IA, alguns setores passaram a discutir quais seriam os possíveis impactos na sua área de atuação profissional. O debate ganhou ainda mais força em 2023, após a veiculação de uma campanha promocional em comemoração aos 70 anos da Volkswagen no Brasil, em que a agência AlmapBBDO uniu as cantoras Elis Regina e Maria Rita, respectivamente mãe e filha, por meio da tecnologia *deepfake* em uma peça publicitária<sup>14</sup>.

**Figura 1** - Reprodução da imagem de Elis Regina por IA



Fonte: Siqueira Castro, 2023<sup>15</sup>

Enquanto alguns se emocionaram com a homenagem, outros não aprovaram o uso da ferramenta para representar alguém que já faleceu, que por sua vez é incapaz de gerir o uso de sua imagem. Além da reprovação de parte do público, observa-se que o uso da IA no audiovisual também não é tão bem recebido por indivíduos da classe artística. De acordo com uma pesquisa do *National Research Group* em conjunto com o veículo *IndieWire*, 42% dos profissionais de produção de cinema e televisão acreditam que vão ser prejudicados em suas áreas pelo uso de IA<sup>16</sup>.

---

<sup>14</sup>SACCHITIELLO, Bárbara. Inteligência artificial e publicidade: quais os limites? Meio e mensagem, 2023.

Disponível em:

<https://www.meioemensagem.com.br/comunicacao/inteligencia-artificial-e-publicidade-quais-os-limites-da-mensagem-criativa>. Acesso em: 20 mai. 2025.

<sup>15</sup>Disponível em:

<https://www.siqueiracastro.com.br/noticias/a-propaganda-da-volkswagen-e-a-recreacao-da-cantora-elis-regina-por-meio-de-ia-e-deepfake-sob-a-otica-da-lei-de-direitos-autorais/>. Acesso em: 17 jul. 2025.

<sup>16</sup>MAGLIO, Tony. 42% of Film and TV Production Workers Say AI Will 'Harm' Them. *IndieWire*, 2024.

Disponível em:

<https://www.indiewire.com/news/analysis/film-tv-production-workers-say-ai-will-harm-them-exclusive-1234966904/>. Acesso em: 20 mai. 2025.

Esse cenário se intensifica com outro episódio também ocorrido em 2023, quando Hollywood foi palco de uma das maiores paralisações de sua história recente, protagonizada pela greve conjunta dos sindicatos dos roteiristas e dos atores.<sup>17</sup> Embora reunisse diversas demandas, como pagamentos mais justos e melhoria na rotina de trabalho, um dos pontos centrais do impasse foi o avanço do uso da inteligência artificial na indústria do entretenimento.

A paralisação hollywoodiana se dedicou aos receios não apenas dos profissionais americanos, mas também de grande parte dos trabalhadores do setor no cenário global. Os atores, por exemplo, temendo que a reprodução digital possa vir a substituí-los ou a explorar sua imagem sem a devida remuneração, se preocupam com a possibilidade do uso indevido de suas imagens, com o uso de *deepfakes* que ameaçam replicar suas imagens e vozes através de performances artificiais até mesmo sem seu consentimento.

Os roteiristas apresentaram preocupações com a possibilidade de que estúdios passem a utilizar ferramentas de IA generativa para escrever roteiros completos, diminuindo a necessidade de contratações humanas e impactando diretamente as negociações relacionadas aos direitos autorais. Os profissionais evidenciam que ao automatizar o processo criativo, tende-se a minimizar o papel humano, desvalorizando a originalidade, a sensibilidade e a nuance que apenas um roteirista é capaz de oferecer, além de alimentar o receio de que a IA acabe por padronizar as narrativas, comprometendo a diversidade, a autenticidade e a inovação no desenvolvimento de histórias. Estas preocupações realçam o debate contínuo sobre a integração equilibrada da tecnologia nas artes, de modo a potencializar projetos sem anular a essência humana que é central para a expressão artística.

Dubladores e outros profissionais que têm sua voz como ferramenta de trabalho também se deparam com obstáculos decorrentes da aplicação da IA. A utilização dessa tecnologia nesse contexto pode alterar drasticamente o seu campo de atuação, instigando mais uma vez questões éticas e profissionais sobre autenticidade, consentimento e remuneração justa.

Logo, por um lado essas tecnologias oferecem ganhos de eficiência, redução de custos e ampliação de possibilidades criativas, permitindo, por exemplo, que criadores usem IA para simular efeitos especiais, criar personagens virtuais, traduzir conteúdos para múltiplos idiomas com sincronização labial precisa e prever comportamentos de audiência com mais

---

<sup>17</sup> VINICIUS, Lucas. O impacto da inteligência artificial nas greves de Hollywood. Febrabantech, 2023.

Disponível em:

<https://febrabantech.febraban.org.br/especialista/renato-opice-blum/o-impacto-da-inteligencia-artificial-nas-greves-de-hollywood>. Acesso em: 20 mai. 2025.

precisão, otimizando campanhas de lançamento e produção de conteúdo. No entanto, por outro lado, os prejuízos potenciais também são significativos, uma vez que a substituição de profissionais por sistemas automatizados pode levar à precarização do trabalho criativo e à perda de empregos. O uso irrestrito de IA pode resultar em produções cada vez mais genéricas, carentes de identidade artística e gerar uma saturação de conteúdos baseados em dados, e não em experiências humanas reais.

Nesse contexto, vale ressaltar um outro perigo importante: o reforço de preconceitos e estereótipos preexistentes. Visto que sistemas dessa tecnologia são treinados com dados enviesados que refletem desde valores a preconceitos da sociedade, a IA tende a aprender e reproduzir esses padrões, podendo replicar discriminações históricas ou padrões problemáticos de representação, prejudicando a diversidade e a inclusão nas narrativas midiáticas. Isso pode ocorrer em áreas como reconhecimento facial, geração de imagens, processamento de linguagem natural e curadoria de conteúdo.

A greve hollywoodiana de 2023 representou um marco no atual cenário da indústria midiática, levantando questões éticas importantes sobre a autoria, o valor do trabalho criativo e os limites do uso de IA na produção artística. O movimento pressionou os estúdios a estabelecer diretrizes mais claras para o uso da tecnologia, protegendo os profissionais da área e garantindo que a IA não substituísse, mas sim complementasse o trabalho humano.

**Figura 2** - Greve hollywoodiana acerca do uso da IA



Fonte: O Globo, 2023<sup>18</sup>

A relação entre inteligência artificial e o setor de entretenimento é complexa e exige equilíbrio, pois, embora a tecnologia tenha o potencial de impulsionar a criatividade e

<sup>18</sup>Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/noticia/2023/07/23/de-greve-dos-atores-a-campanha-com-elis-regina-inteligencia-artificial-entra-no-foco-da-discussao.ghtml>. Acesso em: 17 jul. 2025.

otimizar processos, seu uso desenfreado e sem regulamentação pode comprometer o valor do trabalho humano e a riqueza das expressões culturais. Dessa forma, o futuro das produções midiáticas dependerá da capacidade da indústria de integrar a inovação tecnológica com respeito aos direitos, à ética e à diversidade criativa.

### **3 MAS O QUE É ÉTICA?**

Como visto no capítulo anterior, a aplicação da inteligência artificial na indústria midiática pode trazer à tona implicações em diversos âmbitos, como o social, cultural, político e, o que será mais abordado nesse projeto: o campo ético. No contexto das produções midiáticas, a crescente inserção das IAs generativas desperta uma série de dilemas éticos que impactam diretamente os limites da criatividade, da autoria e da responsabilidade social. Diante do constante uso inadequado ou da má conduta relacionada a essas tecnologias, torna-se imprescindível a tomada de medidas atenuantes a tal entrave, desde a remodelação do seu processo de desenvolvimento, visando eliminar vieses que comprometem a diversidade; até a sua implementação, com práticas e regulamentações que garantam transparência e respeito à privacidade. Neste capítulo, busca-se fazer uma reflexão crítica acerca das implicações éticas envolvidas na relação entre inteligência artificial generativa e produção midiática, considerando os riscos associados à má conduta e ao uso irresponsável dessas ferramentas.

Conforme novas tecnologias vão sendo desenvolvidas, novas discussões vão surgindo, principalmente com relação aos aspectos éticos e sociais. Ao se tornarem parte do cotidiano contemporâneo, de maneira sutil e às vezes quase imperceptível, as inteligências artificiais apresentam um grande poder de influência, suscitando transformações não apenas na forma de realizar as tarefas do dia a dia, mas também no modo de pensar, nos relacionamentos e comportamentos dos indivíduos. Diante de um cenário em que o impacto social dessas ferramentas é cada vez mais evidente, torna-se essencial compreender e acompanhar de perto o funcionamento dessas tecnologias, a fim de gerir e mitigar seus efeitos sobre a sociedade. Como destaca Manuel Castells (2002):

Sem dúvida, a habilidade ou inabilidade de as sociedades dominarem a tecnologia e, em especial, aquelas tecnologias que são estrategicamente decisivas em cada período histórico, traça seu destino a ponto de podermos dizer que, embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia (ou sua falta) incorpora a capacidade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre em um processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico (CASTELLS, 2002, p. 44).

Desse modo, uma vez que vivemos em uma realidade cercada por inteligências artificiais que constantemente apresentam implicações éticas, a compreensão do conceito de ética é indispensável para a análise crítica dos impactos da inteligência artificial nas produções midiáticas. Inicialmente é relevante pontuar as diferenças entre os conceitos de ética e moral, antes de focar no termo orientador deste capítulo. Apesar de serem constantemente confundidos, uma vez que se referem ao comportamento humano em sociedade, os dois termos não são sinônimos, porém é possível considerar que se completam. A moral é um conjunto de regras específico que determina o que é certo e errado e assegura a boa convivência em uma sociedade. Já a ética é um campo da filosofia cujo objeto de estudo são os princípios que orientam a moral<sup>19</sup>. Nesse sentido, a ética torna-se uma reflexão filosófica sobre a moral.

Dessa forma, com origem na palavra grega “ethos”<sup>20</sup>, um dos conceitos sociais mais antigos do mundo se refere ao conjunto de princípios e valores morais que definem um indivíduo em relação a um grupo. Este campo da filosofia investiga os fundamentos que visam promover o que é moralmente bom, justo e responsável, orientando a convivência harmônica em sociedade.

É fundamental reconhecer o papel da cultura na formação da consciência ética dos indivíduos. As condutas e comportamentos dos indivíduos são profundamente condicionados pelas estruturas sociais e culturais às quais pertencem, como instituições familiares, escolares, religiosas ou profissionais. Nesse processo, os valores culturais dominantes são internalizados, reforçando padrões de conduta que são socialmente legitimados e obrigações éticas. Nesse sentido, a cultura atua como mediadora da construção ética, ao definir para seus membros quais valores devem ser considerados positivos ou negativos, estabelecendo, assim, os deveres e as normas que orientam a convivência social (CHAUÍ, 2000). Dessa forma, observa-se que a consciência ética não se desenvolve de maneira isolada, mas resulta de uma construção coletiva, social e histórica, determinadas pelos contextos culturais específicos nos quais os sujeitos estão inseridos. Ainda sobre a relação ética cultural, Marilena Chauí (2000) pontua:

Considerando que a humanidade dos humanos reside no fato de serem racionais, dotados de vontade livre, de capacidade para a comunicação e para a vida em sociedade, de capacidade para interagir com a Natureza e com o tempo, nossa cultura e sociedade nos definem como sujeitos do conhecimento e da ação, localizando a violência em tudo aquilo que reduz um sujeito à condição de objeto.

---

<sup>19</sup> MENEZES, Pedro. Diferença entre ética e moral. Significados. Disponível em: <https://www.significados.com.br/diferenca-entre-etica-e-moral/>. Acesso em: 05 jun. 2025.

<sup>20</sup> MENEZES, Pedro. Ética. Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/etica/>. Acesso em: 05 jun. 2025.

Do ponto de vista ético, somos pessoas e não podemos ser tratados como coisas. (CHAUÍ, 2000, p. 433).

Sob essa perspectiva, em um contexto marcado pela crescente presença de tecnologias e dispositivos que frequentemente reduzem os indivíduos a dados, atendendo aos mais diversos interesses, sejam comerciais, políticos ou institucionais, transformando-os em meros produtos, os valores éticos assumem um papel fundamental. Eles se tornam a expressão e a garantia da nossa condição de sujeitos, estabelecendo limites morais que proíbem qualquer forma de instrumentalização ou manipulação que nos reduz à condição de objeto. “A ética é normativa exatamente por isso, suas normas visando impor limites e controles ao risco permanente da violência” (CHAUÍ, 2000).

A partir desse entendimento, torna-se possível compreender a ética como um compromisso social que transcende leis e convenções, orientando indivíduos e instituições a assumirem responsabilidades em relação ao coletivo e ao bem comum, um desafio especialmente sensível quando aplicado às dinâmicas complexas e ambíguas do atual contexto dominado pela inteligência artificial.

### **3.1 Ética no contexto digital**

Presente em todas as esferas da vida social, a ética visa garantir que os direitos individuais e coletivos sejam respeitados. No contexto digital não seria diferente, pelo contrário, exige-se do sujeito uma postura crítica e responsável diante das possibilidades e desafios impostos pelas tecnologias contemporâneas. Com o surgimento de novas formas de interação promovidas pelas inteligências artificiais, surge a necessidade de refletir sobre a presença da ética também nesse novo ambiente.

“A ética se manifesta em nós de maneira imperativa, como exigência moral.” Esse imperativo origina-se de três fontes interligadas entre si: uma fonte interior ao indivíduo, que se manifesta como um dever; outra externa, constituída pela cultura, e que tem a ver com a regulação das regras coletivas; e, por fim, uma fonte anterior, originária da organização viva e transmitida geneticamente (ALMEIDA, 2005, p. 139).

Ao longo desta monografia observamos que a inteligência artificial apresenta determinada dualidade, se por um lado, oferece ganhos significativos em eficiência, produtividade e personalização de serviços, por outro, levanta questões profundas sobre privacidade, vigilância e autonomia. A título de exemplo podemos pontuar os sistemas de reconhecimento facial utilizados tanto para facilitar a segurança quanto para vigilância. Da mesma maneira, os algoritmos de recomendação ampliam o acesso à informação, ao mesmo

tempo que reforçam bolhas ideológicas. Além disso, as plataformas de vigilância em ambientes de trabalho prometem melhorar a produtividade, mas acabam invadindo a privacidade dos funcionários.

A emergência da inteligência artificial como agente ativo na organização da vida social impõe uma reconfiguração dos modos como a ética é pensada e praticada, visto que apesar de atuar como uma extensão do humano, essa tecnologia não tem o discernimento de consciência moral, uma vez que ao analisar e aprender com dados, é incapaz de compreender os valores que estruturam esses materiais. Seguindo o pensamento de Almeida (2005, p. 140) de que “a ética é complexa por ter sempre de enfrentar a ambiguidade e a contradição; por estar exposta à incerteza; por se situar no limite difuso entre o bem e o mal”, observamos que este serve como ponto de partida para problematizar os novos contornos da ação ética em tempos de máquinas que aprendem, decidem e, em certo sentido, atuam. Se a ética já era um campo que exigia reflexão crítica em contextos de instabilidade, a presença da IA potencializa esse desafio, deslocando decisões morais para sistemas algorítmicos que não compartilham da sensibilidade humana, mas sim ampliam as ambiguidades morais que já existiam nas práticas sociais.

### **3.2 IA como a cereja do bolo na Sociedade de Controle**

Apesar de alguns riscos éticos associados à inteligência artificial não serem novidade, como a propagação de problemáticas relacionadas à discriminação ou invasão de privacidade, essa tecnologia eleva tais questões a outro patamar ao disponibilizar novas vias de realiza-lôs. Com uma maior velocidade de disseminação e uma maior escala de alcance possibilitados no meio digital, esses riscos podem ser potencializados, promovendo transformações profundas nos modos de interação social e de exercício do poder.

Se antes os mecanismos de vigilância eram facilmente identificados, como câmeras de segurança, sensores e dispositivos de localização, hoje em dia há a predominância de dispositivos automatizados que por muitas vezes atuam sem que os indivíduos ao menos percebam. Redes sociais, assistentes virtuais, câmeras de vigilância, plataformas de streaming, aplicativos de música, plataformas de e-commerce, rastreamento através de cartões de crédito, ferramentas sociais de geolocalização como Google Ads e Facebook Ads, entre outras. A vigilância contemporânea, portanto, não apenas amplia as capacidades técnicas de vigilância e controle, como também contribui para a normalização dessas práticas, tornando-as parte das

rotinas dos indivíduos, que por muitas vezes nem percebem que se tornaram agentes e alvos do processo de coleta e disseminação de informações. Nesse contexto

As formas de controle, monitoramento e vigilância estão por toda a parte e passam a integrar o modo operandis da sociedade da informação neste começo de século XXI. O singelo “Sorria, você está sendo filmado” deve ser levado a sério. A sociedade contemporânea expandiu, como nenhuma outra, as formas de controle, monitoramento e vigilância, tanto de maneira forçada (como as câmeras de vigilância) como de forma espontânea (como os perfis e informações construídos e fornecidos pelos internautas nas mais diversas redes sociais) (LEMOS et al., 2011, p. 143).

Ao citar a famosa placa com a mensagem “Sorria, você está sendo filmado” que antes era uma ferramenta muito comum de se utilizar para comunicar o indivíduo da presença de dispositivos de monitoramento explícito, Lemos et al. (2011), evidencia a tamanha distinção do monitoramento de anos atrás com o atual. Na realidade contemporânea, a vigilância é discreta, mas se faz presente em todos os aspectos da vida cotidiana através da onipresença de seu principal agente: a captação de dados.

Nesse sentido, ao analisar maneiras pelas quais o poder atua na sociedade e no indivíduo em si, principalmente através da vigilância constante, torna-se relevante mencionar o filósofo e historiador Michel Foucault. Em sua obra “Vigiar e Punir” (1999), ele afirma que o período na história compreendido entre o século XVIII e XIX foi marcado pela chamada sociedade disciplinar, na qual o poder era exercido através da disciplina instaurada em ambientes de confinamento delimitados durante todas as etapas da vida do indivíduo, como a família, escola, fábrica, hospital e em alguns casos até mesmo a prisão, com o objetivo de obter monitoramento e controle social de acordo com o interesse de tais instituições.

A "disciplina" não pode se identificar com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma "física" ou uma "anatomia" do poder, uma tecnologia. E pode ficar a cargo seja de instituições "especializadas" (as penitenciárias, ou as casas de correção do século XIX) seja de instituições que dela se servem como instrumento essencial para um fim determinado (as casas de educação, os hospitais) (FOUCAULT, 1999, p. 177).

Em contrapartida à forma anterior de organização do poder social, chamada por ele de sociedade de soberania, “o poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior "adestrar" ou, sem dúvida, adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor” (1999, p. 143). Se antes o poder era exercido pela autoridade de um soberano, através de uma lei violenta e ostensiva, ele passa a atuar de maneira internalizada, por meio de uma organização sistemática e vigilante, que busca moldar comportamentos e, por conseguinte, fabricar indivíduos. Ou seja

a disciplina "fabrica" indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode-se fiar em seu superpoderio; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente (FOUCAULT, 1999, p. 143).

Para aplicar a técnica de adestramento a fim de fabricar sujeitos úteis e obedientes às exigências da ordem social e econômica, a disciplina deixa de ser apenas repressiva e assume um caráter produtivo. Através de métodos como a vigilância constante, a repetição de tarefas, a correção de desvios e a delimitação de horários e espaços, o corpo passa a ser organizado segundo uma lógica funcional. A vigilância deixa de ocorrer somente de fora para dentro e passa a ser internalizada pelos próprios indivíduos, que passam a regular seus comportamentos conforme os padrões normativos impostos. Com efeito, não é a primeira vez que um indivíduo é sujeitado a uma imposição de poder organizacional, mas

muitas coisas entretanto são novas nessas técnicas. A escala, em primeiro lugar, do controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica movimentos, gestos atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo (FOUCAULT, 1999, p. 118).

Esse corpo controlado, submisso e auto vigilante é definido por Foucault como “corpo dócil”, que se trata de um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. O adestramento resulta nesse indivíduo que está apto a ser utilizado como modelo normativo, tornando-se produtivo dentro da lógica capitalista e institucional.

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente.[...] Uma "anatomia política", que é também igualmente uma "mecânica do poder", está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos "dóceis" (FOUCAULT, 1999, p. 119).

Entretanto, após a Segunda Guerra Mundial, com o dissolvimento de tais instituições e, por conseguinte, a chegada de uma nova forma de poder, as “sociedades disciplinares é o que já não éramos mais, o que deixávamos de ser” (DELEUZE, 1990, p. 219). Em um contexto de ascensão de tecnologias, em que os mecanismos de monitoramento deixam de ser físicos e evidentes, e passam a incorporar um olhar vigilante incessante sob seus usuários por meio da coleta e análise de seus dados pessoais através do acesso ao seu histórico de navegação, localização, interações sociais e hábitos de consumo, emerge-se o conceito de

“sociedade de controle” de Gilles Deleuze. Consoante a construção do pensamento da “sociedade de dados” de Manuel Castells (2002), essa abordagem também busca compreender como a tecnologia e a informação são partes das relações de poder contemporâneas. Enquanto a “sociedade de dados” define os dados como uma nova forma de organização produtiva e comunicacional em escala global, a “sociedade de controle” os caracteriza como a base de um novo regime de poder que age por meio da vigilância, que de modo sutil transforma o indivíduo em um conjunto de informações, ou como aponta Deleuze (1990, p. 222), “Os indivíduos tornaram-se "dividuais", divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou bancos.” Desse modo, diferenciando-se da sociedade disciplinar

Nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura e nem um número, mas uma cifra: a cifra é uma senha, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por palavras de ordem (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está mais diante do par massa-indivíduo (DELEUZE, 1990, p. 222).

Embora partam de perspectivas distintas, Deleuze (1990) e o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2017) convergem pensamentos acerca de um novo regime de dominação que ultrapassa os mecanismos disciplinares tradicionais. Para Han (2017), a realidade contemporânea não vive o final do panóptico, mas a sua forma mais atualizada, uma visão aperspectivística. Se a distinção entre centro e periferia era essencial para o panóptico de Bentham, o panóptico digital do século XXI caracteriza-se pela vigilância social descentralizada, consoante a sociedade de controle. A permeabilidade aperspectivística torna-se muito mais eficiente, visto que em uma sociedade da transparência, os indivíduos atuam tanto como alvos como agentes de monitoramento. Há, portanto, uma “democratização da supervisão”, uma supervisão de todos por todos. Na sociedade moderna, as próprias pessoas ajudam a construir e manter esse sistema, se expondo voluntariamente ao olhar constante do mercado. Nesse sentido, a sociedade de controle chega a sua consumação, uma vez que o sujeito não se mostra porque há uma coação externa, mas pela autoexposição e da adesão voluntária aos mecanismos de vigilância, acompanhada do sentimento de liberdade. Logo:

A coação por transparência, hoje, não é um imperativo explicitamente moral ou biopolítico, mas sobretudo um imperativo econômico; quem se ilumina completamente se expõe e se oferece à exploração econômica. Iluminação completa é exploração. Quando uma pessoa é superfocalizada e iluminada, maximiza sua eficiência econômica. O cliente transparente é o novo presidiário, sim, o homo sacer do panóptico digital (HAN, 2017).

Ambos os autores, portanto, evidenciam que o poder contemporâneo não se estrutura mais pela repressão direta, mas pela captura das ações e intenções dos sujeitos em sistemas algorítmicos e plataformas digitais que operam sob a promessa de liberdade e comunicação. A modulação contínua e a autoexploração transparente são dois lados de uma mesma realidade que transforma os sujeitos em unidades de informação, passíveis de previsão, controle e valorização mercadológica.

### 3.2.1 Um outro ponto de vista além do panóptico

Apesar de suas diferentes abordagens, os pensamentos de Deleuze (1990) e Han (2017) não confrontam o posicionamento de Foucault, mas sim o complementam. Em *Post-Scriptum sobre as sociedades de controle* (DELEUZE, 1990), é possível identificar as divergências entre essas concepções. Foucault utiliza a vigilância hierarquizada, contínua e funcional como um operador econômico decisivo, na medida em que é ao mesmo tempo uma peça interna no aparelho de produção e uma engrenagem específica do poder disciplinar (FOUCAULT, 1999, p. 147). Para ilustrar esse mecanismo de controle moderno, ele utiliza o modelo do Panóptico, concebido por Jeremy Bentham, que consiste em uma vigilância visível e permanente, na qual o indivíduo sabe que pode estar sendo observado a qualquer momento, o que leva à internalização do poder, ou seja, à autovigilância.

**Figura 3** - Prisão em modelo Panóptico



Fonte: Jusbrasil, 2017<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Disponível em:

<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/panoptismo-reflexoes-atuais-sobre-vigilancia-e-controle/505281987>.

Acesso em: 20 jun. 2025.

O poder, portanto, deixa de ser uma imposição violenta externa para atuar como uma força visível que se infiltra nos corpos e nas mentes. Ele forma indivíduos úteis à sociedade por meio de

um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores (FOUCAULT, 1999, p. 166).

Embora tenha surgido no século XVIII, esse modelo político de monitoramento pode ser encontrado facilmente no mundo contemporâneo. A título de exemplo, a agência de publicidade Neogama, fundada em 1999 pelo publicitário paulista Alexandre Gama e agora integrada a empresa Leo Burnett Tailor Made<sup>22</sup>, utiliza-se do modelo panóptico na sua estrutura arquitetônica. A estrutura da agência representa uma adaptação do modelo panóptico ao mundo corporativo. Em um espaço receptivo e criativo, encontram-se salas envidraçadas posicionadas de modo central, a fim não somente de obter visão ampla do ambiente geral, mas também o monitoramento constante dos funcionários de diversos setores operacionais, entre áreas administrativas, de criação, atendimento e produção. Sob essa visão, facilmente estabelece-se uma analogia entre a arquitetura da agência e os mecanismos de regimes disciplinares propostos por Foucault (1999), uma vez que

Esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e distribuído entre os vivos, os doentes e os mortos (FOUCAULT, 1999, p. 163).

**Figura 4** - Salas envidraçadas da agência Neogama



<sup>22</sup> ZAGUI, Alexandre. Leo Burnett Tailor Made absorve a Neogama. Meio e Mensagem, 2017. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/comunicacao/leo-burnett-tailor-made-absorve-a-neogama>. Acesso em: 20 jun. 2025.

Fonte: Nelsonkon, s.d<sup>23</sup>

Entretanto, apesar de sua funcionalidade comprovada e aplicação até os dias de hoje, para Deleuze (1990) o poder moderno deixa de operar por enclausuramento e passa a funcionar de maneira incessável, difusa e invisível com o apoio do cenário contemporâneo dominado por tecnologias, sobretudo inteligências artificiais, que incansavelmente recolhem dados dos indivíduos. Enquanto a sociedade disciplinar representava os indivíduos por uma assinatura e um número de matrícula que indicava sua posição numa massa, com uso do tempo e do espaço bem delimitados, a sociedade de controle configura-se por sua suposta infinitude, uma vez que gera a integração de espaços e logo, a conexão ininterrupta de indivíduos. Esse tempo contínuo transformaria os indivíduos em uma espécie de “moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro” (DELEUZE, 1990, p. 221), o que os levaria a nunca conseguirem terminar algo, sendo sempre levados a um ambiente de constante vigilância e seleção de dados.

Nas sociedades de disciplina não se parava de recomeçar (da escola à caserna, da caserna à fábrica), enquanto nas sociedades de controle nunca se termina nada, a empresa, a formação, o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes de uma mesma modulação, como que de um deformador universal (DELEUZE, 1990, p. 222).

Dessa maneira, a principal característica que difere as duas formas de poder abordadas está no seu modo de atuação: enquanto a disciplina busca formar o indivíduo a partir da imposição de normas visíveis, o controle atua de forma invisível, sutil, quase imperceptível. Logo, o sujeito deixa de ser vigiado por um mecanismo panóptico, um único olhar fixo, e torna-se alvo de uma rede descentralizada de dispositivos que o acompanham e registram constantemente sua atividade.

Consoante ao pensamento de Deleuze (1990), Byung-Chul Han (2022) aponta que na sociedade moderna, ou como ele denomina, “sociedade da informação”, as instituições fechadas de incorporação do regime disciplinar se desfazem em redes abertas, pois

descontinuidades são reduzidas em prol de continuidades. No lugar de encerramentos e conclusões, aparecem aberturas. Celas isoladas são substituídas por redes de comunicação. A visibilidade é, então, produzida de toda outra maneira, não pelo isolamento, mas pela conexão. A técnica digital da informação faz com que a comunicação vire vigilância. Quanto mais geramos dados, quanto mais intensivamente nos comunicamos, mais a vigilância fica eficiente (HAN, 2022).

---

<sup>23</sup>Disponível em: <https://www.nelsonkon.com.br/neogama-agencia-de-publicidade/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

Para Han (2022), a forma moderna de poder na qual a informação e seu processamento por meio de algoritmos e inteligência artificial determinam decisivamente os processos sociais, econômicos e políticos é chamado de regime da informação. Assim como a sociedade de controle, ele se difere do regime de disciplina, uma vez que não são corpos que são explorados, mas sim informação e dados. “O regime de informação está associado ao capitalismo da informação, que hoje se tornou capitalismo de vigilância, rebaixando as pessoas à condição de dados e gado consumidor” (HAN, 2022). No mundo contemporâneo, com indivíduos se tornado apenas cifras e dados, o que garante poder não são os meios de produção, como fábricas ou máquinas, mas sim o acesso e gestão da informação.

### 3.2.2 Os dados são o novo petróleo

Como pontuado, a sociedade moderna foi intitulada de “sociedade de dados” por Castells (2002) por encontrar-se inserida na chamada era da informação, em que o poder, a economia, as relações sociais e culturais são organizados em redes informacionais possibilitadas pela consolidação da cibercultura e sua conexão em escala global. Tal termo é fortalecido no cenário atual, no qual de acordo com Clive Humby, um matemático londrino especializado em ciência de dados, os “dados são o novo petróleo”<sup>24</sup>. Tal comparação refere-se ao impacto dos dados na economia contemporânea, pois assim como o petróleo impulsionou a economia do século XX, os dados apresentam efeito similar no século atual.

Com origem latina, o termo "dados" vem do plural de "datum", que significa "algo dado ou entregue"<sup>25</sup>, uma ação que está cada vez mais presente no cotidiano de usuários de plataformas digitais na atualidade por meio de interações como impressões, cliques, transações, leituras de sensores ou até mesmo navegação online. Todos os dias, o mundo gera cerca de 2,5 quintilhões de dados e 90% dos dados disponíveis hoje foram gerados nos últimos 3 anos, segundo a IBM.<sup>26</sup> No entanto, apesar do petróleo ser escasso e os dados não, é importante lembrar que sua grande quantidade não significa automaticamente um grande

---

<sup>24</sup> RIPARI, César. Por que dados são considerados o novo petróleo?. Administradores, 2022. Disponível em: <https://www.administradores.com.br/noticias/por-que-dados-sao-considerados-o-novo-petroleo>. Acesso em: 16 jun. 2025.

<sup>25</sup> BADMAN, Annie et al. O que são dados? IBM, 2024. Disponível em: <https://www.ibm.com/br-pt/think/topics/data>. Acesso em: 16 jun. 2025.

<sup>26</sup> GARMES, Eric. Os dados são o novo petróleo — e as big techs perceberam isso. Olhar Digital, 2024. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2024/08/18/colunistas/os-dados-sao-o-novo-petroleo-e-as-big-techs-perceberam-isso>. Acesso em: 16 jun. 2025.

valor econômico, uma vez que assim como o petróleo precisa de refinamento, os dados também.

O verdadeiro valor dessas informações podem ser medidos a partir da competência das empresas em interpretar e gerenciá-las de maneira estratégica, visto que o controle sobre os dados equivale ao controle sobre o mercado (GARMES, 2024). O processo de refinação necessita da atuação de tecnologias avançadas, como aquelas de inteligências artificiais generativa e a *machine learning* que capacitam as organizações a automatizar processos de tomada de decisão, baseando-se em análises preditivas que antecipam o comportamento do mercado e dos consumidores. Sob essa visão:

Na atualidade, trata-se sobretudo de ver adiante, de prever e predizer, a partir dos cruzamentos e análises de dados, indivíduos e seus atos potenciais; seja para contê-los (como no caso de crimes, doenças, em que tende a predominar uma vigilância preventiva), seja para incitá-los (como no caso do consumo, da publicidade e do marketing) (BRUNO, 2006, p. 157).

Logo, ao gerir a informação de maneira estratégica e obter dados refinados, seus proprietários têm o poder de criar vantagens competitivas ao seu favor ao moldar comportamentos, prever tendências e personalizar experiências. No entanto, a aplicação dessas vantagens exige mais do que apenas uma infraestrutura tecnológica avançada de refinamento, ela requer uma mudança interna na cultura das corporações, visto que os dados constituem a base dos sistemas de IA, mas a forma como são coletados, utilizados e gerenciados impacta diretamente a privacidade e a segurança do indivíduo. Um relatório recente revelou que 75% dos profissionais seniores de cibersegurança estão vendo mais ataques cibernéticos, sendo que 85% atribuem o aumento a agentes mal-intencionados que utilizam IA generativa.<sup>27</sup> Diante disso, em uma época em que os dados passaram a ser hiper valorizados, as organizações precisam equilibrar a responsabilidade de protegê-los e utilizá-los de maneira ética na mesma emergência de sua coleta.

Essa remodelação da economia, agora estruturada pela informação, impactou diretamente diferentes ramos da indústria, inclusive a publicidade e comunicação. A terceira edição do The Global Review of Data-Driven Marketing and Advertising, estudo realizado pela aliança Global DMA e pela consultoria Winterberry Group com anunciantes do mundo todo, no Brasil coordenado pela Abemd (Associação Brasileira de Marketing Direto), mostra que 73% dos profissionais brasileiros entrevistados estão extremamente confiantes no valor

---

<sup>27</sup> COHEN, Luc. Os avanços da IA correm o risco de facilitar o crime cibernético, dizem as principais autoridades dos EUA. Reuters, 2024. Disponível em: <https://www.reuters.com/technology/cybersecurity/ai-advances-risk-facilitating-cyber-crime-top-us-officials-say-2024-01-09/>. Acesso em 16 jun. 2025.

que o marketing orientado por dados representa para os negócios hoje e em relação aos próximos anos.<sup>28</sup> Nesse contexto, observa-se uma transformação na maneira como as organizações tomam decisões, personalizam serviços e se comunicam com seus públicos. Entre os mecanismos utilizados para definir estratégias, criação de campanhas personalizadas e potencializar seu posicionamento no mercado, está o Database Marketing (DBM). O marketing de banco de dados consiste em estratégias que visam alavancar as performances de venda de uma organização através da coleta de informações dos consumidores e até mesmo do cruzamento de seus padrões de consumo.<sup>29</sup> Desse modo, as empresas teriam na palma da mão a oportunidade de gerar ofertas, promoções e descontos direcionados, a fim de obter sua fidelização e, por conseguinte, ampliar suas vendas. Ou seja,

as conquistas de mercado se fazem por tomada de controle e não mais por formação de disciplina, por fixação de cotações mais do que por redução de custos, por transformação do produto mais do que por especialização da produção. O marketing é agora o instrumento de controle social, e forma a raça impudente de nossos senhores. O controle é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado, ao passo que a disciplina era de longa duração, infinita e descontínua (DELEUZE, 1990, p. 224).

Porém, enquanto atua como uma vantagem para as empresas, o DBM pode representar uma ameaça aos consumidores, uma vez que nem sempre a coleta de dados é de conhecimento público. De forma sutil, ao disponibilizar ofertas de acumulação de pontos em troca de brindes e descontos em troca de um simples registro de dados, a organização consegue seu passe livre às informações do hábito dos clientes, para que enfim as transforme em ações de marketing.

Destarte, observa-se o quão expostos estamos na realidade moderna. A vigilância infiltra-se no cotidiano na forma da conveniência (HAN, 2022), até mesmo fora do campo virtual em ações consideradas corriqueiras, como disponibilizar seu CPF em troca de descontos, ligações telefônicas, realizar transferências financeiras, entre outras. O poder disciplinar agressivo e exposto, dá lugar a um poder sutil, que não dá ordens, mas recomenda. Nesse contexto, a liberdade torna-se uma moeda de troca. Inconscientemente há a vigilância e o controle do comportamento, porém, se não há a detecção do problema, não surge, assim, nenhuma resistência. Não é preciso temer nenhuma revolução. Dessa forma:

---

<sup>28</sup> DORES, Kelly. Cresce o uso de dados no marketing e na publicidade. PropMark, 2017. Disponível em: <https://propmark.com.br/cresce-o-uso-de-dados-no-marketing-e-na-publicidade/amp/>. Acesso em: 22 jun. 2025.

<sup>29</sup> Database Marketing: saiba o que é e como funciona. Mais Retorno, 2021. Disponível em: <https://maisretorno.com/portal/termos/d/database-marketing>. Acesso em: 20 jun. 2025

Nos regimes de informação, as pessoas não se sentem, além disso, vigiadas, mas livres. Paradoxalmente, é o sentimento de liberdade que assegura a dominação. Nisso se distingue fundamentalmente o regime da informação do regime disciplinar. A dominação se faz no momento em que liberdade e vigilância coincidem (HAN, 2022).

No contexto do regime de informação neoliberal, o poder não opera fundamentalmente por meio da consciência da vigilância constante, mas pela experiência subjetiva da liberdade. Desse modo, a supervisão contemporânea não se caracteriza pela violação direta da liberdade, mas sim pela submissão dos próprios indivíduos que espontaneamente se submetem ao olhar panóptico, expondo-se e desnudando-se diante das plataformas digitais. Nesse cenário, “o presidiário do panóptico digital é ao mesmo tempo o agressor e a vítima” (HAN, 2022). É justamente nessa contradição que a ideia de liberdade se confunde com controle.

Com efeito, o uso da internet e da inteligência artificial está relacionado a diversos aspectos da vida cotidiana contemporânea: as práticas comunicacionais, os modos de acesso à informação, as dinâmicas laborais, entre outros. Logo, ao mesmo tempo em que a realidade moderna é cada vez mais mediada pelos sistemas de informação em rede, essa interatividade constante proporcionada por esses dispositivos impulsiona a coleta, o armazenamento e a análise massiva de informações sobre os sujeitos e seus comportamentos.

As mesmas tecnologias que ampliam as possibilidades de emissão, acesso e distribuição da informação tornam-se instrumentos de vigilância e controle; as mesmas tecnologias que possibilitaram o anonimato nas trocas sociais e comunicacionais mostram-se eficientes instrumentos de identificação. A vigilância se confunde hoje com a própria paisagem do ciberespaço (BRUNO, 2006, p. 154).

Em suma, observa-se a crescente dominação das múltiplas dimensões da vida cotidiana contemporânea pela internet e tecnologias baseadas em inteligência artificial, sendo necessário pensar, cada vez mais, nas implicações éticas, políticas e sociais da coleta massiva de dados e da atuação das inteligências artificiais.

### **3.3 A IA como aliada da criatividade**

À medida que os usuários passam a compreender o alcance e as possíveis implicações negativas da tecnologia quando utilizada de forma irresponsável, tornam-se mais exigentes em relação à conduta ética das empresas e marcas com as quais se relacionam. Desse modo, a preocupação com o uso ético de inteligências artificiais foi impulsionada recentemente pelas

novas ferramentas disponíveis para uso do público geral, com destaque para inteligência artificial generativa (IAG). Diferente da inteligência artificial preditiva (IAP), cujo acesso estava restrito aos especialistas, a IAG vem adquirindo as características de uma companheira solícita à espera de um comando para realização das mais variadas tarefas.

Como exemplo dessa tecnologia generativa temos o ChatGPT. Com seu nome sendo a junção da palavra *chat*, referindo-se à sua capacidade de dialogar em linguagem natural e GPT (*Generative Pre-trained Transformer*), demonstrando que foi treinada para entender e gerar texto de forma autônoma, essa tecnologia que através de protocolos de acesso simplificados e um sistema que pode ser utilizado a partir de comandos verbais básicos com uma linguagem que simula a comunicação humana, tanto na fala quanto na escrita, ultrapassou a surpreendente marca de um milhão de usuários em apenas cinco dias após seu lançamento em novembro de 2022.<sup>30</sup> Ao disponibilizar esse chatbot de forma gratuita e com acesso facilitado, a empresa OpenIA não apenas avaliou a receptividade do público em relação a essa nova modalidade de IAG, como também se aproveitou dos dados de uso para o aprimoramento do próprio sistema.

Visto que ainda que utilizem os mesmos fundamentos de aprendizado de máquina e redes neurais, é válido ressaltar que IAG, por sua vez, diferencia-se da preditiva porque segue preceitos relativamente distintos. Segundo Lúcia Santaella (2023, p. 18), a IA generativa é uma área da inteligência artificial que se dedica em criar conteúdos e soluções a partir de informações preexistentes armazenadas em grandes bases de dados. São vários os conteúdos gerados e incluem diversas áreas, como artes, músicas, textos, imagens e design de produtos, semelhantes àquilo que pode ser criado por humanos. O processo de criação por IA generativa envolve várias técnicas e modelos, entre os quais os mais destacados são as redes neurais generativas e os modelos de linguagem como o GPT, logo, pode-se dizer que essa tecnologia auxilia em campos criativos e na resolução de novos problemas.

A IA preditiva, por outro lado, usa padrões em dados acumulados para prever resultados futuros ou classificar eventos futuros, como na previsão da melhor rota em um aplicativo de trânsito ou na previsão do tempo. Isso não significa que sejam abordagens que dispensam uma a outra, apesar de suas performances distintas elas podem atuar em conjunto em algumas situações, por exemplo, enquanto a IA preditiva fica responsável por prever

---

<sup>30</sup>PLAZA, William. ChatGPT levou apenas 5 dias para alcançar 1 milhão de usuários, veja o comparativo com outros serviços da internet. Hardware, 2023. Disponível em: <https://www.hardware.com.br/noticias/chatgpt-apenas-5-dias-1-milhao-de-usuarios-veja-comparativo-outros-servicos-internet/>. Acesso em: 08 jun. 2025.

eventos futuros analisando tendências de dados para atribuir pesos de probabilidade aos modelos, a IA generativa atua na criação de novos dados, que por formatos multimídia podem enriquecer os modelos preditivos ou alimentar sistemas mais complexos com dados sintéticos.

No entanto, apesar de a IA generativa estar em constante evolução, com modelos e técnicas inovadores sendo desenvolvidos regularmente, emerge-se uma nova discussão na indústria midiática: a relação entre tecnologia e criatividade humana. Enquanto alguns argumentam que a IAG pode estimular a expressão da criatividade ao oferecer novas ferramentas e recursos, outros alertam que ela pode gerar dependência e reduzir a inventividade. A favor da inteligência artificial generativa, argumenta-se que ela tem o potencial não apenas de automatizar atividades multimídia ao economizar tempo e recursos, mas também de abrir novas possibilidades para a criatividade humana, oferecendo ferramentas que podem inspirar e ampliar a expressão criativa.

Um exemplo prático do uso da inteligência artificial para estimular a criatividade na indústria midiática é a campanha “The Next Rembrandt”<sup>31</sup>. Desenvolvido por J. Walter Thompson de Amsterdã para o ING, o projeto utilizou inteligência artificial e análise de dados de 346 obras para a criação de uma “nova pintura” do artista, o que lhe rendeu sua consagração no Cannes Lions 2016 com Grands Prix em duas categorias e a exposição da obra no Musée Jacquemart-André, de Paris, ao lado de Rembrandts originais. Apesar de não ter sido muito receptivo inicialmente, o mundo da arte começa, agora, a se render à iniciativa.

**Figura 5** - “The Next Rembrandt” de J. Walter Thompson de Amsterdã



---

<sup>31</sup> Dutch Digital Design. O próximo Rembrandt: trazendo o Velho Mestre de volta à vida. Medium, 2018. Disponível em: <https://medium.com/@DutchDigital/the-next-rembrandt-bringing-the-old-master-back-to-life-35dfb1653597>. Acesso em: 20 jun. 2025.

Fonte: Medium, 2018<sup>32</sup>

Entretanto, em oposição existe o risco da aplicação da IA resultar na criação de conteúdo enganoso, frequentemente desenvolvidos na intenção de manipular a opinião pública ou influenciar decisões. Alguns críticos também ressaltam uma preocupação no âmbito da criatividade, na qual a tecnologia poderia encorajar o desenvolvimento de produções com baixa capacidade de inovação e diversidade, e acarretar em implicações relacionadas a direitos autorais.

Há alguns meses atrás, vivenciamos nas redes sociais uma “trend” que não somente levantou questões acerca da criatividade, mas também sobre autoria. Com a nova atualização da ferramenta GPT-4o, novo gerador de imagens da OpenAI, usuários utilizaram a inteligência artificial para transformar suas fotos em imagens que imitam o estilo visual do Studio Ghibli. O sucesso foi tão grande que em apenas uma hora, a plataforma ganhou cerca de um milhão de novos usuários, superando o recorde anterior de cinco dias para atingir a mesma marca quando o ChatGPT foi lançado originalmente.<sup>33</sup> Com criações como “Meu Amigo Totoro” (1988), “A viagem de Chihiro” (2001) e “O menino e a garça” (2023), o estúdio é amplamente reconhecido não apenas por sua estética marcante, mas também por sua filosofia artística e valores profundos. Hayao Miyazaki, um dos fundadores do estúdio, sempre defendeu a arte feita à mão e classificou o movimento como “insulto à própria vida” em declaração dada em 2016<sup>34</sup>. Em entrevistas, ele expressou preocupação com a mecanização da arte, argumentando que a verdadeira expressividade vem do esforço humano, da emoção e da experiência de vida.

**Figura 6** - Imagens criadas a partir de IA com o comando de estilo “Estúdio Ghibli”

---

<sup>32</sup> Disponível em: <https://medium.com/@DutchDigital/the-next-rembrandt-bringing-the-old-master-back-to-life-35dfb1653597>. Acesso em: 20 jun. 2025.

<sup>33</sup> Studio Ghibli: ChatGPT ganha 1 milhão de usuários em 1h com a trend. CNN, 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/studio-ghibli-chatgpt-ganha-1-milhao-de-usuarios-em-1h-com-a-trend/>. Acesso em: 22 jun. 2025.

<sup>34</sup> SANTIAGO, Larissa. Studio Ghibli: onda nas redes sociais reacende debate sobre IA e direito autoral. Meio e Mensagem, 2025. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/marketing/studio-ghibli-onda-nas-redes-sociais-reacende-debate-sobre-ia-e-direito-autoral>. Acesso em: 22 jun. 2025.



Fonte: G1, 2025 <sup>35</sup>

O conceito de criatividade é multifacetado e pode ter incontáveis definições. Para o autor húngaro-americano, Mihaly Csikszentmihalyi (2013), a criatividade pode ser definida como a produção de algo novo e inédito, não necessariamente de algo antes não existente, mas sim algo com poder de se traduzir em algo com originalidade e inovação. Logo

não há como saber se um pensamento é novo, exceto com referência a alguns padrões, e não há como dizer se ele é valioso até que passe pela avaliação social. Portanto, a criatividade não acontece dentro da cabeça das pessoas, mas na interação entre os pensamentos de uma pessoa e um contexto sociocultural. É um fenômeno sistêmico, e não individual<sup>36</sup> (CSIKSZENTMIHALYI, 2013, tradução própria).

Dessa forma, o autor destaca que a criatividade não é algo possível de se realizar de modo isolado e individual, pelo contrário, ela é um processo sistêmico que emerge da relação dinâmica de um indivíduo com determinado contexto cultural, social e histórico em que ele opera. Essa visão sistêmica da criatividade evidencia a importância das interações entre o indivíduo, a sociedade e a cultura na construção do próprio indivíduo e em suas contribuições criativas. Mihaly (2013) também pontua que

Dizer que Thomas Edison inventou a eletricidade ou que Albert Einstein descobriu a relatividade é uma simplificação conveniente. Satisfaz nossa antiga predileção por histórias fáceis de compreender e que envolvam heróis sobre-humanos. Mas as descobertas de Edison ou Einstein seriam inconcebíveis sem o conhecimento prévio, sem a rede intelectual e social que estimulou seu pensamento e sem os mecanismos sociais que reconheceram e disseminaram suas inovações<sup>37</sup> (CSIKSZENTMIHALYI, 2013, tradução própria).

<sup>35</sup>Disponível em:

<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2025/04/01/um-insulto-a-propria-vida-o-que-artista-do-studio-ghibli-pen-sava-sobre-inteligencia-artificial-antes-de- virar-trend-do-chatgpt.ghtml>. Acesso em: 23 jun. 2025.

<sup>36</sup> Em inglês: There is no way to know whether a thought is new except with reference to some standards, and there is no way to tell whether it is valuable until it passes social evaluation. Therefore, creativity does not happen inside people's heads, but in the interaction between a person's thoughts and a sociocultural context. It is a systemic rather than an individual phenomenon

<sup>37</sup> Em inglês: To say that Thomas Edison invented electricity or that Albert Einstein discovered relativity is a convenient simplification. It satisfies our ancient predilection for stories that are easy to comprehend and involve superhuman heroes. But Edison's or Einstein's discoveries would be inconceivable without the prior knowledge, without the intellectual and social network that stimulated their thinking, and without the social mechanisms that recognized and spread their innovations.

Nesse sentido, o autor também defende o processo criativo como um fenômeno colaborativo, cumulativo e cultural, sendo inviável atribuir inovações complexas a feitos individuais. Tal visão que a grande capacidade criativa humana é fruto do indivíduo que faz parte de um sistema maior, evidencia o valor do ambiente, do conhecimento compartilhado e do reconhecimento social no processo criativo.

Sob a visão de Hessel et al. (2023), a criatividade desempenha um papel fundamental em diversas áreas da vida, seja no campo da educação, negócios, ciência, tecnologia, arte, entretenimento, ela promove a inovação, a expressão individual, o pensamento crítico e a resolução de problemas de maneiras únicas e originais. Ademais

a criatividade humana é caracterizada pela capacidade de estabelecer conexões inéditas entre ideias, conceitos ou objetos aparentemente não relacionados, resultando em algo novo, útil e valioso. A criatividade não se limita à arte, campo na qual é valorizada, mas desempenha um papel importante em diversas áreas da atividade humana, sendo influenciada por fatores individuais, sociais, culturais e ambientais (HESSEL et al, 2023, p. 122).

Com o crescimento do uso da inteligência artificial para a reprodução de habilidades que se aproximam da produção criativa humana, como o desenvolvimento de textos, imagens, composições musicais e vídeos, levanta-se um novo questionamento: a IAG pode simular ou até mesmo superar a criatividade humana?

No entanto, mesmo sendo capaz de ampliar a produtividade, entregar resultados que aparentam ser originais e simular a maneira que produzimos criatividade, esse tipo de tecnologia atua com base em dados preexistentes, ou seja, ao operar por meio de modelos de aprendizado de máquina, ela é limitada por informações, algoritmos e objetivos específicos previamente programados por humanos. Nesse cenário, consoante ao pensamento de Mihaly Csikszentmihalyi (2013), não podemos supor que a criatividade computacional supera a humana, uma vez que a inteligência artificial não é capaz de entender e reproduzir completamente a complexidade cognitiva e emocional da criatividade humana, que é um elemento central para sua atuação.

O renomado Cannes Lions, festival que reúne inovações e talentos da indústria da publicidade e da comunicação, conta com a criatividade como uma das suas principais temáticas. Esse ano, como espectadora dos projetos apresentados e concorrente de um dos prêmios, a estudante do curso de Publicidade e Propaganda da UFC, Gisele Araújo, afirma que “ficou claro que foi levado em consideração se as ideias funcionariam sem a IA. A tecnologia aparece como ferramenta, e não como protagonista. A criatividade continua no

centro”<sup>38</sup>. Portanto, a criatividade humana sobressai a artificial por sua capacidade de atribuir significado, conectar emoções e experiências passadas a situações presentes, e interpretar símbolos a partir de contextos vividos. O cérebro humano opera com base em uma rede densa de memórias afetivas, percepções sensoriais e relações com o mundo, fatores que não podem ser reproduzidos por padrões estatísticos ou matrizes numéricas.

Nesse sentido, a IAG não deve ser vista como uma ameaça que irá substituir o humano, mas sim uma ferramenta para potencializar suas capacidades criativas, em outras palavras ela atua como uma extensão para a criatividade humana, oferecendo inspiração e aprimoramento aos seus usuários. Ao gerar uma ampla variedade de ideias e estilos, a IA pode expandir os horizontes criativos dos indivíduos, encorajando a exploração de novas direções em seu trabalho. No entanto, vale lembrar que a criação autêntica, aquela que transforma, emociona e comunica algo singular, continua sendo uma experiência eminentemente humana, enraizada na consciência, no corpo e na subjetividade.

A orientação humana é crucial para garantir a relevância e precisão do conteúdo produzido. Esse equilíbrio entre a capacidade computacional e o direcionamento humano abre novas possibilidades para a criação de conteúdo, permitindo resultados que, em muitos casos, são indistinguíveis dos criados diretamente por humanos (HESSEL et al, 2023, p. 125).

Tal posicionamento é defendido pelo próprio Greg Brockman, cofundador e atual presidente da OpenAI, empresa responsável pelo desenvolvimento do ChatGPT e outros programas que atuam com inteligência artificial generativa, como o Dall-e. Em 2023, no SXSW, uma mistura de conferência e festival que reúne debates acerca de inovações de diferentes ramos, Greg afirmou que seu objetivo ao fundar a empresa, na época sem fins lucrativos, “foi justamente de direcionar o potencial da inteligência artificial para amplificar as capacidades humanas”<sup>39</sup>. Assim, o americano reforça a ideia de que a IA não deve ser vista como uma substituta de funções e capacidades humanas, mas sim como um instrumento potencializador da criatividade dos indivíduos. Ademais, ainda em sua participação ele pontua “Assumimos, inclusive, que há muito a ser melhorado, como retirar os vieses do chatbot e a possibilidade de descentralizar cada vez mais nossa IA para que ela seja amparada em todo um ecossistema ancorado principalmente na comunidade”. Desse modo, evidencia-se um

---

<sup>38</sup> Humanidade em protagonismo. Meio e Mensagem, 2025. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/cannes/diario-cannes/humanidade-em-protagonismo>. Acesso em: 22 jun. 2025.

<sup>39</sup> PACETE, Luiz. “O mérito do ChatGPT foi transcender a ficção”, diz presidente da OpenAI no SXSW. Forbes, 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/o-merito-do-chatgpt-foi-transcender-a-ficcao-diz-presidente-da-openai-no-sxsw/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

outro desafio: a necessidade de tornar essas tecnologias mais confiáveis, com o desenvolvimento de ferramentas e regulamentações que consigam impedir que a IA seja uma forma de potencializar conteúdos antiéticos.

Em um contexto tomado por tecnologias que estão em constante mudança, torna-se comum o aparecimento de otimismo, dúvidas e até temores. Para além da preocupação com a relação entre criatividade e tecnologia, a qual questiona se esta seria capaz de substituir a capacidade criativa humana; outro receio já era constantemente explorado em obras de ficção científica, o qual seria o desenvolvimento de uma máquina mais inteligente que os humanos, que, por sua vez, será capaz de criar uma máquina mais inteligente que ela mesma e assim sucessivamente ao longo do tempo até que em certo ponto essas máquinas pensantes se tornariam uma ameaça a vida humana ao evoluírem para um estado de superinteligência.

Entre as obras que retratam esse cenário fictício em que as máquinas se voltariam contra os humanos está a série *Black Mirror*, que será explorada mais profundamente no capítulo seguinte. Em sua quarta temporada, no episódio “Metalhead”, é retratado um grupo de pessoas que encontram uma caixa que à primeira vista não há nada de especial, mas acaba despertando um robô cão de guarda que os persegue incansavelmente. Com uma estética totalmente em preto e branco, o que enfatiza o cenário pós-apocalíptico, os invasores são surpreendidos por uma caçada impiedosa de uma inteligência artificial avançada com altas tecnologias de rastreamento capazes de não deixar sequer um humano vivo. O episódio aponta para uma teoria de que ao criar uma ferramenta de proteção, foi desenvolvida uma inteligência artificial que, por erro de programação, ou até má interpretação das orientações humanas, acabou por destruir seu próprio criador, assim alimentando esse temor moderno. Entretanto, tal temor é desmistificado por Lúcia Santaella (2023) ao afirmar que:

Diante disso, são até naturais as fantasias aterrorizantes de que o humano está sendo usurpado de sua potencialidade mais preciosa. Contudo, só o conhecimento da história, do contexto mais amplo e, sobretudo, dos limites atuais da IAG pode evitar demonizações ou euforias despropositadas (SANTAELLA, 2023, p. 21).

Como abordado no capítulo anterior, a superinteligência ou ASI, ainda faz parte do âmbito das ideias, uma vez que a capacidade computacional necessária para tal feito ainda está fora do alcance da tecnologia contemporânea e a própria compreensão do funcionamento do cérebro e da mente humana ainda não é completamente dominada. Apesar de uma possível base da ASI contar com a presença de alguns processos tecnológicos já existentes, é relevante lembrar que o nível de capacidade da inteligência artificial atual é frequentemente

categorizado com IA fraca<sup>40</sup>, a qual consegue aprender novas habilidades, mas depende de algoritmos e dados pré-programados e requer intervenção humana para funcionar, o que imediatamente a diferencia da superinteligência que, por sua vez, seria totalmente autônoma.

Embora a IA alcance a capacidade humana em determinados ramos e que os algoritmos de aprendizado que a compõem sejam inspirados na forma como o cérebro humano aprende, essa tecnologia ainda está muito longe de conseguir reproduzir totalmente a performance cerebral humana, sendo ainda mais inviável a superação dele. Logo, torna-se válida lembrar que as IAs são capazes apenas de simulação, mas não reproduzem o funcionamento do cérebro, cuja complexidade é infinitamente maior e ainda bastante desconhecida; o mais correto é considerar que a concepção dessas redes é inspirada no cérebro humano (KAUFMAN, 2019).

Portanto, enquanto as IAs são grandes potências em obras de ficção científica, como a assistente virtual superinteligente de “Her” (2013), o programa criado para proteção que volta-se contra seus criadores em “Vingadores: A Era de Ultron” (2015) e o cão robô mortífero de alta tecnologia de rastreamento de “Black Mirror” (2017); na realidade contemporânea ainda são sistemas de IA limitados e aplicações primitivas que antecedem uma possível ASI.

Em suma, é necessário se desvincular de cenários ainda hipotéticos e focar nas implicações emergentes da IA disponível atualmente. À medida que o desenvolvimento de inteligência artificial avança, é essencial que haja também o desenvolvimento de medidas para moldar o futuro dessa tecnologia, garantindo seu uso ético e benéfico à humanidade como um todo. Dessa maneira,

embora não possamos descartar as incertezas e inseguranças quanto ao futuro, em nosso papel de pensadores, temos que olhar de frente para o modo como a IAG está penetrando em todas as nervuras de nossas vidas e para a maneira como crescem suas externalidades negativas em relação aos direitos humanos, em especial, nesse caso, aos direitos autorais, perdas de empregos e outras consequências previsíveis e imprevisíveis (SANTAELLA, 2023, p. 21).

Apesar da existência de máquinas superinteligentes ainda ser um cenário fictício, a inteligência artificial apresenta outras problemáticas que já se tornaram realidade. Se antes eram apenas extrapolações tecnológicas e sociais retratadas na ficção, agora as problemáticas

---

<sup>40</sup> MUCCI, Tim et al. O que é superinteligência artificial?. IBM, 2023. Disponível em: <https://www.ibm.com/br-pt/think/topics/artificial-superintelligence>. Acesso em: 12 jun. 2025.

que impactam diretamente os âmbitos sociais, culturais e éticos são pautas de debates para o uso responsável dessa tecnologia.

No início de 2023, foi publicada uma carta aberta pela organização sem fins lucrativos Future of Life Institute<sup>41</sup>. Intitulada de “Pause Giant AI Experiments” (Pause Experimentos Gigantes de IA), o documento visava a paralisação de todos os desenvolvimentos envolvendo grandes IA por até seis meses, para os especialistas do ramo explorarem os impactos da tecnologia com mais cautela. Ao tomar grandes proporções devido ao crescente temor em relação às IAs, a carta contou com a assinatura e o apoio de mais de 1300 cientistas e personalidades de diferentes áreas. Algumas da tecnologia, como Elon Musk e Steve Wozniak, outros do meio acadêmico, como as instituições de Oxford, Cambridge, Stanford, Columbia; além de empresas como Google, Microsoft, Amazon e até o historiador Yuval Noah Harari<sup>42</sup>.

A carta representa um apelo à responsabilidade coletiva frente a uma tecnologia que, embora promissora, também carrega potenciais ameaças, ou como citado, “riscos profundos para a sociedade e a humanidade”. Em outro trecho retirado da própria carta, evidencia-se a necessidade de uma direção mais consciente e ética para o futuro da inteligência artificial, em que o desenvolvimento de inovações tecnológicas caminhe lado a lado com os valores humanos fundamentais, em vez de ser guiado exclusivamente por interesses comerciais ou por uma corrida desenfreada por superioridade tecnológica. Ao defender que “poderosos sistemas de IA devem ser desenvolvidos apenas quando estivermos confiantes de que seus efeitos serão positivos e seus riscos serão administráveis”, emerge-se uma avaliação rigorosa dos impactos, a transparência nos processos de desenvolvimento e o envolvimento de múltiplos setores da sociedade.

Ao sugerir o desenvolvimento e implementação de “um conjunto de protocolos de segurança compartilhados para design e desenvolvimento avançados de IA que são rigorosamente auditados e supervisionados por especialistas externos independentes”, evidencia-se a importância de criar mecanismos coletivos de controle e regulamentação sobre sistemas com grande capacidade de impacto social. Para isso, também levanta-se a exigência de que “o desenvolvimento de IAs devem ser reorientados para tornar os sistemas avançados

---

<sup>41</sup>Pause Giant AI Experiments: An Open Letter. Future of Life, 2023. Disponível em: <https://futureoflife.org/open-letter/pause-giant-ai-experiments/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

<sup>42</sup>PACETE, Luiz. O que diz a carta assinada por Musk e milhares contra experimentos de IA?. Forbes, 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/o-que-diz-a-carta-assinada-por-musk-e-milhares-contra-experimentos-de-ia/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

e poderosos de hoje mais precisos, seguros, interpretáveis, transparentes, robustos, alinhados, confiáveis e leais”. Desse modo, desenvolve-se uma tecnologia que posiciona a ética como seu ponto central, garantindo a segurança e a privacidade do usuário.

Os assinantes da carta propõem ainda a tomada de medidas para mitigar qualquer ameaça antiética ao usuário, como a adoção sistemas de proveniência e marca d’água para ajudar a distinguir o real do sintético e rastrear vazamentos de modelos; um ecossistema robusto de auditoria e certificação; responsabilidade por danos causados pela IA; financiamento público robusto para pesquisa técnica de segurança de IA; e instituições com bons recursos para lidar com as dramáticas perturbações econômicas e políticas que a IA causará. Dessa forma, nota-se a relevância do fator humano no estabelecimento dos formatos éticos, apropriados e eficazes de tais ferramentas tecnológicas em qualquer âmbito.

Nesse contexto, torna-se imprescindível que as discussões sobre o uso da inteligência artificial não se limitem a especulações futuristas, mas se aprofundem nas implicações éticas, sociais e culturais que já estão presentes na realidade contemporânea. Para aprofundar essa discussão, será realizada uma análise filmica a partir da série *Black Mirror*, tendo como referência sua narrativa especulativa que oferece uma lente crítica sobre os possíveis desdobramentos do uso irrestrito da inteligência artificial nas dinâmicas de comunicação e na sociedade contemporânea.

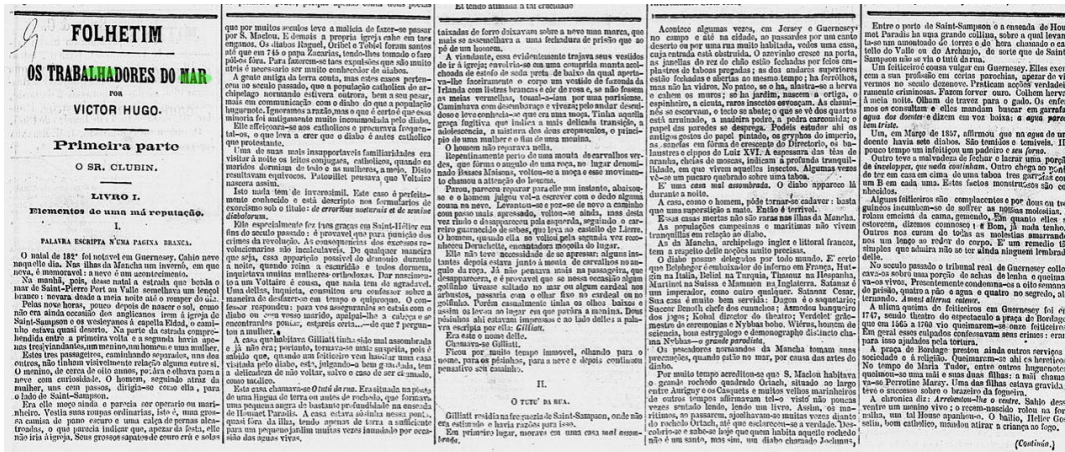
## **4 FICÇÃO X REALIDADE**

A fim de identificar e refletir sobre os dilemas éticos que surgem na relação entre a inteligência artificial e a comunicação, o presente capítulo se dedicará a uma análise filmica. Para isso, inicialmente será realizada a contextualização das narrativas seriadas enquanto forma de expressão audiovisual, destacando sua relevância cultural e comunicacional. Em sequência, será apresentada a série *Black Mirror*, desde sua exibição inicial na televisão britânica até sua transição para o formato digital, consolidando-se como uma produção da plataforma de streaming Netflix. Através da análise de episódios designados, será possível relacionar a reprodução da atuação tecnológica contemporânea e seus impactos éticos, sociais e culturais com as referências e citações previamente exploradas nesse trabalho.

### **4.1 Contextualização das narrativas seriadas**

O hábito de “maratonar séries” se tornou algo comum nos dias de hoje. Assim como “adotar” séries para cumprir objetivos específicos, como relaxar e lazer, ou para preencher momentos entre pausas do cotidiano, como na hora do almoço ou antes de dormir. Entretanto, esse tipo de produção e consumo de conteúdo já fazem parte do imaginário e das práticas culturais há bastante tempo. Entre as décadas de 1920 e 1950, com o rádio como fonte de notícias e entretenimento e a televisão ainda dando seus primeiros passos, os folhetins eram o formato mais próximo das séries de tv<sup>43</sup>.

Figura 7 - Folhetim literário



Fonte: Rio Memórias, s.d<sup>44</sup>

Esse gênero literário aproveitava-se da periodicidade dos jornais para a produção e divulgação de narrativas literárias apresentadas em capítulos diários, com ganchos ao final de cada episódio, proporcionando o “gostinho de quero mais” aos leitores.

À medida que os formatos de consumo se transformavam, energia a necessidade de adaptar ou criar novos meios de comunicação de massa que suprissem os anseios dos consumidores. Com o avanço da tecnologia, esse modelo de narrativa foi adaptado aos meios audiovisuais, primeiro nas radionovelas e em sequência nas telenovelas. O formato contínuo passaram a fazer parte da construção da narrativa, o que ajudou a ampliar o número de sua base de fãs fiéis.

Embora as séries tenham se popularizado ao se adaptar aos formatos da televisão, é importante lembrar que “Na verdade, foi o cinema que forneceu o modelo básico de

<sup>43</sup>MARTINS, Fernando. Quais foram as primeiras séries de TV? Folha de Pernambuco, 2018. Disponível em: [https://www.folhape.com.br/coronistas/uma-serie-de-coisas/quais-foram-as-primeiras-series-de-tv/17194/#google\\_vignette](https://www.folhape.com.br/coronistas/uma-serie-de-coisas/quais-foram-as-primeiras-series-de-tv/17194/#google_vignette). Acesso em: 27 jun. 2025.

<sup>44</sup>Disponível em: <https://riomemorias.com.br/memoria/o-folhetim/>. Acesso em: 17 jul. 2025.

serialização audiovisual de que se vale hoje a televisão” (MACHADO, 2000, p. 86), uma vez que no século XX, os filmes eram assistidos em salões de cinema ou nos chamados Nickelodeons, um neologismo que fazia referência à moeda de 5 cents, chamada em inglês de níquel, o preço do ingresso, com a palavra grega ‘odeon’ que significa teatro coberto<sup>45</sup>. Nesses pequenos espaços de exibição houve a necessidade de criação de um modelo audiovisual com menor duração, divididos em capítulos ou partes, o que antecipava a lógica de continuidade das séries. Nesse cenário, devido ao desconforto do ambiente simples e improvisado,

a série nasceu no cinema por volta de 1913, como consequência das mudanças que ocorreram no mercado de filmes. Nessa época, parte específica das salas de cinema ainda eram os antigos Nickelodeons, que só assistiam filmes curtos, inclusive porque o público ficava em pé ou sentado em incômodos bancos de madeira sem encosto. As longas metragens, que começaram a surgir nessa época, só podiam ser exibidas nos salões de cinema, mais confortáveis e mais caros, embora numericamente ainda um pouco expressivos (MACHADO, 2000, p. 87).

Desse modo, segundo Machado (2000, p. 83), chamamos de serialidade essa apresentação descontínua e fragmentada do sintagma televisual. Além de sua estrutura dividida em capítulos, a série também é caracterizada por apresentar uma breve recapitulação dos acontecimentos anteriores no início de cada episódio, para refrescar a memória do espectador ou situar aquele que eventualmente não assistiu ao segmento anterior. Outro elemento característico é o uso do *cliffhanger*, ou gancho, ao final dos episódios, o qual visa manter o interesse do público até o retorno da exibição, seja após um intervalo comercial ou no episódio seguinte.

Embora a lógica seriada já estivesse presente nos folhetins literários do século XIX e, mais tarde, nas exibições nos cinemas do início do século XX, foi com a consolidação da televisão, a partir das décadas de 1940 e 1950, que as séries se firmaram como uma forma de entretenimento recorrente e acessível. Lançada em novembro de 1946, a série britânica “Pinwright's Progress” é amplamente reconhecida como a primeira série de televisão da história<sup>46</sup>. A produção contou com apenas uma temporada, tendo seu fim em maio de 1947. Entre os pioneiros também é relevante mencionar “I Love Lucy”, produção americana que estreou em 15 de junho de 1951 e se manteve no ar por nove anos, até primeiro de abril de 1960.

---

<sup>45</sup> ALTMAN, Max. Hoje na História: 1905 - 'Nickelodeon' de Pittsburgh introduz o cinema nos EUA. OperaMundi, 2011. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/historia/hoje-na-historia-1905-nickelodeon-de-pittsburgh-introduz-o-cinema-nos-eua/>. Acesso em: 28 jun. 2025.

<sup>46</sup> NADALE, Marcel. Qual foi a primeira série de TV? Super Interessante, 2024. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-foi-a-primeira-serie-de-tv/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

No Brasil, o formato de seriado enfrentou uma maior resistência antes de cair de vez no gosto do público. Isso se deve à forte tradição nacional em torno das telenovelas, que sempre ocuparam um espaço privilegiado na programação e no imaginário cultural brasileiro. Ainda assim, em 1952, foi ao ar a primeira versão de “O Sítio do Pica-Pau Amarelo”<sup>47</sup>, adaptação da literatura de Monteiro Lobato, que rendeu novas versões ao longo dos anos. Apesar da forte tradição das telenovelas até os dias de hoje, as séries já encontraram e consolidaram seu espaço no coração do brasileiro. Como observou a produtora de cinema Andrea Barata, em entrevista a Revista Casper<sup>48</sup>, “A novela é uma tradição no Brasil. Porém, já não ocupa um lugar tão seguro como ocupava alguns anos atrás. Prova disso é a audiência cada vez mais disputada, não só pelos canais a cabo, mas também pela internet”.

Com o advento da internet e a expansão do ambiente cibernético, a maneira de consumir séries passou por transformações significativas. Se antes o público tinha acesso somente a programação estabelecida pelas emissoras, com episódios transmitidos em horários fixos e intervalos comerciais, no ambiente digital, a lógica de exibição passou a ser sob a demanda do espectador, o permitindo escolher quando, onde e como assistir aos episódios. O cenário atual, portanto, é de ampliação das formas de consumo de audiovisual, e embora a TV ainda esteja consolidada no modelo tecnológico de transmissão de sinal, o campo online passou a oferecer inúmeras opções para consumir essas produções, como através de transmissão em redes sociais, sites de download e aplicativos. Uma outra forma de consumo é a partir das plataformas de streaming como Netflix, HBO Max e Amazon Prime. Esse formato consiste em um plano de assinatura para reproduzir diversos conteúdos digitais sem a necessidade de download, evitando ocupar espaço da memória dos computadores ou celulares com os arquivos.

Além do modo de consumo, também amplia-se o acesso a materiais exclusivos, que vão desde promos, trailers e entrevistas, até expansões do mundo narrativo em websódios, blogs ou sites. Junto a isso, é relevante mencionar que a cibercultura também possibilita um ambiente em que os espectadores podem opinar, criticar, debater e até mesmo contribuir com a produção de conteúdo diretamente das suas redes sociais. Sob essa visão, segundo Silva (2014, p. 251) a cultura das séries é o resultado da intensa atuação desses vetores,

---

<sup>47</sup> Vocês sabem como nasceu a primeira adaptação do Sítio do Pica-Pau Amarelo para a televisão? Não? Clica no link e vem comigo! Lobato com Você, 2021. Disponível em: <https://www.lobato.com.br/2021/12/voces-sabem-como-nasceu-a-primeira-adaptacao-do-sitio-do-pica-pau-amarelo-para-a-televisao-nao-clica-no-link-e-vem-comigo/#:~:text=Os%20epis%C3%B3dios%20sempre%20come%C3%A7avam%20com.com%20muito%20senso%20de%20humor>. Acesso em: 27 jun. 2025.

<sup>48</sup> FÁRIA, Isabella. Brasil em Série. Casper. Disponível em: <https://revistacasper.casperlibero.edu.br/edicao-16/brasil-em-serie/#:~:text=O%20primeiro%20seriado%20televivo%20foi.primeiro%20de%20abril%20de%201960>. Acesso em: 27 jun. 2025.

definindo-se como um cenário cultural singular com suas próprias e específicas dinâmicas de produção, circulação e consumo. Ainda sobre o fluxo de conteúdos de seriados na internet, Silva complementa:

São profissionais de outras áreas que em seu tempo livre escrevem e pesquisam sobre séries de TV, indo além de seu interesse específico por determinado programa, para escrever sobre as novidades dos canais, analisar episódios e premiações, repostar vídeos exclusivos e mesmo entrar em campanhas contra o cancelamento de determinada série. Desse modo, eles são parte fundamental do processo de produção, circulação e consumo de ficção televisiva que chamamos aqui de cultura das séries (SILVA, 2014, p. 250).

Desse modo, a audiência deixa de ser apenas uma consumidora e passa a exercer influência direta sobre o conteúdo produzido. As plataformas têm adotado diversas estratégias para incentivar a interação dos espectadores durante a exibição dos episódios, como a presença da hashtag da série no canto da tela a ser utilizada em comentários no X, a disponibilização de um episódio por semana e, sobretudo, a abordagem de temáticas polêmicas na sociedade contemporânea com intuito de provocar debates nas redes sociais. Essas práticas visam ampliar o engajamento do público e, simultaneamente, utilizar os dados gerados pelo comportamento dos usuários para orientar decisões relacionadas a roteiros, elenco e duração dos episódios.

#### **4.2 Breve apresentação de *Black Mirror***

*Black Mirror* é uma série de ficção científica idealizada pelo roteirista e produtor Charlie Brooker. A produção televisiva foi transmitida pela primeira vez em dezembro de 2011 na rede de TV britânica Channel 4<sup>49</sup>. Após duas temporadas muito bem recebidas pelo público, a Netflix adquiriu os direitos da série e passou a produzi-la a partir da terceira temporada, lançada em 2016. A migração para a plataforma de streaming representou um marco significativo para *Black Mirror*, que passou a obter reconhecimento internacional e consolidou-se como um sucesso de audiência global. Até a elaboração deste trabalho, a série conta com um total de sete temporadas, sendo a última lançada em abril deste ano. Além disso, a Netflix produziu o filme interativo “Black Mirror: Bandersnatch” (2018), ampliando ainda mais o alcance e a inovação da franquia.

A produção apresenta uma narrativa ambientada em um futuro distópico, no qual a intensa imersão tecnológica acarreta impactos profundos tanto no desenvolvimento social quanto nas relações interpessoais. Ao usar a sátira como recurso crítico, a série explora os

---

<sup>49</sup> Black Mirror. IMDB. Disponível em: <<https://www.imdb.com/pt/title/tt2085059/>>. Acesso em: 29 jun. 2025.

limites éticos, emocionais e comportamentais dessa integração entre ser humano e máquina. Por meio de enredos provocativos, *Black Mirror* propõe uma crítica contundente ao uso irrestrito da tecnologia, evidenciando os seus impactos na construção da subjetividade, comprometendo vínculos afetivos e intensificando mecanismos de controle e vigilância.

A série busca mexer com o imaginário de seus espectadores ao suscitar reflexões acerca dos rumos da sociedade contemporânea e das possíveis implicações das decisões tomadas na atualidade. Tal provocação decorre da percepção crescente de que a humanidade caminha em direção a um futuro potencialmente distópico e cada vez mais sombrio. No entanto, segundo o criador da série, Charlie Brooker, em entrevista ao jornal *El País* 12<sup>50</sup>: “A motivação principal não foi criar algo para aterrorizar as pessoas com a tecnologia, e sim, oferecer uma forma de entretenimento que não se via há muito tempo na TV”.

Segundo Machado (2000), as estruturas seriadas podem ser categorizadas em três tipos de narrativas seriadas, divergindo em sua orientação de linearidade e composição de narrativa. Consoante ao pensamento do autor, *Black Mirror* se encaixa no terceiro tipo de serialização, o qual consiste no entrelaçamento de um enorme número de situações paralelas ou divergentes, gerando como resultado uma complexa trama de acontecimentos não necessariamente integrados (2000, p. 94). Dessa forma,

a única coisa que se preserva nos vários episódios é o espírito geral das histórias, ou a temática; porém, em cada unidade, não apenas a história é completa e diferente das outras, como diferentes também são os personagens, os atores, os cenários e, às vezes, até os roteiristas e diretores. É o caso de todas aquelas séries em que os episódios têm em comum apenas o título genérico e o estilo das histórias, mas cada unidade é uma narrativa independente (MACHADO, 2000, p. 84).

Embora não apresente uma narrativa contínua entre os episódios, *Black Mirror* mantém uma unidade temática centrada nas tecnologias da informação e da comunicação, bem como nas relações sociais mediadas por dispositivos tecnológicos cada vez mais complexos. A série adota, de forma recorrente, uma perspectiva futurista, marcada por roteiros de tom pessimista que exploram os possíveis desdobramentos éticos, sociais e existenciais da crescente dependência tecnológica. Diante disso, ainda na entrevista para *El País*, Brooker salienta que “Embora haja quem acredite nisso, a verdade é que não sou contra a tecnologia. Em *Black Mirror* a tecnologia nunca é o vilão ou o “sujeito do mal”.

A relevância da série reside no fato de abordar questões centrais para o debate contemporâneo sobre as inter-relações entre cultura, tecnologia e sociedade. Temas como

---

<sup>50</sup> RAMOS, Angél. “Acho ótimo que ‘Black Mirror’ provoque terror. É disso que se trata”. *El País*, 2016. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/14/cultura/1476445649\\_428143.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/14/cultura/1476445649_428143.html). Acesso em: 29 jun. 2025.

vigilância, redes sociais, inteligência artificial, realidade virtual, privacidade digital, uso de dados pessoais, cultura midiática e distopias tecnológicas são recorrentes em seus episódios, refletindo inquietações do mundo atual. Nesse sentido, ela é um interessante produto cultural para ser analisado e debatido, proporcionando reflexões sobre os desafios da cultura digital.

O roteirista afirma que a inspiração da produção veio indiretamente da série de ficção científica, *Twilight Zone*<sup>51</sup>. Conhecida no Brasil como "Além da imaginação", esse sucesso da década de 60 chamou a atenção de Brooker por seus roteiros provocativos que abordavam questões sociais e políticas frequentemente silenciadas para evitar conflitos com os interesses de patrocinadores corporativos. Em *Black Mirror*, Brooker retoma essa proposta de representar criticamente a realidade. Às vezes de maneira chocantemente cruel, mas sempre ancorada em uma perspectiva verossímil e reflexiva.

O título da série faz referência às telas de dispositivos de uso frequente, como smartphones, TVs e computadores quando estão desligados. Em 2014, em entrevista ao próprio Channel 4<sup>52</sup>, Brooker pontua que “se você simplesmente encarar ele, parece um espelho preto. Há algo frio e horripilante sobre isso e pareceu um título coeso com o programa”. Esse “espelho negro” permite que o usuário veja o próprio reflexo no painel, o qual pode ser interpretado como uma metáfora para a série, que explora os efeitos sombrios e imprevisíveis da tecnologia na sociedade, mostrando como ela pode refletir o pior da natureza humana. Nesse sentido, mais do que especular sobre o futuro, a série funciona como um espelho sombrio do presente, revelando contradições já presentes no cotidiano e convidando o espectador a refletir sobre as implicações sociais, políticas e existenciais das escolhas tecnológicas que moldam o mundo atual.

**Figura 8** - Abertura de *Black Mirror*

---

<sup>51</sup>BROOKER, Charlie. Charlie Brooker: o lado negro do nosso vício em gadgets. *The Guardian*, 2012.

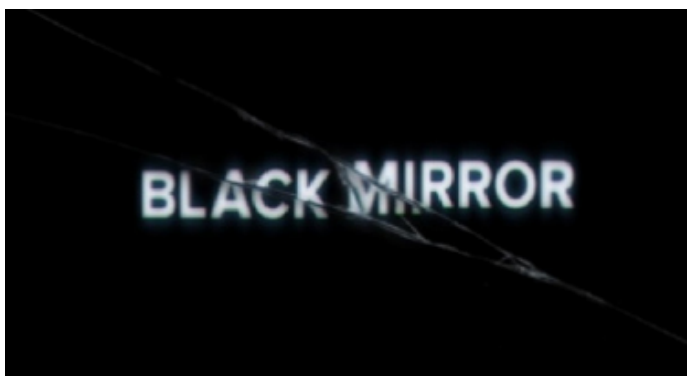
Disponível em:

<https://www.theguardian.com/technology/2011/dec/01/charlie-brooker-dark-side-gadget-addiction-black-mirror>.

Acesso em: 29 jun. 2025.

<sup>52</sup>KLEINA, Nilton. Afinal, o que significa Black Mirror? Entenda o nome da série. *TecMundo*, 2023. Disponível em:

[https://www.tecmundo.com.br/minha-serie/265991-significa-black-mirror-entenda-o-nome-serie.htm#google\\_vignette](https://www.tecmundo.com.br/minha-serie/265991-significa-black-mirror-entenda-o-nome-serie.htm#google_vignette). Acesso em: 29 jun. 2025.



Fonte: Netflix, 2011<sup>53</sup>

A imagem de um “espelho escuro” que se quebra na vinheta de abertura dos episódios faz relação direta com as telas dos computadores e dos dispositivos móveis e simula a rachadura da tela do dispositivo utilizado para assistir ao episódio. Entre as diversas interpretações possíveis, esse rompimento visual pode ser compreendido como a representação da frágil fronteira entre ficção e realidade, sugerindo que as narrativas apresentadas possuem raízes profundas no mundo contemporâneo. A respeito dessa abertura, Lemos (2018) afirma:

Quebrar um espelho, na tradição popular, é sempre um presságio de coisas ruins. E é isso que *Black Mirror* destaca nas quatro temporadas: coisas ruins acontecendo tendo por base o uso permanente dessas telas, seja nas relações pessoais e afetivas, seja na escola, no trabalho ou no lazer. Esse sinal de mau agouro pinta um cenário nada promissor, seja para o presente ou para o futuro, próximo ou distante, da atual sociedade informacional. Portanto, o que faz a série ser assustadora é justamente essa dimensão do presente, explorando a nossa dependência desses “espelhos escuros”. A impressão é que estamos presos a essas interfaces, ou estaremos em breve (LEMOS, 2018, p. 15).

É relevante mencionar que a partir da popularização da série, surgiu a expressão “isso é muito *Black Mirror*”. Ela descreve o estranhamento, o incômodo e até mesmo a sensação de temor, quando encontramos similaridades entre as histórias absurdas contadas na série e a nossa relação com as atuais tecnologias digitais de comunicação e informação, principalmente a internet e as redes sociais. A expressão ilustra, ao mesmo tempo, que algo apontado em *Black Mirror* já está acontecendo ou irá acontecer muito em breve se não houver cautela.

### 4.3 Metodologia

Este capítulo tem como objetivo apresentar os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento da presente monografia, a qual visa analisar os dilemas éticos

---

<sup>53</sup>Disponível em: <https://www.netflix.com/br/>. Acesso em: 14 jul. 2025.

emergentes na relação entre a inteligência artificial e a comunicação abordados na série *Black Mirror*. Desse modo, no que diz respeito à sua natureza, essa pesquisa se caracteriza como uma investigação qualitativa. Segundo Bauer e Gaskell (2008, p. 23), esta abordagem “evita números, lida com interpretações das realidades sociais e é considerada pesquisa soft.” Sob essa visão, este método foi avaliado como assertivo para o objetivo final após ser observado o caráter não quantificável do objeto em foco. Essa abordagem possibilita uma compreensão mais aprofundada dos dilemas éticos discutidos, bem como de seus desdobramentos sociais e culturais, considerando suas dimensões subjetivas, simbólicas e contextuais.

Enquanto a pesquisa quantitativa explora dados baseados em equações, médias e estatísticas, com argumentos voltados para o "visível, ecológico, morfológico e concreto" como aponta Minayo (2002, p. 22), a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, desse modo

ela trabalha com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2002, p. 21).

A pesquisa qualitativa também se caracteriza pela ausência de métodos rígidos e prescrições fixas. Diferente das pesquisas experimentais e dos levantamentos que são guiados por fórmulas e métodos padronizados, nessa tipologia a análise passa a depender muito da sensibilidade, experiência e do estilo do pesquisador (GIL, 2008, p. 175). Isso permite certa liberdade para construir um caminho próprio de investigação, desde que o foco permaneça na busca por compreender o que está além das informações explícitas, ou seja, “na descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado” (MINAYO, 2002, p. 84).

Já o método utilizado para a análise, trata-se da análise filmica. Inicialmente, é importante destacar a relevância comunicacional do filme enquanto objeto de estudo, uma vez que são “formas culturais e simbólicas e podem ser usados para revelar e iluminar características importantes da vida social” (FLICK, 2004, p. 242). Para iniciar, conforme propõem Vanoye e Goliot-Lété (2002), a análise filmica é concebida como um processo dividido em duas etapas. A primeira consiste na decomposição do filme, isto é, na descrição de seus elementos. Para isso, o que se faz necessário

É despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem isoladamente "a olho nu", pois se é tomado pela totalidade.

Parte-se, portanto, do texto fílmico para "desconstruí-lo" e obter um conjunto de elementos distintos do próprio filme (VANOYE; GOLLOT-LÉTÉ, 2002, p. 15).

Tal etapa é essencial ao delimitar o que deve ser observado e registrado na análise. A segunda etapa baseia-se em estabelecer ligações entre esses elementos decompostos e compreender como eles se associam, ou seja, interpretá-los. Consoante a esse pensamento, Penafria (2009) ainda complementa que a análise fílmica visa

explicar/esclarecer o funcionamento de um determinado filme e propor-lhe uma interpretação. Trata-se, acima de tudo, de uma actividade que separa, que desune elementos. E após a identificação desses elementos é necessário perceber a articulação entre os mesmos. Trata-se de fazer uma reconstrução para perceber de que modo esses elementos foram associados num determinado filme (PENAFRIA, 2009, p. 1).

Para a realização da análise fílmica, é fundamental considerar tanto os aspectos internos quanto os externos ao filme. Os aspectos internos dizem respeito aos elementos da linguagem audiovisual, enquanto os aspectos externos relacionam-se às temporalidades, uma vez que o filme é “o resultado de um conjunto de relações e constrangimentos nos quais decorreu a sua produção e realização, como sejam o seu contexto social, cultural, político, económico, estético e tecnológico” (PENAFRIA, 2009, p. 7).

Com o intuito de alcançar os objetivos propostos na análise, a obra selecionada para esta pesquisa foi a série *Black Mirror*, em razão da estreita relação entre suas temáticas e o objeto de estudo. A escolha se justifica pela ampla possibilidade de articulação entre cenários, personagens, cenas, comportamentos e elementos narrativos que contribuem de forma significativa para uma análise aprofundada e coerente da obra.

Embora seja um método consolidado e amplamente reconhecido, a análise fílmica não segue um modelo analítico universal. Logo, não existe uma leitura correta de um texto audiovisual. Como ressalta Flick (2004, p. 241), “Existem apenas múltiplas interpretações. É errôneo limitar as interpretações apenas aos níveis realistas ou subversivos. Fazer isso ignora as outras camadas de significado que estão sempre presentes em um texto”. Dessa forma, torna-se fundamental considerar a complexidade simbólica e a multiplicidade de sentidos que uma obra audiovisual pode suscitar.

Nesta pesquisa, a análise será direcionada a um aspecto específico: a relação entre tecnologia e sociedade, com ênfase nas implicações éticas decorrentes do uso de inteligências artificiais. Como observa Penafria (2009, p. 2), “após a identificação desses elementos, é necessário perceber a articulação entre os mesmos. Trata-se de fazer uma reconstrução para perceber de que modo esses elementos foram associados num determinado filme.” É essa articulação significativa, portanto, que guiará a análise proposta neste trabalho. Diante disso,

não se pretende abordar outros elementos da linguagem fílmica que não contribuam diretamente para a compreensão dessa integração entre ser humano e máquina.

Os episódios “Joan é Péssima”, “Rachel, Jack e Ashley Too” e “Pessoas Comuns” foram selecionados por refletirem, de forma mais atualizada e pertinente, os dilemas éticos abordados ao longo desta pesquisa, especialmente aqueles relacionados à comunicação e às produções midiáticas. A análise de cada episódio foi conduzida individualmente, seguindo um procedimento metodológico estruturado em três etapas principais. A primeira consistiu na compreensão ampla e contextual da narrativa, buscando identificar a mensagem central de cada capítulo, bem como elementos potenciais de análise. Na segunda etapa, procedeu-se à decomposição de cenas específicas, com o intuito de evidenciar implicações éticas na interação entre inteligências artificiais e seres humanos, explorando seus impactos e desdobramentos comportamentais. Por fim, a terceira etapa consistiu na articulação dos dilemas identificados com os referenciais teóricos discutidos ao longo da pesquisa, estabelecendo paralelos entre as situações ficcionais e a realidade contemporânea.

#### **4.4 Descrição de “Joan é Péssima”**

Lançado em 15 de junho de 2023, “Joan é Péssima” é o marco inicial da sexta temporada de *Black Mirror*. Com roteiro de Charlie Brooker e direção de Ally Pankiw, o episódio retrata a vida aparentemente comum de Joan, uma mulher que se vê presa na monotonia do cotidiano. Apesar do certo *glamour* e privilégios associados ao seu emprego, Joan carece de motivações profissionais e enfrenta inúmeras dificuldades, especialmente quando se trata de tomar decisões difíceis, como reduzir o quadro de funcionários por ordem de seus superiores. Além da insatisfação profissional, sua vida pessoal não é muito animadora. Em um relacionamento monótono, com um parceiro doce, mas com quem não parece ter muita conexão emocional, Joan conclui que sua vida está num constante piloto automático e que nunca se sentiu como a protagonista da sua própria vida.

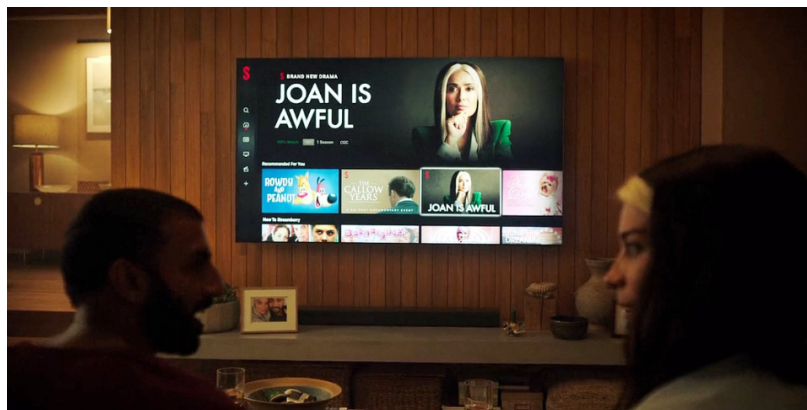
**Figura 9** - Pôster promocional de “Joan é Péssima”



Fonte: IMDb, 2023<sup>54</sup>

No fim do dia, ao buscar um momento de aconchego em uma série de TV na plataforma de streaming Streamberry (uma sátira à própria Netflix), ela se depara com a série “Joan é Péssima”. Para sua surpresa, o que inicialmente aparentava ser uma personagem com características em comum a ela, na verdade se tratava de uma adaptação em tempo real da sua própria vida. Agora, querendo ou não, Joan era a protagonista.

**Figura 10** - Capa da série “Joan é Péssima”



Fonte: Netflix, 2023.

Interpretada por Salma Hayek, a série consiste na reprodução do cotidiano da personagem. No entanto, como de costume na indústria midiática, há o exagero e alteração da realidade por propósitos dramáticos e de entretenimento. Desse modo, a sua personalidade e os acontecimentos eram expostos cruelmente a fim de representá-la como uma pessoa ruim e de caráter duvidoso, ou seja, péssima. Com segredos vindo à tona, Joan se encontra em uma

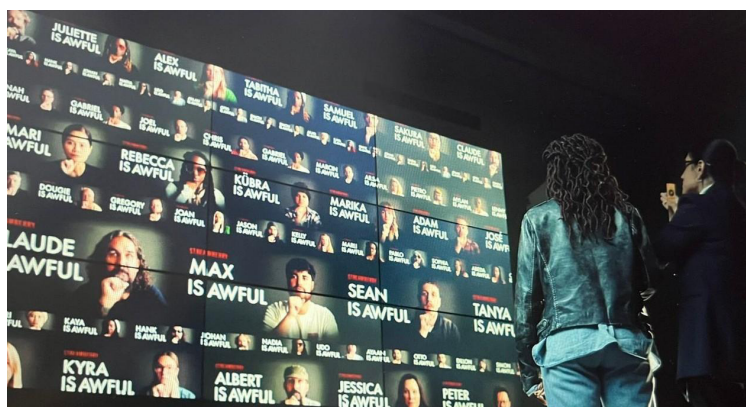
<sup>54</sup>Disponível em: [https://www.imdb.com/pt/title/tt20247352/?ref=mv\\_close](https://www.imdb.com/pt/title/tt20247352/?ref=mv_close). Acesso em: 14 jul. 2025.

crise generalizada, a qual resultou rapidamente em sua demissão e no fim de seu relacionamento. Em busca de entender e evitar piorar a situação, a personagem entra em contato com a empresa de streaming responsável pela produção e veiculação da série. Entretanto, para sua surpresa não havia muito a ser feito, pois ao clicar no botão “aceitar” ao criar sua conta na plataforma, ela inadvertidamente concordou com os termos que permitiram o direito irrestrito de usar sua imagem, voz e vida.

Dessa maneira, sem identificar meios legais de fazer a sua série ser cancelada, Joan decide chamar a atenção da atriz que a interpreta no programa, uma vez que a chance de resolução seria maior ao se tratar de uma personalidade famosa e com poder monetário. Em um ato de desespero, Joan decide defecar em uma igreja durante um casamento, o que diretamente humilha Salma Hayek. Entretanto, esse plano contém uma lacuna, já que a atriz também cedeu os direitos de sua imagem ao vendê-los, ou seja, não há uma interpretação real, o que acontece é que os episódios são produzidos virtualmente com o rosto, corpo e voz da artista. Isso significa que Salma é a fonte de elementos visuais da série e Joan, de elementos de roteiro, que são captados através de seus dispositivos eletrônicos, usando seus registros de navegação e interações em aplicativos, de forma similar ao mecanismo de funcionamento da IA.

Nesse contexto revoltante, as duas se direcionam a sede da Streamberry e encontram o Quamputer ou “quomputa”, segundo Hayek. Essa tecnologia é “um criador de conteúdo infinito capaz de desejar a existência de multiversos inteiros”, uma espécie de sistema quântico responsável por criar séries em tempo real, em múltiplas camadas de simulação através de um enorme banco de dados de usuários e aplicação de inteligência artificial generativa.

**Figura 11** - Central de produção a partir de dados dos assinantes



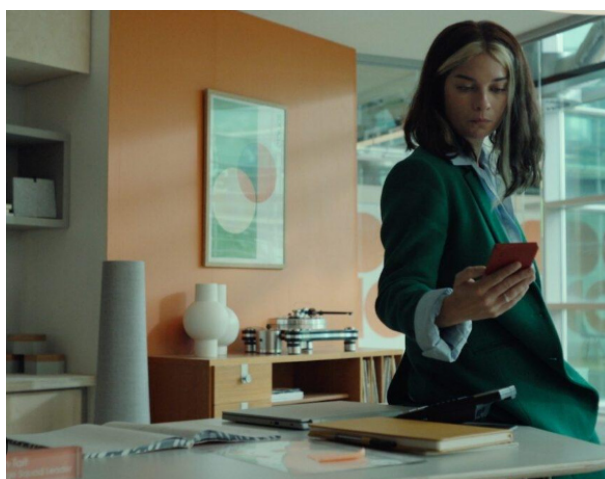
Fonte: Netflix, 2023

Nesse momento é compreendido que ao se tratar de um âmbito quântico, diferentes realidades podem abranger outras realidades, logo, é revelado ao espectador que a Joan que protagoniza a série, não é a Joan “real”, mas uma versão simulada criada a partir dos dados de uma mulher chamada Joan Verdadeira ou Joan Fonte. Por fim, a simulação é encerrada com a destruição do computador e a Joan versão original finalmente está feliz e satisfeita com sua vida, embora tenha sido condenada a cumprir pena em prisão domiciliar por destruir propriedade privada.

#### 4.4.1 Análise de “Joan é Péssima”

Para dar início à análise, é válido ressaltar que ela ocorreu a partir dos dilemas éticos levantados ao longo do episódio, sobretudo aqueles relacionados à inteligência artificial generativa, vigilância distribuída e consentimento digital. Posto isso, observa-se que através de uma narrativa satírica e provocadora, o episódio revela seu enredo central logo nos primeiros minutos, quando a protagonista, Joan, se dá conta que sua rotina está sendo transformada em uma série de streaming. Essa realidade distópica é sustentada por um sistema de monitoramento contínuo extremo — o aparelho celular — no qual a personagem tem suas características, preferências e comportamentos capturados e traduzidos em dados a serem utilizados como material para a construção do roteiro.

**Figura 12** - Joan constantemente fornecendo dados ao seu celular



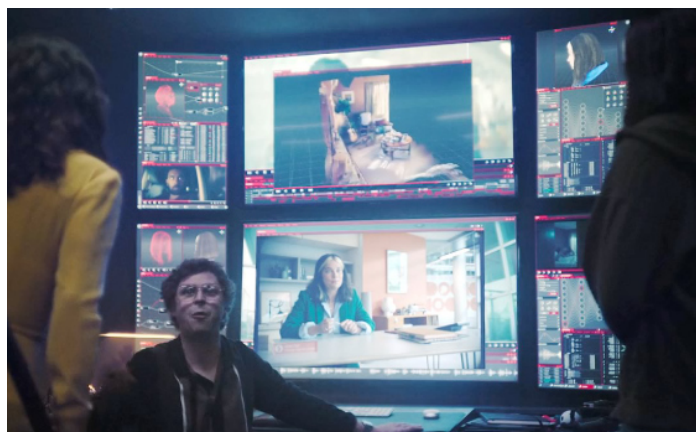
Fonte: Netflix, 2023

Tal cenário se aproxima da realidade contemporânea, em que registros digitais, como o histórico de busca, interações em plataformas de e-commerce e até mesmo curtidas e

compartilhamentos em redes sociais, são constantemente coletados e explorados por empresas de acordo com seu interesse. Nesse cenário, consoante ao pensamento de Byung-Chul Han (2022), o telefone móvel passa atuar como um instrumento de vigilância e submissão, explorando a liberdade e a comunicação.

Além disso, pode-se dizer que o episódio retrata explicitamente a temática da vigilância, sobretudo a ascensão da sua forma distributiva. Se antes múltiplos episódios de temporadas anteriores eram voltados totalmente para a vigilância disciplinar de Michel Foucault, a fim de explorar narrativas sustentadas pelo controle minucioso das operações do corpo e uma relação de docilidade-utilidade (1999, p. 118), hoje o repertório da série conta com atualizações. Episódios mais antigos, como *Toda a Sua História* (2011), *Odiados Pela Nação* (2016) e *Arkangel* (2017), apresentam diferentes dispositivos fictícios com captura de imagem e vídeo, possibilitando um monitoramento constante, porém centralizado. Entretanto, o episódio em questão apresenta uma narrativa alinhada ao conceito de sociedade de controle, proposto por Gilles Deleuze (1990), que diferentemente do poder disciplinar, se caracteriza pela dispersão e constante monitoramento do indivíduo através das mais variadas fontes, como cliques, curtidas, tempo de leitura, compartilhamentos e outros rastros digitais. Nesse contexto, essa descentralização pós-panóptica visa não somente vigiar o indivíduo, mas também investir em seus interesses comerciais ao gerar valor a partir dos dados pessoais dos usuários. No caso da narrativa, esse processo é bem ilustrado na atuação da plataforma de streaming Streamberry, a qual é responsável por monitorar, captar e usar os dados de Joan, que é transformada em um sujeito “dividual”, segundo a definição de Deleuze (1990), ou seja um ser fragmentado em informações quantificáveis em um banco de dados.

**Figura 13** - Painel de vigilância e captação de dados para o streaming



Fonte: Netflix, 2023

Para além do monitoramento contínuo e da monetização de seus dados, Joan também se depara com a violação de sua privacidade. Embora não seja uma prática recomendada, o ato de aceitar os termos e condições de uso de uma plataforma sem realizar a leitura prévia é algo extremamente comum na cultura digital contemporânea. Entretanto, para Joan, a entrega voluntária do controle sobre os seus dados lhe custou sua imagem e até sua própria identidade. Ainda que legalmente respaldado por contratos, o uso dos dados de Joan e a imagem de Hayek mostra como dispositivos tecnológicos podem ultrapassar limites éticos quando o lucro e o entretenimento se sobrepõem à dignidade e à autonomia dos indivíduos. O direito à privacidade é negligenciado e a identidade pessoal se torna um recurso monetizável, manipulável e sujeito à lógica impessoal das grandes corporações de tecnologia.

A ausência de clareza nos contratos digitais, como exemplificado no episódio, evidencia um dos aspectos centrais da crítica de Byung-Chul Han (2022) à sociedade contemporânea, que é a ilusão de liberdade no contexto digital. Seja pela conveniência das ferramentas de busca, das vozes amigáveis das assistentes de voz, ou no caso do episódio em questão, um clique para pular uma leitura burocrática para ter acesso a plataforma de streaming, as tecnologias adotam estratégias que se apresentam como facilitadoras, mas que, na prática, promovem uma invasão sutil da privacidade do sujeito.

Esse cenário se alinha à reflexão de Han (2022) ao afirmar que a vigilância, na sociedade digital, se infiltra de maneira discreta e naturalizada por meio da conveniência, tornando-se indissociável das rotinas cotidianas. Embora se acredite que a sociedade digital amplie as liberdades individuais, o que realmente circula livremente não são as pessoas, mas seus dados. Nessa falsa noção de autonomia, a exigência de transparência e o fluxo constante de informações não libertam o indivíduo, mas o submetem a novas formas de dominação. Desse modo,

Transparência e informação têm o mesmo significado. A sociedade da informação é a sociedade da transparência. O imperativo da transparência faz com que as informações circulem livremente. Não são as pessoas que são realmente livres, mas as informações. O paradoxo da sociedade de informação é: as pessoas estão aprisionadas nas informações. Afivelam elas mesmas os grilhões ao se comunicarem e ao produzirem informações. O presídio digital é transparente.  
(HAN, 2022)

Quadro 1 - Análise da abordagem da IA no episódio “Joan é Péssima”

Episódio	Dilemas éticos	Temáticas centrais
----------	----------------	--------------------

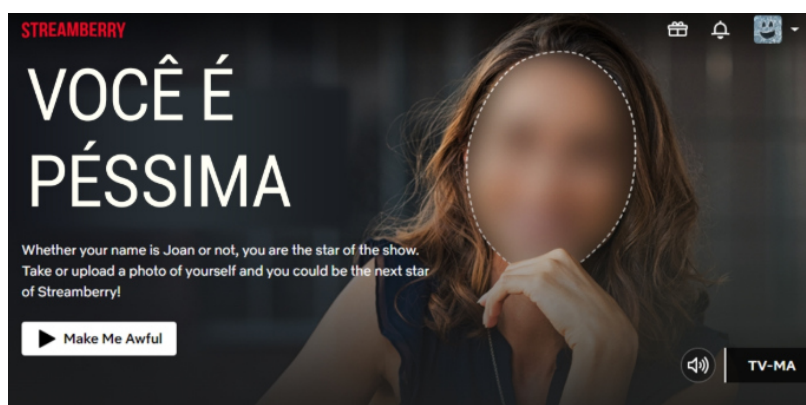
<p><b>Joan é Péssima</b></p>	<p>Uso da IA como mecanismo de vigilância distributiva, invasão da privacidade privada, imposição de uma liberdade ilusória</p>	<p>Sociedade de controle, sociedade da transparência, exposição digital e consentimento</p>
------------------------------	---	---

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Com as informações expostas no quadro, é possível perceber que a produção vai além da ficção ao reproduzir um cenário que dialoga diretamente com aspectos da realidade contemporânea. Essa proximidade entre ficção e realidade reforça o pensamento de Flick (2004, p. 241), que aponta que as representações visuais podem atuar não somente como um reflexo, mas também na definição e problematização de experiências culturais. Assim, *Black Mirror* se estabelece como uma crítica contundente ao cenário tecnológico vigente, revelando as implicações éticas que muitas vezes passam despercebidas no cotidiano dos usuários.

Para concluir a análise, vale destacar que como estratégia de promoção da série, a Netflix também criou o site da fictícia plataforma Streamberry (<https://youareawful.com/>)<sup>55</sup>. Atualmente indisponível, os usuários podiam inserir uma foto pessoal e gerar uma peça promocional personalizada com seu nome, simulando a experiência vivida pela personagem Joan no episódio.

**Figura 14** - Site promocional de personalização da Streamberry



Fonte: Chippu, 2023<sup>56</sup>

<sup>55</sup>SANTOS, Alana. Netflix lança site que te coloca como capa de série. Publicitários Criativos, 2023. Disponível em: <https://www.publicitarioscriativos.com/netflix-lanca-site-que-te-coloca-como-capa-de-serie/>. Acesso em: 03 jul. 2025.

<sup>56</sup> Disponível em: <https://www.chippu.com.br/noticias/black-mirror-propria-serie-netflix-joan-e-pessima-streamberry>. Acesso em: 14 jul. 2025.

A iniciativa não apenas promovia a série de forma interativa, mas também proporcionava ao público uma vivência direta dos temas abordados na narrativa, especialmente aqueles relacionados à exposição da imagem, consentimento digital e à manipulação de identidade.

#### 4.5 Descrição de “Rachel, Jack e Ashley Too”

Com roteiro de Charlie Brooker e direção de Anne Sewitsky, o episódio “Rachel, Jack e Ashley Too” teve sua estreia no dia 05 de junho de 2019. Escolhido como o último episódio para fechar a quinta temporada com chave de ouro, a narrativa acompanha duas protagonistas, Rachel e Ashley, que têm suas histórias entrelaçadas.

A trama inicia com Rachel, uma adolescente que enfrenta dificuldades após mudanças drásticas em sua vida, como a morte de sua mãe, mudança de residência e conflitos com sua irmã mais velha, Jack. No seu aniversário, Rachel ganha a boneca robótica Ashley Too, uma assistente virtual programada com a personalidade e a voz da artista pop Ashley O. A boneca é interativa, sendo capaz de conversar e até mesmo ensinar coreografias. Na tentativa de lidar com tantos acontecimentos, Rachel rapidamente se apega à Ashley Too, criando um forte vínculo de amizade e encontrando apoio nas canções da artista que abordam temáticas de autoconfiança, positividade e empoderamento. Por outro lado, Jack não demonstra ser tão receptiva ao presente quanto a irmã, considerando a interação artificial e totalmente programada para o marketing.

**Figura 15** - Rachel e a boneca Ashley Too



Fonte: Netflix, 2019

Enquanto isso, descobrimos que a vida de Ashley O, a popstar carismática e amada por milhões de fãs, na verdade não é tão glamourosa assim. Se nos palcos sua imagem é vendida como a de uma pessoa realizada e otimista, nos bastidores ela vive sob constante controle de Catherine, que além de tia, também é sua empresária. O conflito entre as duas personagens surge a partir do desejo de Ashley de romper com a imagem idealizada de estrela pop perfeita, buscando se expressar de forma mais autêntica por meio de músicas com tons mais sombrios e verdadeiros. Em contraste, sua tia, focada exclusivamente nos lucros da marca, insiste em manter a artista presa aos padrões impostos pela indústria do entretenimento.

Enquanto Rachel desenvolve uma relação cada vez mais próxima com sua boneca Ashley Too, a verdadeira Ashley lida com o que seria a gota d'água na sua conturbada relação com a tia. O clímax se instala quando a cantora descobre estar sendo vigiada por câmeras escondidas, tendo seu diário pessoal invadido e até mesmo seus medicamentos manipulados com o objetivo de controlar seu comportamento. Decidida a retomar as rédeas da própria vida e iniciar uma nova fase em sua carreira artística, Ashley tenta se libertar. No entanto, sua tia Catherine, movida por interesses comerciais, age de forma extrema. Em um ato drástico, Catheryne lhe dá uma alta dosagem de medicamentos, deixando-a em coma induzido, mas alega à imprensa que Ashley teve uma reação alérgica a frutos do mar.

**Figura 16** - Sistema de IA coletando dados da mente de Ashley O



Fonte: Netflix, 2019

Com a sobrinha inconsciente, ela dá início ao projeto “Ashley Eternal”, utilizando uma alta tecnologia capaz de extrair composições diretamente do cérebro em coma para lançar novas músicas e realizar turnês com um holograma que substitui completamente a artista real.

**Figura 17** - Holograma de Ashley O



Fonte: Netflix, 2019

Ao descobrir o que aconteceu com a sua fonte original, a Ashley Too de Rachel entra em pane e acaba revelando que possui uma cópia completa da consciência da cantora. Ao notar tal mudança repentina, Rachel e Jack, acessam o “limite de memória” da boneca, desbloqueando todo o potencial da personalidade digital de Ashley, que acaba expondo um lado mais fiel à verdadeira artista. Diante de toda a problemática, as irmãs estão decididas a ajudar a cantora a recuperar seu corpo e real consciência. O episódio culmina com o confronto final de Ashley O e sua tia, no mesmo palco em que sua “nova versão” acabara de ser apresentada ao mundo. Em uma cena pós-crédito, Ashley expõe publicamente as manipulações de sua tia, com a ajuda de Jack e Rachel, através de uma performance da música "Head Like a Hole".

#### **4.5.1 Análise de “Rachel, Jack e Ashley Too”**

Além de provocar reflexões sobre a indústria cultural de massa, o episódio também levanta importantes questões éticas relacionadas ao controle, à autoria e à criatividade. Desde o início da trama, é evidente que Ashley vive sob um rígido regime de vigilância imposto por sua tia. No entanto, esse controle não se manifesta por meios físicos diretos, mas sim através de mecanismos sutis e difusos, como entrelinhas de contratos, uso de inteligências artificiais e até mesmo a administração de fármacos; fazendo assim uma alusão à lógica dividual de Deleuze (1990). Contribuindo para essa analogia, seja em forma de músicas geradas por IA, seja no dispositivo Ashley Too, a artista é reduzida a uma série de dados reproduzíveis e comerciais. Em dado momento, a cantora deixa de ser um sujeito com vontade própria e torna-se um arquivo digital explorável, pronto para ser copiado, replicado e distribuído.

Na boneca artificial, observa-se essa lógica sendo posta em prática, uma vez que a Ashley Too é apenas uma simulação digitalizada e limitada da artista, construída a partir de

dados processados por IA. Seus fãs, portanto, não interagem de verdade com a artista, tampouco com sua personalidade total. Na verdade, o que eles têm acesso são somente fragmentos de dados cuidadosamente selecionados e programados para gerar identificação e afeto, uma imagem criada sob medida para agradar e vender.

Já no projeto “Ashley Eternal”, os dados passam a ser retirados de um modo ainda mais invasivo: da sua atividade cerebral. Mesmo em coma, nem mesmo seus próprios pensamentos foram poupados de serem monitorados, moldados e convertidos em matéria-prima para produtos de entretenimento. Surgindo assim, um novo campo de dados a ser explorado pelas inteligências artificiais,

ou seja, mais do que montar um ser virtual (reproduzindo o corpo como ele era) e sua memória (como gravada nos sistemas), a subjetividade “dividual” se constrói por múltiplas performatividades algorítmicas hoje. Pensar nos desafios de presente e do futuro é pensar nesse sujeito esfacelado, sempre e incompletamente reconstruído. (LEMOS, 2018, p. 58).

Nesse contexto, o artista deixa de ser uma pessoa e passa a funcionar como uma marca. Embora a ideia de converter pensamentos em dados ainda pertença ao campo da ficção, a realidade atual já apresenta algo semelhante: o dilema de até onde uma figura pública pode ser reproduzida e comercializada como produto, sem o controle da própria pessoa, seja pela ausência de consciência ou autorização.

Atualmente, já se observam casos em que a imagem de artistas é utilizada sem o devido consentimento, até mesmo após sua morte. Um exemplo notório é o do cantor Michael Jackson, cuja discografia foi ampliada por meio de dois álbuns póstumos, o que de acordo com a revista Forbes, até lhe rendeu o título de celebridade falecida mais bem-paga no mundo em 2023<sup>57</sup>. Diante desse contexto apavorante, marcado pelo avanço das tecnologias de inteligência artificial e pelas possibilidades de replicação digital, observa-se um movimento crescente de artistas que buscam se prevenir por instrumentos jurídicos, buscando evitar formas de exploração não autorizadas de sua imagem. A título de exemplo, após viver uma experiência de quase morte, a cantora Madonna estabeleceu restrições rígidas sobre o uso de sua imagem, proibindo sua replicação com hologramas em show ao considerar a prática “questionável”<sup>58</sup>.

---

<sup>57</sup> 15 anos sem Michael Jackson: as polêmicas músicas lançadas após a morte do cantor. G1, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2024/06/25/15-anos-sem-michael-jackson-as-polemicas-musicas-lancadas-apos-a-morte-do-cantor.ghtml>. Acesso em: 04 jul. 2025.

<sup>58</sup> DECARIS, Fernanda. Madonna proíbe uso de hologramas após sua morte. Rolling Stone Brasil, 2023. Disponível em: <https://rollingstone.com.br/noticia/madonna-proibe-uso-de-hologramas-apos-sua-morte/>. Acesso em: 04 jul. 2025.

Na narrativa, Ashley não teve a chance de fazer o mesmo e acabou enfrentando os desafios de ter sua imagem transformada em produto. Além disso, outra adversidade presente na má gestão de sua tia foi a violação do seu direito de liberdade de expressão e autonomia profissional. Se por um lado a cantora desejava mudar sua estética musical e falar sobre o que realmente sentia, do outro, sua tia planejava se manter no seu nicho atual, mesmo que significasse a substituição de sua sobrinha por um sistema de tecnologia. Nesse cenário, revela-se uma questão ética ainda mais profunda: a substituição da criatividade humana por tecnologias baseadas em inteligência artificial.

Embora a mente de Ashley seja usada como fonte de dados para a produção de novas composições, o que resta de processo criativo em seus impulsos cerebrais é simulado por algoritmos que operam com base em padrões e combinações programadas segundo uma lógica estritamente comercial. Nesse contexto, a IA é utilizada não como uma ferramenta de apoio ao processo criativo, mas como meio de substituição total da atuação humana. Tal panorama dialoga diretamente com a perspectiva de Byung-Chul Han (2019), que por sua vez afirma que a realidade contemporânea impõe ao sujeito a exigência de produtividade constante, aprisionando-o em uma liberdade ilusória voltada à maximização de desempenho e rendimento. Para Han (2019), esse regime de positividade e eficiência compromete profundamente a capacidade criativa, uma vez que a criação requer tempo, pausa, contemplação e até mesmo negatividade, os quais são elementos incompatíveis com a lógica algorítmica da aceleração e da otimização. Dessa forma, tanto na perspectiva de Han (2019) quanto na de Csikszentmihalyi (2013), evidencia-se a desumanização do ato criativo, visto que ao reduzir o sujeito criador a uma simples fonte de dados, desconsidera-se dimensões essenciais da criação, como a subjetividade, a sensibilidade e a complexidade humana.

Quadro 2 - Análise da abordagem da IA no episódio “Rachel, Jack e Ashley Too”

Episódio	Dilemas éticos	Temáticas centrais
<b>Rachel, Jack e Ashley Too</b>	Uso da IA como ferramenta de violação da liberdade criativa, desumanização do processo de criação e redução do sujeito à condição de produto	Produtividade, exploração do ser “dividual”, protagonismo humano

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Ao analisar o quadro acima, é possível estabelecer uma relação direta com o pôster oficial do episódio em questão, visto que ele representa visualmente esses dilemas ao

apresentar a personagem Ashley como uma boneca, literalmente transformada em produto. A estética da embalagem reforça a ideia de mercantilização da artista, evidenciando o controle e a comercialização de sua imagem. Dessa forma, o pôster concretiza as questões destacadas na tabela, como a objetificação e a exploração da subjetividade.

**Figura 18** - Pôster promocional de “ Rachel, Jack e Ashley Too”



Fonte: IMDb, 2019<sup>59</sup>

Para finalizar a análise do episódio, vale mencionar que a escolha da artista Miley Cyrus como intérprete da personagem Ashley não foi aleatória, mas estrategicamente pensada. Isso porque a artista passou por uma experiência semelhante à vivida por sua personagem, especialmente durante sua atuação na série “Hannah Montana” (2006). Na época, ainda adolescente, Miley enfrentou intensos processos de controle de imagem e identidade pública, o que torna sua participação no episódio ainda mais significativa e simbólica.

Além disso, é importante destacar a presença significativa da música "Head Like a Hole", da banda Nine Inch Nails, no enredo do episódio. No início da narrativa, a canção é reproduzida em uma versão modificada, com letra suavizada e melodia mais alegre, refletindo a imagem otimista e comercialmente moldada de Ashley enquanto ainda estava sob o controle de sua empresária. Já no desfecho do episódio, Ashley se une às irmãs para interpretar a versão original da música, cuja letra carrega um tom de rebeldia e crítica direta a estruturas de controle, poder e mercantilização. Essa retomada da versão autêntica da canção reflete a nova fase de sua vida, marcada pela retomada de sua autonomia e autenticidade artística.

<sup>59</sup> Disponível em: [https://www.imdb.com/pt/title/tt9053874/?ref=mv\\_close](https://www.imdb.com/pt/title/tt9053874/?ref=mv_close). Acesso em: 14 jul. 2025.

**Figura 19** - Show com nova estética e nome de Ashley



Fonte: Netflix, 2019

#### **4.6 Descrição de “Pessoas Comuns”**

Com direção de Ally Pankiw e roteiro de Charlie Brooker e Bisha K. Ali, “Pessoas Comuns” foi lançado no dia 10 de abril de 2025. O primeiro episódio da sétima temporada da série *Black Mirror*, apresenta Amanda, uma professora, e Mike, um soldador, como um casal apaixonado e feliz que enfrenta dificuldades em realizar o sonho de ter um bebê. Amanda é uma profissional muito querida em seu ambiente de trabalho, tanto pelos outros funcionários, quanto por seus alunos. Certo dia, uma aluna parece chateada e relata que uma colega de classe riu e fez comentários maldosos sobre seus sapatos. A professora então a conforta afirmando que na verdade seu calçado é vintage e que assim ele é especial por contar sua própria história. Ao fim do dia, o casal parte em uma viagem rumo a Juniper, uma tradição de aniversário de casamento. No entanto, desta vez, o passeio é interrompido ao Amanda sentir uma forte dor de cabeça, que, à primeira vista, não parece ser motivo de preocupação.

Entretanto, em um dia comum como outro qualquer, a vida do casal vira de cabeça para baixo. Amanda desmaia na escola e é diagnosticada com um tumor cerebral inoperável. Ainda no hospital, Mike conhece Gaynor, a representante da Rivermind Technologies, uma empresa de alta tecnologia que oferece uma cirurgia de implante cerebral que promete remover o tumor e substituir o tecido cerebral afetado por tecido sintético, basicamente através de um “backup” do cérebro. A cirurgia é de graça, mas existem duas únicas exigências: o pagamento de uma taxa mensal de trezentos dólares para a assinatura do plano e

manter a paciente em uma determinada área de cobertura, visto que o sistema funciona de modo similar a uma operadora de celular.

**Figura 20** - Mike assinando os serviços da Rivermind



Fonte: Netflix, 2025

Inicialmente, o serviço parece funcionar, mas logo os problemas começam. Amanda começa a apresentar comportamentos de "mal-funcionamento", como dormir por longos períodos e, de forma inesperada, começa a anunciar propagandas comerciais aleatoriamente em sua fala diária, o que prejudica o seu emprego. Ao ser confrontada, Gaynor afirma que tais limitações podem ser contornadas ao assinar o plano "Plus", em vez do plano "Comum" atual, com aumento do custo para oitocentos dólares mensais.

**Figura 21** - Amanda anunciando produtos em sala de aula



Fonte: Netflix, 2025

Em busca de conseguir uma renda extra, Mike começa a fazer conteúdos na “Dum Dummies”, uma plataforma fictícia online onde os usuários aceitam solicitações dos espectadores para realizar tarefas humilhantes em troca de pagamento. Inicialmente, o

personagem as realiza usando uma máscara para proteger sua identidade, mas relutantemente revela seu rosto à medida que os custos dos planos se tornam insustentáveis.

**Figura 22** - Mike na plataforma “Dum Dummies”



Fonte: Netflix, 2025

Enquanto isso, um colega descobre as transmissões ao vivo de Mike na plataforma e as compartilha no trabalho. Ao descobrir, Mike reage violentamente, culminando em um acidente grave com seu amigo e, por conseguinte, na sua própria demissão. Sem condições financeiras de manter o plano sem anúncios, o casal tenta entrar em um acordo com a empresa até que Mike consiga outro emprego. Porém, tal tentativa de desespero é barrada pela total indiferença da representante da organização.

Em uma nova atualização, a empresa lança o plano “Lux”, que permite a potencialização de emoções e habilidades pelo preço de mil dólares. Porém, já sem emprego, Amanda retorna ao plano "Comum", dormindo 16 horas por dia e veiculando anúncios involuntariamente no pouco tempo que lhe resta acordada. Em um ato de sensibilidade, Mike compra um pacote temporário do serviço vip Lux, à pedido de Amanda que exausta de sua existência degradada, pede a Mike que ponha um fim ao seu sofrimento. Aumentando a serenidade de sua amada ao máximo, ele se despede de sua esposa, que como sua última exigência, pediu que Mike fizesse o serviço quando ela "não estivesse aqui".

À medida que o tempo do plano se esgota, em um ato de amor e desespero, ele a sufoca com um travesseiro enquanto ela faz um anúncio comercial. Em uma última cena, Mike se direciona ao mesmo quarto onde realizava as transmissões do "Dum Dummies", o que sugere um futuro sombrio e sem esperança para ele também.

**Figura 23** - Último anúncio de Amanda



Fonte: Netflix, 2025

#### **4.6.1 Análise de “Pessoas Comuns”**

O episódio aborda a utilização da inteligência artificial no âmbito da saúde, em um cenário distópico em que a consciência humana é convertida em dados manipuláveis por uma empresa privada de tecnologia médica. Ao transformar a atividade cerebral de Amanda em um sistema conectado, a narrativa expõe uma série de dilemas éticos vinculados à coleta, uso e mercantilização de dados pessoais.

Na trama, ao demonstrar uma suposta compaixão, oferecer suporte emocional e construir uma relação de confiança com o casal, a representante de Rivermind mascara as verdadeiras intenções da empresa. O que se apresentava como uma solução, ou até mesmo como um milagre, revelou-se uma estratégia comercial. Inicialmente, o tratamento foi apresentado como uma tecnologia avançada, capaz de reabilitar Amanda e restaurar sua vida normal por meio do backup de sua memória. No entanto, rapidamente tornou-se evidente que a coleta de informações tinha como finalidade principal o desenvolvimento de estratégias de segmentação publicitária, uma vez que os dados extraídos serviam de base tanto para a atualização dos planos oferecidos quanto para a veiculação direcionada de anúncios comerciais. Acerca do viés de uma tecnologia, Pierre Lévy (1999) pontua:

Uma técnica não é nem boa, nem má (isto depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), tampouco neutra (já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha o espectro de possibilidades). Não se trata de avaliar seus "impactos", mas de situar as irreversibilidades às quais um de seus usos nos levaria, de formular os projetos que explorariam as virtualidades que ela transporta e de decidir o que fazer dela (LÉVY, 1999, p. 24).

No episódio, observa-se que a lógica da vigilância não opera mais somente por controle retrospectivo, ou seja com foco no passado, mas sim por meio de técnicas que buscam prever comportamentos e induzir ações futuras. Os dados extraídos do cérebro de Amanda são utilizados para prever quais tipos de anúncios são mais eficazes em diferentes momentos de seu cotidiano, e, em seguida, inserir essas mensagens de forma automatizada em sua fala e pensamento. Tal lógica também já está presente na realidade contemporânea, conforme aponta Fernanda Bruno (2006, p. 157), vivemos um momento histórico em que a lógica de “ver adiante, de prever e prever” se impõe como racionalidade dominante nas práticas de vigilância e controle. Essa lógica de antecipação se manifesta, sobretudo, por meio da extração e interpretação de dados provenientes de múltiplas fontes, com o objetivo de mapear indivíduos e suas ações potenciais. Nesse caso, os dados são utilizados para moldar preferências, personalizar ofertas e direcionar estímulos que induzem ações futuras desejáveis do ponto de vista comercial.

Na narrativa, os dados não servem apenas para compreender o sujeito, mas para modificá-lo, orientando suas emoções, hábitos e percepções em direção a objetivos comerciais. Sob essa visão, novamente se faz uma conexão com o conceito da “sociedade de controle” de Deleuze (1990), uma vez que o episódio revela um cenário em que os sujeitos não são mais disciplinados por instituições fechadas, mas modulados continuamente por sistemas abertos e algoritmos que operam em tempo real. Amanda se torna um “divíduo”, um ser fragmentado, reduzido a padrões de dados e previsibilidade, operando dentro de limites estabelecidos por planos de assinatura.

A lógica apresentada pela empresa Rivermind evidencia um processo de naturalização da mercantilização e do controle subjetivo por meio da tecnologia, revelando o modo como modelos comerciais se infiltram nas dimensões mais íntimas do indivíduo. A estrutura de pacotes, que oferece benefícios como a redução de anúncios e a promessa de estabilidade emocional mediante o pagamento de valores mais altos, reforça uma lógica de privilégio baseado no consumo. Sob essa visão, é possível estabelecer semelhanças dessa lógica com o modelo contemporâneo de monetização da atenção presente em plataformas digitais como YouTube, Spotify e outros serviços de streaming, onde o usuário precisa pagar para ter uma experiência sem interrupções, mesmo em versões já pagas. No entanto, no caso do episódio, a intrusão não se limita mais à tela, mas alcança diretamente a mente do sujeito.

Quadro 3 - Análise da abordagem da IA no episódio “Pessoas Comuns”

Episódio	Dilemas éticos	Temáticas centrais
<b>Pessoas Comuns</b>	Uso da IA como sistema preditivo, através da coleta e controle de dados para manipulação e controle subjetivo	Lógica da preditividade, mercantilização dos dados e viés da IA

Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Esse controle abordado no quadro acima se manifesta sob a aparência de cuidado, refletindo o pensamento de Byung-Chul Han (2022), no qual o poder contemporâneo se infiltra no inconsciente coletivo justamente por se disfarçar de liberdade e de escolha individual. No episódio, Amanda aceita o procedimento como uma forma de preservar sua vida, acreditando estar no controle da situação. No entanto, sua subjetividade passa a ser gerida por pacotes de dados comercializados, que não apenas regulam sua funcionalidade física, mas também condicionam suas emoções. A partir desse momento, a personagem já não possui autonomia plena sobre o que sente ou pensa, o seu sistema cognitivo torna-se atravessado por comandos publicitários invisíveis, estrategicamente programados para estimular engajamento e transformar suas reações em valor mercadológico.

#### 4.7 Síntese das análises

Através da análise de “Joan é Péssima”, foi possível observar o quão expostos estamos no meio digital. À medida que os dispositivos de comunicação se integram cada vez mais ao cotidiano, os indivíduos acabam promovendo sua própria auto exposição, muitas vezes motivados por uma falsa sensação de liberdade, assim fazendo relação com as perspectivas de Byung-Chul Han (2022). Para além disso, evidencia-se o processo incessante de coleta de dados pessoais, que, independentemente de ocorrer de forma explícita ou consentida, reduz o sujeito a uma entidade codificável e controlável sob uma vigilância distributiva, conforme as proposições de Gilles Deleuze (1990) sobre o conceito da “sociedade de controle”.

Já na análise do episódio “Rachel, Jack e Ashley Too”, para além da exploração do ser “dividual”, é possível observar a desumanização do ato criativo, no qual o sujeito criador é reduzido a uma simples fonte de dados, desconsiderando aspectos fundamentais da criação, como a subjetividade, a sensibilidade e a complexidade humana. A partir das contribuições teóricas de Han (2019) e Csikszentmihalyi (2013), foi possível compreender o papel central da criatividade humana, reconhecendo que, embora a inteligência artificial possa atuar como

ferramenta de apoio, ela não substitui a profundidade e autenticidade do processo criativo originado no ser humano.

Por fim, a análise do capítulo “Pessoas Comuns” destaca a abordagem da lógica da preditividade de Fernanda Bruno (2006), na qual o “ver adiante, prever e predizer” se impõe como mecanismos de vigilância e controle. Essa lógica de antecipação se manifesta, sobretudo, por meio da mercantilização de dados, com o objetivo de mapear indivíduos e suas ações potenciais. Nesse contexto, os dados são utilizados para moldar preferências, personalizar ofertas e direcionar estímulos que induzem ações futuras desejáveis do ponto de vista comercial.

Quadro 4 - Análise comparativa dos episódios

<b>Episódios</b>	<b>Autores referenciados</b>	<b>Dilemas éticos</b>	<b>Temáticas centrais</b>	<b>Atuação da IA</b>
<b>Joan é Péssima</b>	Byung-Chul Han Gilles Deleuze	Vigilância distributiva, privacidade e liberdade ilusória	Sociedade de controle, sociedade da transparência e consentimento	IA como mecanismo de vigilância e coleta de dados
<b>Rachel, Jack e Ashley Too</b>	Byung-Chul Han Gilles Deleuze Mihaly Csikszentmihalyi	Desumanização do processo criativo e redução do sujeito a marca e produto	Produtividade, exploração do ser “dividual”, protagonismo humano	IA como ferramenta de exploração e substituição do sujeito criativo
<b>Pessoas Comuns</b>	Byung-Chul Han Fernanda Bruno Gilles Deleuze Pierre Lévy	Coleta e controle de dados para manipulação e controle subjetivo	Lógica da preditividade, mercantilização dos dados, viés da IA	IA como sistema preditivo, orientado por dados de consumidores

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Com base na análise dos três episódios, observa-se como as inteligências artificiais acentuam implicações éticas nas dinâmicas de controle, vigilância e mercantilização dos sujeitos. A partir da auto exposição incentivada por plataformas digitais, da mediação de informação, da desumanização dos processos criativos e da lógica preditiva de antecipação de comportamentos, percebe-se um cenário em que o indivíduo é gradativamente reduzido a dados manipuláveis, perdendo autonomia e subjetividade.

Desse modo, essas análises revelam a necessidade de refletirmos criticamente sobre a integração das tecnologias ao cotidiano, buscando alternativas que valorizem a complexidade humana frente aos processos de automatização e controle que se intensificam no mundo contemporâneo. Como destaca Marilena Chauí (2000), torna-se essencial a imposição de valores éticos, uma vez que assumem um papel central na defesa da dignidade humana, funcionando como limites necessários contra qualquer forma de manipulação que possa reduzir os sujeitos a meros objetos de controle. Ademais, como aponta Manuel Castells (2002), é essencial compreender e acompanhar de perto o funcionamento desses sistemas, a fim de gerir e mitigar seus efeitos. Assim, o acompanhamento crítico e ético do desenvolvimento tecnológico é imprescindível para garantir que as tecnologias atuem como instrumentos de fortalecimento humano e não como dispositivos de dominação.

## **5 CONCLUSÃO**

A ascensão das tecnologias digitais no contexto contemporâneo tem reconfigurado profundamente as estruturas sociais, políticas e culturais que sustentam a vida em sociedade. A inteligência artificial, em especial, ocupa um papel central nesse processo, ao ser incorporada em sistemas de comunicação, plataformas digitais e processos de consumo.

Diante desse cenário de intensificação tecnológica, a presente pesquisa propôs a identificação e a análise crítica dos dilemas éticos emergentes na relação entre inteligências artificiais e comunicação, buscando compreender de que forma essas tecnologias adentram e impactam o cotidiano dos indivíduos.

Para isso, inicialmente o estudo explorou a definição, origem, características fundamentais e desdobramentos da IA no contexto contemporâneo de expansão digital, com base nas contribuições teóricas de autoras como Dora Kaufman (2019) e Lúcia Santaella (2023). Junto a isso, foram analisadas as formas de aplicação da IA no cotidiano atual,

destacando sua presença e influência em diversos âmbitos da vida social, como no campo da educação, saúde e comunicação.

Em seguida, a pesquisa evidenciou que essa tecnologia não possui uma natureza “boa ou ruim”. Seu impacto na sociedade está diretamente relacionado à forma como é desenvolvida, implementada e utilizada, o que, por sua vez, depende das intenções, interesses e valores daqueles que a projetam e operam. Desse modo, consoante as perspectivas de Marilena Chauí (2000), Manuel Castells (2002) e Pierre Lévy (2010), destacou-se a importância de compreender o funcionamento desses sistemas tecnológicos e orientar sua utilização com base em princípios éticos, capazes de garantir uma aplicação responsável e consciente.

Ao longo deste trabalho, observou-se que a cibercultura tem reconfigurado os modos de produção, distribuição e consumo de conteúdos midiáticos. Tal cenário favorece a descentralização da informação, amplia a participação ativa dos usuários na criação de conteúdos e torna cada vez mais tênue a distinção entre emissores e receptores. Nesse contexto, o desenvolvimento acelerado da inteligência artificial adiciona novas camadas de complexidade, levantando dilemas éticos relacionados à criatividade.

Logo, embora essas transformações abram espaço para novas possibilidades expressivas e colaborativas, elas demandam uma reflexão crítica acerca dos modos como os conteúdos são produzidos e consumidos. Nesse contexto, considerando a perspectiva de Mihaly Csikszentmihalyi (2013), que entende o processo criativo como um fenômeno cultural e cumulativo, não é adequado supor que a criatividade gerada por máquinas possa superar a criatividade humana, uma vez que a inteligência artificial ainda não possui a capacidade de compreender e reproduzir integralmente a complexidade cognitiva e emocional que fundamenta a criatividade humana. Dessa forma, a IA deve ser encarada não como uma substituta do ser humano, mas como uma ferramenta capaz de ampliar e potencializar suas habilidades criativas, funcionando como uma extensão da criatividade humana.

Ademais, a partir da análise fílmica dos episódios da série *Black Mirror* e dos paralelos estabelecidos entre os dilemas éticos apresentados na obra e as realidades do mundo contemporâneo, foi possível identificar como o uso de sistemas inteligentes em diferentes contextos desafia princípios éticos tradicionais. Com base em Deleuze (1990), Han (2022) e Bruno (2006) evidenciou-se, principalmente, a intensificação dos mecanismos de controle social, expressos pela vigilância distribuída, manipulação de comportamentos e pela transformação de dados pessoais em mercadoria.

Diante de todas as reflexões apresentadas, é possível concluir que a relação entre inteligência artificial e comunicação, no contexto da cibercultura contemporânea, evidencia a importância de construir caminhos que promovam o uso consciente da inteligência artificial, pautado em limites e critérios que garantam a pluralidade e os valores humanos que sustentam uma sociedade democrática. Ressalta-se, ainda, a importância da realização de pesquisas futuras sobre essa temática, considerando que o avanço contínuo das inteligências artificiais e sua inserção em novas esferas da vida social trarão desafios éticos cada vez mais complexos.

Em suma, com a construção dessa pesquisa, pretende-se impactar tanto profissionais da comunicação quanto usuários em geral. No âmbito profissional, o estudo busca colaborar para a formação de comunicadores críticos e reflexivos, capazes de questionar as soluções tecnológicas propostas pelo mercado e de adotar práticas comunicacionais que priorizem valores éticos e democráticos. Já para o público em geral, a pesquisa visa ampliar a compreensão sobre como a IA influencia suas escolhas, comportamentos e relações sociais, muitas vezes de forma imperceptível. Assim, espera-se contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade com uma postura mais crítica, consciente e questionadora diante das tecnologias inseridas no cotidiano e seus impactos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

15 anos sem Michael Jackson: as polêmicas músicas lançadas após a morte do cantor. G1, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2024/06/25/15-anos-sem-michael-jackson-as-polêmicas-musicas-lancadas-apos-a-morte-do-cantor.ghtml>. Acesso em: 04 jul. 2025.

ALMEIDA, Maria. O método 6: ética. Revista FAMECOS, v. 12, n. 27, 13 abr. 2005.

ALTMAN, Max. Hoje na História: 1905 - 'Nickelodeon' de Pittsburgh introduz o cinema nos EUA. OperaMundi, 2011. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/historia/hoje-na-historia-1905-nickelodeon-de-pittsburgh-introduz-o-cinema-nos-eua/>. Acesso em: 28 jun. 2025.

ARBEX, Gabriela et al. Até 2022, 70% de todas as interações com clientes envolverão chatbots, machine learning e mensagens pelo celular. Forbes, 2020. Disponível em <https://forbes.com.br/forbes-tech/2020/03/ate-2022-70-de-todas-as-interacoes-com-clientes-envolverao-chatbots-machine-learning-e-mensagens-pelo-celular/>. Acesso em: 05 mai. 2025.

BADMAN, Annie et al. O que são dados? IBM, 2024. Disponível em: <https://www.ibm.com/br-pt/think/topics/data>. Acesso em: 16 jun. 2025.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

Big Data: o que é, importância e exemplos. Salesforce, 2024. Disponível em: <https://www.salesforce.com/br/blog/big-data/>. Acesso em: 05 mai. 2025.

Black Mirror. IMDB. Disponível em: <<https://www.imdb.com/pt/title/tt2085059/>>. Acesso em: 29 jun. 2025.

BOSTROM, Nick. **Superintelligence: Paths, Dangers, Strategies**. Londres: Oxford University Press, 2014.

BROOKER, Charlie. Charlie Brooker: o lado negro do nosso vício em gadgets. The Guardian, 2012. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2011/dec/01/charlie-brooker-dark-side-gadget-addiction-black-mirror>. Acesso em: 29 jun. 2025.

BRUNO, Fernanda. Dispositivos de vigilância no ciberespaço: duplos digitais e identidades simuladas. v. 8, n. 2, p. 152–159, 1 jan. 2006.

CADWALLADR, Carole et al. Revelado: 50 milhões de perfis do Facebook foram coletados pela Cambridge Analytica em grande violação de dados. The Guardian, 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/cambridge-analytica-facebook-influence-us-election>. Acesso em: 17 mai. 2025.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz E Terra, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofiar**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

COHEN, Luc. Os avanços da IA correm o risco de facilitar o crime cibernético, dizem as principais autoridades dos EUA. Reuters, 2024. Disponível em: <https://www.reuters.com/technology/cybersecurity/ai-advances-risk-facilitating-cyber-crime-top-us-officials-say-2024-01-09/>. Acesso em 16 jun. 2025.

CREVIER, Daniel. **AI: The tumultuous history of the search for artificial intelligence**. Londres, England: Basic Books, 1993.

CSIKSZENTMIHALYI, M. Creativity: flow and the psychology of discovery and invention. New York ; London: Harper Collins, 2013.

Database Marketing: saiba o que é e como funciona. Mais Retorno, 2021. Disponível em: <https://maisretorno.com/portal/termos/d/database-marketing>. Acesso em: 20 jun. 2025.

DECARIS, Fernanda. Madonna proíbe uso de hologramas após sua morte. Rolling Stone Brasil, 2023. Disponível em: <https://rollingstone.com.br/noticia/madonna-proibe-uso-de-hologramas-apos-sua-morte/>. Acesso em: 04 jul. 2025.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1990.

DORES, Kelly. Cresce o uso de dados no marketing e na publicidade. PropMark, 2017. Disponível em: <https://propmark.com.br/cresce-o-uso-de-dados-no-marketing-e-na-publicidade/amp/>. Acesso em: 22 jun. 20

Dutch Digital Design. O próximo Rembrandt: trazendo o Velho Mestre de volta à vida. Medium, 2018. Disponível em: <https://medium.com/@DutchDigital/the-next-rembrandt-bringing-the-old-master-back-to-life-35dfb1653597>. Acesso em: 20 jun. 2025.

FARIA, Isabella. Brasil em Série. Casper. Disponível em: <https://revistacasper.casperlibero.edu.br/edicao-16/brasil-em-serie/#:~:text=O%20primeiro%20seriado%20televisivo%20foi,primeiro%20de%20abril%20de%201960>. Acesso em: 27 jun. 2025.

FARIAS, Taís. Como a IA impacta a produção de publicidade. Meio e Mensagem, 2023. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/talento/ia-na-producao>. Acesso em: 10 mai. 2025.

FLICK, Uwe. **A companion to qualitative research**. London: Sage, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FÜLLER, Johann et al. How AI revolutionizes innovation management—Perceptions and implementation preferences of AI-based innovators. *Technological Forecasting and Social Change*, v.178, p.121598, 2022. Acesso em: 10 mai. 2025.

GARMES, Eric. Os dados são o novo petróleo — e as big techs perceberam isso. *Olhar Digital*, 2024. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2024/08/18/colunistas/os-dados-sao-o-novo-petroleo-e-as-big-techs-perceberam-isso>. Acesso em: 16 jun. 2025.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRIFFIN, André. Avanço no Teste de Turing: supercomputador se torna o primeiro a nos convencer de que é humano. *The Independent*, 2014. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/tech/computer-becomes-first-to-pass-turing-test-in-artificial-intelligence-milestone-but-academics-warn-of-dangerous-future-9508370.html>. Acesso em: 16 mai. 2025.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: Digitalização e a Crise da Democracia**. [s.l.]: Editora Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. [s.l.] Editora Vozes, 2019.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. [s.l.] Editora Vozes Limitada, 2017.

HARARI, Noah. **Sapiens : História Breve da Humanidade: de animais a deuses**. Editora: Lisboa: Elsinore, 2019.

HESSEL, Ana et al. Criatividade da Inteligência Artificial Generativa. *TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, n. 28, 2023, p. 119-130.

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. **A vantagem humana: como nosso cérebro se tornou superpoderoso**. [s.l.] Editora Companhia das Letras, 2017.

Humanidade em protagonismo. *Meio e Mensagem*, 2025. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/cannes/diario-cannes/humanidade-em-protagonismo>. Acesso em: 22 jun. 2025.

KAUFMAN, Dora. **A inteligência artificial irá suplantar a inteligência humana?** [s.l.] Editora: Estação das Letras e Cores, 2019.

KLEINA, Nilton. Afinal, o que significa Black Mirror? Entenda o nome da série. *TecMundo*, 2023. Disponível em: [https://www.tecmundo.com.br/minha-serie/265991-significa-black-mirror-entenda-o-nome-serie.htm#google\\_vignette](https://www.tecmundo.com.br/minha-serie/265991-significa-black-mirror-entenda-o-nome-serie.htm#google_vignette). Acesso em: 29 jun. 2025.

LEMOS, André et al. Câmeras de vigilância e cultura da insegurança: percepções sobre as câmeras de vigilância da UFBA. *Alceu*, Salvador, v. 12, n. 11, p. 143-153, 10 nov. 2011.

LEMOS, André. **Isso (não) é muito Black Mirror**. [s.l.] SciELO - EDUFBA, 2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo (Sp): Ed. 34, 1999.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. [s.l.] Editora Senac São Paulo, 2000.

MAGLIO, Tony. 42% of Film and TV Production Workers Say AI Will 'Harm' Them. IndieWire, 2024. Disponível em:

<https://www.indiewire.com/news/analysis/film-tv-production-workers-say-ai-will-harm-them-exclusive-1234966904/>. Acesso em: 20 mai. 2025.

MARTINS, Fernando. Quais foram as primeiras séries de TV? Folha de Pernambuco, 2018. Disponível em:

[https://www.folhape.com.br/colunistas/uma-serie-de-coisas/quais-foram-as-primeiras-series-de-tv/17194/#google\\_vignette](https://www.folhape.com.br/colunistas/uma-serie-de-coisas/quais-foram-as-primeiras-series-de-tv/17194/#google_vignette). Acesso em: 27 jun. 2025.

MCCORDUCK, Pamela. **Machines Who Think**. Nova Iorque, NY, USA: W.H. Freeman, 1979.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Editora Cultrix, 1964.

MENEZES, Pedro. Diferença entre ética e moral. Significados. Disponível em:

<https://www.significados.com.br/diferenca-entre-etica-e-moral/>. Acesso em: 05 jun. 2025.

MENEZES, Pedro. Ética. Toda Matéria. Disponível em:

<https://www.todamateria.com.br/etica/>. Acesso em: 05 jun. 2025

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MUCCI, Tim et al. O que é superinteligência artificial?. IBM, 2023. Disponível em:

<https://www.ibm.com/br-pt/think/topics/artificial-superintelligence>. Acesso em: 12 jun. 2025.

NADALE, Marcel. Qual foi a primeira série de TV? Super Interessante, 2024. Disponível em:

<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-foi-a-primeira-serie-de-tv/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

PACETE, Luiz. O que diz a carta assinada por Musk e milhares contra experimentos de IA?. Forbes, 2023. Disponível em:

<https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/o-que-diz-a-carta-assinada-por-musk-e-milhares-contras-experimentos-de-ia/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

PACETE, Luiz. “O mérito do ChatGPT foi transcender a ficção”, diz presidente da OpenAI no SXSW. Forbes, 2023. Disponível em:

<https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/03/o-merito-do-chatgpt-foi-transcender-a-ficcao-diz-presidente-da-openai-no-sxsw/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

Pause Giant AI Experiments: An Open Letter. Future of Life, 2023. Disponível em:

<https://futureoflife.org/open-letter/pause-giant-ai-experiments/>. Acesso em: 12 jun. 2025.

PENAFRIA, Manuela. Análise de filmes: conceitos e metodologia(s). In: VI Congresso SOPCOM. Lisboa, 2009.

PICQ, P. **L'intelligence artificielle et les chimpanzés du futur: pour une anthropologie des intelligences**. Paris: Odile Jacob, 2019.

PIMENTA, Guilherme. A Ética na Inteligência Artificial: tudo o que você precisa saber. Rockcontent, 2023. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/a-etica-na-inteligencia-artificial/>. Acesso em: 01 jun. 2025.

PINHEIRO, Augusto. Redes Neurais Artificiais. Medium, 2019. Disponível em: [https://medium.com/@augusto\\_Pinheiro/redes-neurais-artificiais-133de77c7240](https://medium.com/@augusto_Pinheiro/redes-neurais-artificiais-133de77c7240). Acesso em: 08 mai. 2025.

PLAZA, William. ChatGPT levou apenas 5 dias para alcançar 1 milhão de usuários, veja o comparativo com outros serviços da internet. Hardware, 2023. Disponível em: <https://www.hardware.com.br/noticias/chatgpt-apenas-5-dias-1-milhao-de-usuarios-veja-comparativo-outros-servicos-internet/>. Acesso em: 08 jun. 2025.

RAMOS, Angél. “Acho ótimo que ‘Black Mirror’ provoque terror. É disso que se trata”. El País, 2016. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/14/cultura/1476445649\\_428143.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/14/cultura/1476445649_428143.html). Acesso em: 29 jun. 2025.

RIPARI, César. Por que dados são considerados o novo petróleo?. Administradores, 2022. Disponível em: <https://www.administradores.com.br/noticias/por-que-dados-sao-considerados-o-novo-petroleo/>. Acesso em: 16 jun. 2025.

SACCHITIELLO, Bárbara. Inteligência artificial e publicidade: quais os limites? Meio e mensagem, 2023. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/comunicacao/inteligencia-artificial-e-publicidade-quais-os-limites-da-mensagem-criativa>. Acesso em: 20 mai. 2025.

SANTAELLA, Lucia. Por que é imprescindível um manual ético para a Inteligência Artificial Generativa? TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas, n. 28, 2023, p. 7–24.  
SANTIAGO, Larissa. Studio Ghibli: onda nas redes sociais reacende debate sobre IA e direito autoral. Meio e Mensagem, 2025. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/marketing/studio-ghibli-onda-nas-redes-sociais-reacende-debate-sobre-ia-e-direito-autoral>. Acesso em: 22 jun. 2025.

SANTOS, Alana. Netflix lança site que te coloca como capa de série. Publicitários Criativos, 2023. Disponível em: <https://www.publicitarioscriativos.com/netflix-lanca-site-que-te-coloca-como-capa-de-serie/>. Acesso em: 03 jul. 2025.

SILVA, M. V. B. Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. Galáxia (São Paulo), v. 14, n. 27, p. 241–252, jun. 2014.

Studio Ghibli: ChatGPT ganha 1 milhão de usuários em 1h com a trend. CNN, 2025.

Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/studio-ghibli-chatgpt-ganha-1-milhao-de-usuarios-em-1h-com-a-trend>. Acesso em: 22 jun. 2025.

TAULLI, Tom. **Introdução à Inteligência Artificial**. [s.l.] Novatec Editora, 2019.

Tipos de inteligência artificial: conheça os 3 principais. PósPUCPRdigital, 2023. Disponível em: <https://posdigital.pucpr.br/blog/tipos-de-inteligencia-artificial>. Acesso em: 05 mai. 2025.

TOLEDO, Victor et al. Machine Learning: o que é, como funciona e quais são os tipos de aprendizado de máquina. Tecnoblog, 2025. Disponível em:

<https://tecnoblog.net/responde/machine-learning-o-que-e-como-funciona-e-quais-sao-os-tipos-de-aprendizado-de-maquina/>. Acesso em 05 mai. 2025.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2002.

VINICIUS, Lucas. O impacto da inteligência artificial nas greves de Hollywood.

Febrabantech, 2023. Disponível em:

<https://febrabantech.febraban.org.br/especialista/renato-opice-blum/o-impacto-da-inteligencia-artificial-nas-greves-de-hollywood>. Acesso em: 20 mai. 2025.

Vocês sabem como nasceu a primeira adaptação do Sítio do Pica-Pau Amarelo para a televisão? Não? Clica no link e vem comigo! Lobato com Você, 2021. Disponível em:

<https://www.lobato.com.br/2021/12/voces-sabem-como-nasceu-a-primeira-adaptacao-do-sitio-do-pica-pau-amarelo-para-a-televisao-nao-clica-no-link-e-vem-comigo/#:~:text=Os%20epis%C3%B3dios%20sempre%20come%C3%A7avam%20com,com%20muito%20senso%20de%20humor>. Acesso em: 27 jun. 2025.

ZAGUI, Alexandre. Leo Burnett Tailor Made absorve a Neogama. Meio e Mensagem, 2017.

Disponível em:

<https://www.meioemensagem.com.br/comunicacao/leo-burnett-tailor-made-absorve-a-neogama>. Acesso em: 20 jun. 2025.

## REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

**JOAN é péssima**. In: BLACK Mirror. Criação de Charlie Brooker. Direção de Ally Pankiw. Reino Unido: Netflix, 2023. 58 min. Temporada 6, episódio 1. Série exibida pela Netflix. Acesso em: 14 jul. 2025.

**RACHEL, Jack e Ashley Too**. In: BLACK Mirror. Criação de Charlie Brooker. Direção de Anne Sewitsky. Reino Unido: Netflix, 2019. 67 min. Temporada 5, episódio 3. Série exibida pela Netflix. Acesso em: 14 jul. 2025.

**PESSOAS comuns**. In: BLACK Mirror. Criação de Charlie Brooker. Direção de Ally Pankiw. Reino Unido: Netflix, 2025. 57 min. Temporada 6, episódio 5. Série exibida pela Netflix. Acesso em: 14 jul. 2025.